

## **SEJA ALEGRE** Warren W. Wiersbe

<http://teltelestai.blogspot.com/2010/06/seja-alegre-warren-w.html>

Mark Twain era um humorista profissional, cujas palestras e escritos faziam rir as pessoas de qualquer parte do mundo, que esqueciam assim, por algum tempo, os seus problemas. Todavia, ele próprio sentia-se destrozado na sua vida privada. Quando a sua querida filha, Jean, morreu de repente de um ataque epiléptico, Twain, que se encontrava muito doente e por isso impossibilitado de ir ao funeral, disse a um amigo: «Nunca tive realmente inveja de ninguém, a não ser dos mortos. Sempre invejo os mortos.»

Jesus Cristo foi um «homem de dores e experimentado nos trabalhos». Contudo, possuía uma alegria profunda que ultrapassava tudo o que o mundo pudesse oferecer. Ao enfrentar a morte cruel no Calvário, Jesus disse aos Seus discípulos: «Tenho-vos dito isto, para que o Meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo» (João 15:11).

Aqueles que confiam em Cristo têm o privilégio de experimentar «abundância de alegrias» (Sal., 16:11). No entanto, poucos cristãos se aproveitam deste privilégio. Passam a vida sob uma nuvem de decepções, quando, afinal, podiam andar sob o resplendor da alegria. O que é que os terá privado da sua alegria?

A resposta a esta importante questão encontra-se numa carta escrita há séculos. Foi redigida pelo Apóstolo Paulo quando ele se encontrava prisioneiro em Roma, cerca do ano 62 A. D.; foi enviada aos seus companheiros cristãos da igreja de Filipos, uma igreja que Paulo havia fundado na sua segunda viagem missionária (Atos 16). Um dos seus membros, Epafrodito, fora enviado a Roma como portador de uma oferta especial para o apóstolo e também para o ajudar naquele período difícil (Fil. 2:25-30; 4:10-20). A epístola de Paulo à igreja de Filipos é, até certo ponto, uma carta de agradecimento de um missionário. Mas de fato é muito mais do que isso. É um meio de Paulo partilhar o seu segredo a respeito da alegria cristã! O apóstolo menciona pelo menos dezenove vezes nestes quatro capítulos as palavras gozo, regozijo ou alegria!

O que há de invulgar quanto a esta carta é o seguinte: a situação de Paulo era de tal ordem que não parecia haver razão para se regozijar. Ele era prisioneiro Romano e o seu caso iria ser julgado dentro em pouco. Poderia ser absolvido ou decapitado! Em Atos 28:30-31 vemos que Paulo estava sob prisão na própria casa que alugara, mas achava-se ligado por algemas a um soldado Romano e não tinha permissão de pregar em público. Paulo desejara ir a Roma como pregador (Rom. 1:13-16). Em vez disso, chegou lá como prisioneiro. E, infelizmente, os crentes de Roma encontravam-se divididos. Alguns eram a favor de Paulo, outros contra (Fil. 1:15-17). De fato, alguns dos cristãos ainda pretendiam agravar a situação do Apóstolo!

No, entanto, apesar do perigo e desconforto, em que se encontrava, Paulo transbordava de alegria.

Qual era o segredo dessa alegria? O segredo encontrava-se numa outra palavra que aparece repetidas vezes na Epístola aos Filipenses: é a palavra mente. Paulo usa esse termo dez vezes, e emprega também a palavra pensar cinco vezes. Juntando a estas o número de vezes em que emprega lembrar, teremos um total de dezesseis referências à mente. Por outras palavras, o segredo da alegria cristã encontra-se no modo de pensar do crente — nas suas atitudes. Afinal de contas, a perspectiva determina o resultado. Como pensamos, assim somos (Prov. 23:7). A Epístola aos Filipenses é pois um livro de psicologia cristã, com bases sólidas na doutrina bíblica. Não se trata de um livro superficial de «auto-ajuda» que diz ao leitor como se deve convencer de que «tudo vai correr bem». É um livro que mostra o tipo de mente que o crente deve ter para poder experimentar a alegria cristã num mundo cheio de problemas.

A melhor maneira de se conseguir um quadro exato desta carta é de cobrir primeiro os «ladrões» que nos roubam a alegria, e depois determinar os tipos de atitudes que devemos ter a fim de capturar e vencer esses «ladrões».

## **Os Ladrões que nos Roubam a Alegria**

Muitos de nós teremos de confessar que quando as coisas nos correm «a jeito» sentimo-nos muito mais felizes e somos mais tratáveis. «O meu pai deve ter tido hoje um dia bom no emprego » — disse a pequenita Peggy à amiga que a viera visitar — «hoje não fez barulho com os pneus ao entrar aqui no parque, não bateu com a porta ao entrar em casa e deu mesmo um beijo à minha mãe!»

Já alguma vez nos detivemos a considerar quão poucas são as circunstâncias que estão realmente sob o "nosso controlo? Não temos qualquer poder sobre as condições atmosféricas ou sobre o trânsito numa estrada, ou mesmo sobre o que outras pessoas dizem e fazem. A pessoa que faz depender a sua felicidade de circunstâncias ideais acaba por passar a maior parte do tempo num estado miserável. O poeta Byron escreveu: «Os homens são o passatempo das circunstâncias». No entanto, aqui vemos o apóstolo Paulo na pior das circunstâncias a escrever uma carta repleta de alegria!

## **2. As pessoas**

A minha filha saltou do autocarro da escola que havia parado em frente da nossa casa e precipitou-se pela porta da frente. Galgou com ar desafiador as escadas que conduziam ao quarto e bateu com a porta. Estava constantemente a resmungar em voz baixa: «Pessoas — pessoas — pessoas — PESSOAS!»

Fui até à porta do quarto e bati de mansinho.

«Posso entrar?»

Ela respondeu: «Não!»

Tentei de novo, mas repetiu num tom ainda mais aborrecido: «NÃO!»

Perguntei-lhe: «Por que não posso entrar?»

A sua resposta foi: «Porque és uma pessoa!» Todos nós temos perdido a nossa alegria por causa de pessoas: pelo que são, pelo que dizem e pelo que fazem. (Sem dúvida que também nós próprios temos contribuído para tornar qualquer outra pessoa infeliz. A coisa funciona nos dois sentidos). A verdade é que nós temos de viver e trabalhar com pessoas; mas não nos podemos isolar e continuar a viver para glorificar a Cristo. Somos a luz do mundo e o sal da terra. Contudo, há ocasiões em que a luz se ofusca e o sal se torna mais amargo por causa (doutros pessoas. Haverá alguma maneira de ter alegria a despeito das pessoas?

### **3. Coisas**

Um homem rico estava a fazer a mudança para a sua mansão, enquanto um seu vizinho quacre, que acreditava na simplicidade da vida, observava atentamente os seus movimentos. Contou o número de cadeiras e de mesas e a grande quantidade de bric-à-brac que era transportada para dentro de casa. Por fim, disse para o dono da casa: «Vizinho, se precisar de alguma coisa, venha ter comigo e eu lhe mostrarei como pode passar sem ela!»

Abraão Lincoln seguia por uma rua abaixo com os dois filhos que choravam e brigavam.

«Que se passa com os rapazes?» —perguntou--lhe um amigo.

«A mesma coisa que acontece com toda a gente» — respondeu Lincoln. «Eu tenho três nozes e cada um deles quer duas!»

Coisas! Como elas podem ser ladrões! Todavia, Jesus disse: «A vida de qualquer não consiste na abundância do que possui» (Lucas 12:15). No Sermão da Montanha, Jesus alertou-nos contra o ajuntar tesouros na terra: não são seguros, não duram e nunca satisfazem. No entanto, a maior parte das pessoas hoje em dia pensa que a alegria vem das coisas que possuem. Na realidade, as coisas podem roubar-nos o único tipo de alegria que de fato permanece.

### **4. Preocupação**

Este é o pior de todos os ladrões! Quantas pessoas têm perdido a paz e a satisfação por causa da preocupação. De fato, a preocupação tem mesmo consequências físicas, e embora os medicamentos possam afastar os sintomas, não podem remover a causa. A preocupação é algo interior. Pode-se comprar «sono» na Farmácia, mas não se pode comprar «descanso».

Se Paulo tivesse querido preocupar-se, teria muitas ocasiões para tal. Era um prisioneiro político que possivelmente iria ser executado. Os seus amigos em Roma encontravam-se divididos nas atitudes em relação ao seu caso. Ele não contava com qualquer junta missionária a apoiá-lo, e nenhuma lei social o defendia. Não obstante todas estas dificuldades Paulo não se preocupa! Pelo contrário, escreve uma carta transbordante de alegria e diz-nos como podemos deixar de preocupar-nos.

São estes, pois, os quatro ladrões que nos roubam a alegria: as circunstâncias, as pessoas, as coisas e a preocupação. Como é que iremos apanhar estes ladrões e impedi-los de roubar a alegria que temos por direito em Cristo? A resposta é esta: Temos de cultivar o tipo correto de mente. Se a perspectiva determina o resultado, então a atitude mental que desenvolvemos em nós irá determinar a nossa alegria, ou a falta dela. Nos quatro capítulos de Filipenses, Paulo descreve as quatro atitudes da mente que resultarão em alegria, apesar das circunstâncias, das pessoas e das coisas, e que nos livrarão de preocupações.

### **As Quatro Atitudes que Conservam a nossa Alegria**

«O homem de coração dobre é inconstante em todos os seus caminhos» (Tiago 1:8). Ou, aplicando o velho provérbio latino, «Quando o piloto não sabe para que porto segue nenhum vento sopra a favor.» A razão porque muitos cristãos se sentem perturbados pelas circunstâncias, é não cultivarem a «mente integral». Paulo expressa esta atitude de devoção total a Cristo nestas palavras: «Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é ganho» (1:21).

No capítulo I, Paulo fala das suas circunstâncias difíceis e enfrenta-as honestamente. Contudo, essas circunstâncias não lhe roubam a alegria porque ele não vive para gozar as circunstâncias. Vive para servir a Jesus Cristo. É um homem com um propósito: «Uma coisa faço» (3:13). Ele não vê as circunstâncias em si mesmas, mas antes em relação a Jesus Cristo. Ele não é um prisioneiro de Roma; é sim «o prisioneiro de Jesus Cristo» (Efésios 3:1). As cadeias que usa são «as minhas prisões em Cristo» (Fil. 1:13). Não se considera perante um julgamento civil; está «posto para defesa do Evangelho» (1:16). Paulo não olhava para Cristo através das circunstâncias; pelo contrário, encarava as circunstâncias através de Cristo — e isso mudava tudo.

Quando o cristão possui uma mente integral, preocupa-se com a comunhão do Evangelho (1:1-11), com o avanço do Evangelho (1:12-26), e com a fé do Evangelho (1:27-30). Paulo regozijava-se nas suas circunstâncias penosas, porque elas ajudavam-no a fortalecer a sua comunhão com outros cristãos, davam-lhe oportunidades de conduzir outros a Cristo e permitiam-lhe defender o Evangelho perante os tribunais de Roma. Quando possuímos uma mente integral, as circunstâncias actuam a nosso favor e não contra nós.

## **2. A Mente Submissa — Filipenses 2**

Este capítulo foca a nossa atenção sobre as pessoas, e o versículo chave diz: «Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores (mais importantes) a si mesmos» (v. 3). No capítulo I, Paulo põe Cristo em primeiro lugar. Neste capítulo põe os outros em segundo lugar. Isto significa que ele se coloca em último lugar! A razão porque as pessoas nos ofendem tanto encontra-se geralmente no fato de não estarmos no lugar certo. Se passamos a vida a pôr a nossa

própria pessoa em primeiro plano e os outros fazem o mesmo em relação a si próprios, então é mais que certo que se irão travar conflitos horríveis em muitos pontos.

Certa vez, uma senhora entrou com o filhinho num elevador para ir ao consultório médico. No segundo andar, entrou um grupo de pessoas, entre as quais uma senhora bastante forte. Enquanto o elevador subia, o silêncio foi subitamente interrompido por um grito saído dos lábios da volumosa passageira. Ela voltou-se para a mãe da criança e disse: «O seu filho acaba de me morder!»

A senhora ficou horrorizada, mas o rapazito explicou à sua maneira: «Ela sentou-se na minha cara e eu mordei-lhe!»

O que se passou naquele elevador passa-se em toda a parte: pessoas e nações mordem-se mutuamente porque se sentem prejudicadas ou comprimidas.

Todavia, o cristão que possui uma mente submissa não fica à espera que os outros o sirvam; é ele que serve. Considera o bem dos outros como mais importante que os seus próprios planos e desejos.

No capítulo 2 encontramos quatro exemplos maravilhosos de uma mente submissa: Jesus Cristo (2:1-11), Paulo (2:12-18), Timóteo (2:19-24) e Epafrodito (2:25-30). Cada um destes exemplos prova este princípio: «Portanto, qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado» (Lucas 14:11).

### **3. A Mente Espiritual — Filipenses 3**

Neste capítulo, Paulo usa onze vezes a palavra coisas. Salienta que muitas pessoas «só pensam nas coisas terrenas» (v. 19), mas que o cristão que possui uma mente espiritual está interessado acima de tudo nas coisas celestiais. «Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo» (v. 20). A pessoa com mente espiritual olha para as coisas deste mundo sob o ponto de vista do céu — e que diferença isso faz!

Quando cinco missionários foram martirizados pelos Aucas, no Equador, alguns jornais e revistas consideraram a tragédia como um grande desperdício de vidas. Embora o sucedido causasse profunda dor e sofrimento aos amigos e queridos, os acontecimentos posteriores provaram que as suas mortes não foram um «desperdício» nem para eles nem para o mundo. As palavras de Jim Eliott estavam certas: «Não é tolo nenhum aquele que dá o que não pode conservar para ganhar aquilo que não pode perder.»

A ânsia por «coisas» rouba a alegria às pessoas, incluindo os cristãos. Queremos ter coisas e descobrimos então que são elas que tomam posse de nós. O único caminho para a vitória e para a alegria é ter uma mente espiritual e olhar para as coisas do ponto de vista de Deus. Como Paulo, devemos ser contabilistas de valores autênticos (3:1-11), atletas com verdadeiro vigor (3:12-16) e estrangeiros com uma visão correta (3:17-21). «Eu conto... Eu prossigo... Eu espero» são os verbos que descrevem o homem com uma mente espiritual.

#### 4- A Mente Segura — Filipenses 4

A preocupação é de fato um pensamento errado (a mente) e um sentimento errado (o coração) a respeito das circunstâncias, das pessoas e das coisas. Desse modo, se temos uma mente integral, submissa e espiritual, não devemos afligir-nos com a preocupação. Tudo o que precisamos é de guardar o coração e a mente, de maneira que a preocupação não possa penetrar neles. Paulo descreve assim a mente segura: «E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus» (v. 7). Essa palavra, guardará é um termo militar; significa «estar de guarda, colocar forças militares.» (Paulo estava preso a um soldado, como certamente recordamos).

O capítulo 4 descreve os recursos espirituais que o crente tem em Cristo: a paz de Deus (4:1-9), o poder de Deus (4:10-13) e a provisão de Deus (4:14-23). Com recursos como estes porque haveríamos de nos preocupar? Temos a paz de Deus para nos guardar (v. 7) e o Deus de paz para nos guiar (v. 9). A paz de Deus entra em nós quando oramos corretamente (vs. 6-7), pensamos corretamente (v. 8) e vivemos corretamente (v. 9). É este o segredo de Deus para a vitória sobre toda a preocupação.

Que devemos fazer?

Esta visão geral de Filipenses deve convencer-nos de que é possível viver uma vida de alegria cristã, apesar das circunstâncias, das pessoas e das coisas, e que não precisamos de nos preocupar quando a caminhada é difícil. Mas como poderemos pôr tudo isto em prática nas nossas vidas?

1. Certifiquemo-nos de que somos realmente cristãos. Paulo escreveu esta carta a «todos os santos em Cristo Jesus» (1:1). Esta palavra santos significa simplesmente «separados». Quando nos damos a Cristo, não pertencemos mais a este mundo; pertencemos a Ele e fomos já separados para a Sua glória. Cada capítulo de Filipenses começa com as palavras «em Cristo» ou «no Senhor» (1:1; 2:1; 3:1; 4:1). Não podemos ter uma mente integral («Para mim o viver é Cristo» — 1.21), uma mente submissa («Cada um considere os outros superiores a si mesmo» — 2:3), ou uma mente espiritual («Mas a nossa cidade está nos céus» — 3:20), ou uma mente segura («E a paz de Deus... guardará os vossos corações e sentimentos» — 4:7), a não ser que pertençamos a Jesus Cristo. Como é que alguém se pode tornar um filho de Deus? Paulo respondeu a essa pergunta quando estava na prisão de Filipos: «Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo» (Ler Atos 16:6-40 para tomar conhecimento de toda a história).

2. Admitamos as nossas faltas. Se temos tido uma mente dobre, se temos sido orgulhosos, mundanos e dados a preocupações — então estamos a pecar! E quanto mais depressa confessarmos esse pecado a Deus, mais depressa a Sua alegria encherá

as nossas vidas. (Há pessoas que se orgulham até de se preocuparem, não obstante o que Jesus diz em Mateus 6:24-34).

3. Rendamos diariamente a nossa mente a Cristo. Peçamos-Lhe que nos dê uma mente integral, submissa, espiritual e segura. (Nos capítulos que se seguem, explicaremos como cada uma destas «mentes» funciona na vida cristã). Quando descobrimos que estamos a perder a alegria durante o dia, façamos o inventário: «Terei eu uma mente dobre? Sou orgulhoso? Ando em busca de coisas? Estou preocupado?» Se nos acharmos culpados, confessemos o nosso pecado logo nesse momento e nesse local e peçamos a Deus que restaure a nossa mente ao que ela deve ser.

4. Procuremos oportunidades para pôr a nossa mente em ação. Se de fato desejamos uma mente integral, podemos ter a certeza de que o Senhor proporcionará circunstâncias que nos permitam começar a aplicá-la. «Eu disse ao Senhor que desejava que Filipenses 1:21 se verificasse na minha vida» — disse uma crente "nova ao seu pastor — «e imagine só o que aconteceu. Fui parar a um "hospital!»

O pastor perguntou: «Procurou então oportunidades para expandir o Evangelho, como Paulo fez em Roma?»

A expressão da senhora toldou-se. «Não, creio que não. Passei a maior parte do tempo a lamentar-me.»

O leitor descobrirá durante este estudo que Deus lhe irá dando regularmente «exames» para o ajudar a desenvolver as suas atitudes espirituais. O aprender e o viver andam juntos e Ele concederá a graça de que cada um necessita para qualquer situação. Quando aplicamos na prática o tipo correto de atitude, descobriremos que jorra do nosso coração uma alegria profunda — alegria a despeito das circunstâncias, das pessoas e das coisas — alegria que vence a preocupação e nos enche da paz de Deus.

«Mas o fruto do Espírito é amor, gozo, paz» (Gál. 5:22). Deixe que a partir de agora este fruto cresça na sua vida.

## FILIPENSES — A Mente Cristã Alegre

### I. A MENTE INTEGRAL — capítulo 1

Alegria a despeito das circunstâncias

Versículo Chave — 1:21

1. A comunhão do Evangelho — 1:1-11

2. A extensão do Evangelho — 1:12-26

3. A fé do Evangelho — 1:27-30

### II. A MENTE SUBMISSA — capítulo 2

Alegria a despeito das pessoas

Versículo Chave — 2:3

1. O exemplo de Cristo — 2:1-11
2. O exemplo de Paulo — 2:12-18
3. O exemplo de Timóteo — 2:19-24
4. O exemplo de Epafrodito — 2:25-30

III. A MENTE ESPIRITUAL — capítulo 3

Alegria a despeito das coisas

Versículo Chave — 3:19 e 20

1. O passado de Paulo — 3:1-11 (o contabilista — «Eu considero»)
2. O presente de Paulo — 3:12-16 (o atleta — «Eu prossigo»)
3. O futuro de Paulo — 3:17-21 (o estrangeiro — «Eu espero»)

IV. A MENTE SEGURA — capítulo 4

Alegria que vence a preocupação

Versículos Chave — 4:6-7

1. A paz de Deus — 4:1-9
2. O poder de Deus — 4:10-13
3. A provisão de Deus — 4:14-23

## **COMO AUMENTAR A NOSSA ALEGRIA**

(Filipenses 1:1-11)

«Que tal, se fôssemos para casa para termos alguma comunhão?»

«Que belo jogo de golfe! Tivemos um convívio fantástico!»

«A comunhão que se desfrutou no retiro foi formidável!»

A palavra comunhão parece significar muitas coisas para diferentes pessoas. Talvez, como acontece com uma moeda já gasta, esteja a perder o seu verdadeiro cunho. Se é esse o caso, faríamos melhor em tomar medidas para o salvar. Afinal de contas, uma boa palavra bíblica como comunhão precisa de continuar em circulação o mais tempo possível.

Apesar das circunstâncias difíceis que estava a atravessar como prisioneiro de Roma, Paulo está alegre. O segredo da sua alegria é a sua mente integral; ele vive para Cristo e para o Evangelho. (Cristo é mencionado 18 vezes no capítulo I, e Evangelho é referido 6 vezes). «Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é ganho» (1:21). Mas o que é de fato uma «mente integral»? É a atitude que diz: «De nada interessa o que me possa acontecer a mim, contanto que Cristo seja glorificado e o Evangelho partilhado com outras pessoas.» Paulo regozijava-se apesar das circunstâncias, porque elas fortaleciam a comunhão do Evangelho (1:1-11), promoviam o avanço do Evangelho (1:12-26) e guardavam a fé do Evangelho (1: 27-30).

A palavra comunhão significa simplesmente «ter em comum». Todavia, a verdadeira comunhão cristã é realmente muito mais profunda do que um mero partilhar de café e

bolos, ou mesmo de um agradável jogo de golfe em conjunto. Muitas vezes, o que pensamos ser «comunhão» não passa de um conhecimento ou amizade. Não se pode ter comunhão com alguém, a não ser que exista algo em comum; e no que respeita à comunhão cristã, isso significa a posse da vida eterna no coração. A menos que a pessoa tenha posto a sua confiança em Cristo como seu Salvador, ela desconhece totalmente «a comunhão do Evangelho.» Em 2:1 Paulo escreve a respeito de «a comunhão no Espírito», porque quando a pessoa nasce de novo recebe o dom do Espírito Santo (Rom. 8:9). Existe também «a comunhão dos Seus sofrimentos» (Fil. 3:10). Quando partilhamos o que possuímos com outros, isso é também comunhão. (Neste versículo e em 4:15 a versão portuguesa traduz por «comunicar»).

Assim, a verdadeira comunhão cristã é muito mais do que ter o nome no rol de membros de uma igreja ou marcar presença numa reunião. É possível estar fisicamente perto das pessoas e a quilômetros de distância delas espiritualmente. Uma das fontes da alegria Cristã é esta comunhão que os crentes têm em Jesus Cristo. Paulo estava em Roma, os seus amigos encontravam-se a muitos quilômetros de distância, em Filipos, mas a sua comunhão espiritual era real e perfeita. Quando possuímos uma mente integral não nos queixamos das circunstâncias, porque sabemos que as circunstâncias difíceis resultarão em fortalecimento da comunhão do Evangelho.

Paulo apresenta três pensamentos em 1:1-11 que descrevem a verdadeira comunhão cristã: Tenho-vos na minha mente (vs. 4-6), tenho-vos no meu coração (vs. 7-8), tenho-vos nas minhas orações (vs. 9-11).

#### 1. Tenho-vos na minha mente (1:3-6)

Não é impressionante que Paulo pense nos outros e não em si mesmo? Enquanto espera o seu julgamento em Roma, a mente de Paulo volta-se para os crentes de Filipos e todas as recordações lhe trazem alegria. Se lermos Atos 16, poderemos descobrir que aconteceram algumas coisas a Paulo em Filipos cuja recordação lhe poderia causar tristeza. Ele foi ilegalmente preso e espancado, foi posto no tronco e humilhado diante das pessoas. Mas mesmo essas recordações despertavam nele alegria, porque fora através do seu sofrimento que o carcereiro encontrara Cristo! Paulo lembrava-se de Lídia e de sua casa, da pobre escrava que havia sido endemoninhada, e dos outros queridos cristãos de Filipos; e cada uma dessas recordações constituía uma fonte de alegria. (Valerá a pena perguntar: «Sou eu o tipo de crente que traz alegria à mente do meu pastor quando ele pensa em mim?»)

É possível que o versículo 5 se refira a uma participação financeira no sustento de Paulo, um tópico que ele retoma em 4:14-19. A igreja de Filipos foi a única que entrou em comunhão com Paulo no sentido de ajudar a sustentar o seu ministério. A «boa obra» do versículo 6 pode referir-se ao fato de ele partilhar dos seus meios; essa boa obra fora começada pelo Senhor e Paulo estava certo de que Ele a continuaria e completaria.

Mas não nos afastaremos do sentido se aplicarmos estes versículos à obra de salvação e à vida cristã. Não somos salvos pelas nossas boas obras (Ef. 2:8-9). A

salvação é a boa obra que Deus realiza em nós quando confiamos no Seu Filho. Em Filipenses 2:12-13, lemos que Deus continua a operar em nós através do Seu Espírito. Por outras palavras, a salvação é uma obra tripla:

- a obra que Deus faz por nós — redenção;
- a obra que Deus faz em nós — santificação;
- a obra que Deus faz através de nós — serviço.

Este trabalho continuará até nos encontrarmos com Cristo, e então ficará completo. «Seremos semelhantes a Ele, porque assim como é O veremos» (I João 3:2).

Constituía uma fonte de alegria para Paulo o fato de saber que Deus continuava a Trabalhar nas vidas dos seus companheiros crentes de Filipos. Ter Deus a trabalhar diariamente nas nossas vidas é, afinal, a base autêntica para uma comunhão Cristã jubilosa.

«Parece haver atrito no nosso lar» — disse uma esposa preocupada a um conselheiro matrimonial. «Francamente, não sei qual é o problema.»

«A fricção é causada por uma de duas coisas» — disse conselheiro que, para ilustrar, pegou em dois blocos de madeira que se encontravam na sua secretaria. «Se um dos blocos se mover e o outro estiver parado, haverá fricção. Ou, se os dois se movimentam, mas em direções opostas, também há fricção. Ora, qual destes casos será?»

«Tenho de admitir que estou retrocedendo na minha vida cristã, enquanto que Joe tem estado a crescer» - confessou a esposa. «O que eu preciso é voltar à comunhão com o Senhor.»

## 2. Tenho-vos no meu coração (1:7-8)

Vamos agora um pouco mais fundo, pois é possível ter os outros na mente, sem de fato os termos no coração. (Alguém observou que muitas pessoas hoje em dia teriam de confessar: «Tenho-vos nos meus nervos!») O sincero amor de Paulo pelos amigos era algo que não podia disfarçar-se ou esconder-se.

O amor cristão é «o laço que une». O amor constitui a evidência da salvação: «Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos» (I João 3:14). É a «lubrificação espiritual» que conserva a maquinaria da vida em perfeito funcionamento. Já notaram quantas vezes Paulo usa, a expressão «todos vós» quando escreve? Há pelo menos nove casos nesta carta. Ele não quer deixar ninguém de fora! (Algumas traduções trazem no versículo 7 «vós tendes-me no vosso coração», mas a verdade básica é a mesma).

Como é que Paulo demonstrava o seu amor para com eles? No fato de estar a sofrer por eles. As suas prisões provaram o seu amor. Ele era o «prisioneiro de Jesus Cristo por vós os Gentios» (Ef. 3:1).

Por causa do julgamento de Paulo, o Cristianismo ia ser proclamado perante os oficiais de Roma.

Como Filipos era uma colônia romana, a decisão iria afetar os crentes ali. O amor de Paulo não era algo de que simplesmente falava, mas sim alguma coisa que ele

praticava. O apóstolo considerava as suas circunstâncias difíceis como uma oportunidade para defender e confirmar o Evangelho. E isso ajudaria os seus irmãos em toda a parte.

Mas como é que os cristãos podem aprender a praticar este tipo de amor? «Eu dou-me melhor com os meus vizinhos não crentes, do que com os meus parentes salvos!» — confessou um certo indivíduo ao seu pastor. «Talvez seja preciso um diamante para cortar outro diamante, mas eu não agüento mais!» O amor cristão não é algo que nós próprios realizemos; é algo que Deus faz em nós e através de nós. Paulo tinha saudades dos amigos «em entranhável afeição de Jesus Cristo» (v. 8b). Não se tratava do amor de Paulo canalizado por Cristo; era Sim o amor de Cristo canalizado por Paulo. «O amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rom. 5:5, NVI). Quando deixamos que Deus realize a Sua «boa obra» em nós, então crescemos no nosso amor para com os outros.

Como é que podemos dizer que nos encontramos verdadeiramente ligados em amor a outros cristãos? Pelo simples fato de que nos preocupamos com eles. Os crentes de Filipos interessavam-se por Paulo e enviaram Epafrodito para o servir. O apóstolo tinha também muito interesse pelos seus amigos de Filipos, e revelou-o particularmente quando Epafrodito adoeceu e não pôde regressar logo (2:25-28). «Meus filhinhos, não amemos de palavra nem de língua, mas por obra e em verdade» (I João 3:18).

Outra evidência do amor cristão é a disposição para nos perdoarmos uns aos outros. «Mas, sobretudo, tende ardente amor uns para com os outros porque a caridade (amor) cobrirá a multidão de pecados» (I Pedro 4:8).

«Aponte-nos alguns dos erros que a sua esposa tem cometido» — perguntou o orientador de um jogo radiofônico a um dos participantes.

«Não consigo lembrar-me de nenhum» — respondeu o homem.

«Oh, certamente consegue lembrar-se de algum!» — insistiu o locutor.

«Não, de fato não me recordo de nada» — repetiu o candidato. «Amo muito a minha esposa e, francamente, não me lembro de qualquer coisa desse gênero.» Em I Coríntios 13:5, lemos que «o amor não mantém um registro dos erros» — (NVI).

Os Cristãos que amam de fato experimentam alegria constante; ambos resultam da presença do mesmo Espírito Santo. «O fruto do Espírito é amor, gozo...» (Gál. 5:22).

### 3. Tenho-vos nas minhas orações (1:9-11)

Paulo encontrava alegria nas recordações dos amigos de Filipos, e no seu crescente amor por eles. Encontrava igualmente alegria ao recordá-los perante o trono da graça em oração. O sumo-sacerdote do Velho Testamento usava uma veste especial, o éfode, sobre o coração. Nele estavam doze pedras com os nomes das doze tribos de Israel gravados nelas, uma jóia para cada tribo (Ex. 28:15-29). Ele transportava o povo sobre o coração em amor e Paulo agia do mesmo modo. Talvez seja junto ao trono da

graça, ao orarmos uns com os outros e uns pelos outros, que poderemos experimentar a comunhão e a alegria cristãs de um modo mais profundo.

Aqui temos uma oração por maturidade e Paulo começa com amor. Afinal de contas, se o nosso amor cristão é aquilo que deve ser, tudo o mais se seguirá. Ele roga a Deus que os crentes possam experimentar um amor abundante e com capacidade para discernir. O amor cristão não é cego! O coração e a mente trabalham juntos, de modo que experimentamos amor com discernimento e discernimento com amor. Paulo quer que os seus amigos cresçam em ciência e em todo o conhecimento, na capacidade de «discernir as coisas que diferem». A capacidade de discernir é um sinal de maturidade. Quando um bebé aprende a falar, pode chamar a todos os quadrúpedes um «ão-ão», mas depois a criança vem a descobrir que há gatos, cães, ratos brancos, vacas e outros animais de quatro patas. Para um bebé, um automóvel é exatamente igual a outro, mas já não se verifica o mesmo com um adolescente que tem a mania de carros! Ele é capaz de apontar as diferenças entre os modelos antes que os pais consigam indicar as marcas dos carros! Um dos sinais seguros de maturidade é o amor com discernimento.

Paulo ora também para que eles possam ter um carácter cristão amadurecido, «sinceros e sem escândalo algum.» A palavra grega traduzida por sincero pode ter vários sentidos. Alguns traduzem-na por «provado pela luz do sol». O cristão sincero não teme" ficar diante da luz! Um indivíduo disse a Carlos Spurgeon, o grande pregador britânico, que desejava escrever a sua biografia. Spurgeon respondeu: «Pode escrever a minha vida nas nuvens! Não tenho nada a esconder!»

Sincero pode também significar «agitar numa peneira», dando a idéia de um processo de joeiramento que remove todas as impurezas. Nos dois casos, a verdade é a mesma; Paulo ora para que os seus amigos possuam o tipo de carácter que possa ser aprovado no teste. (A palavra sincero vem de uma palavra latina que significa «não adulterado, puro, sem mistura»).

Paulo ora no sentido de que eles revelem maturidade no amor e carácter cristão, «sem escândalo algum até ao dia de Jesus Cristo» (v. 10). Isso significa que as suas vidas não deviam fazer tropeçar outros e que eles estariam prontos para comparecer perante o tribunal de Cristo quando Ele voltar (II Cor. 5:10 e I João 2:28). Eis dois testes bons para seguirmos à medida que exercitamos o discernimento espiritual: (1) Será que isto vai escandalizar os outros ? (2) Ficaria eu envergonhado se Jesus voltasse?

O apóstolo ora também para que eles revelem um serviço Cristão amadurecido. Ele quer vê-los cheios e frutíferos (v. 11). Não está meramente interessado em «atividades na igreja», mas no fruto espiritual que brota quando estamos em comunhão com Cristo. «Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós se não estiverdes em mim» (João 15:4). Há muitos cristãos que tentam «produzir resultado» pêlos seus próprios esforços, em vez de permanecerem em Cristo e deixarem que a Sua vida produza o fruto.

Qual é o «fruto» que Deus quer ver nas nossas vidas? Certamente que é o fruto do Espírito (Gál. 5:22-23), um caráter cristão que glorifique a Deus. Paulo compara o ganhar almas perdidas para Cristo com o produzir fruto, (Rom. 1:13) e menciona também «santidade» como um fruto espiritual (Rom. 6:22). O apóstolo exorta-nos a frutificarmos em «toda a boa obra» (Col. 1: 10), e o autor de Hebreus recorda-nos que o nosso louvor é o «fruto dos lábios» (13:15). A árvore de fruto não faz grande alarde quando frutifica; deixa simplesmente que a vida que existe em si opere de modo natural. O fruto é o resultado. «Quem está em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer» (João 15:5).

A diferença entre fruto espiritual e «atividade religiosa» humana, é que o fruto redundará em glória para Jesus Cristo. Sempre que fazemos alguma coisa na nossa própria força, temos a tendência para nos orgulharmos dela. O fruto realmente espiritual é tão belo e maravilhoso que nenhum homem pode ter a pretensão de o ter produzido; a glória tem de ir só para Deus.

E nisto que consiste a verdadeira comunhão cristã — um possuir em comum que meu coração., tenho-vos nas minhas orações.» É esta a comunhão, que produz alegria, e é a mente integral que produz este tipo de comunhão.

Jerry tinha de ir para a cidade de Nova Iorque a fim de ser submetido a uma operação delicada, e nem queria pensar nisso. «Por que é que não poderei fazê-la aqui?» — perguntou ele ao médico. «Eu não conheço ninguém nessa cidade grande e inóspita!» Mas quando ele e sua esposa chegaram ao hospital, encontrava-se já lá um pastor à sua espera e que os convidou para ficarem em sua casa até ao internamento. A operação foi séria e a permanência no hospital foi longa e difícil; mas a comunhão do pastor e esposa levaram uma nova alegria àquele casal aflito. Eles vieram a reconhecer que as circunstâncias não precisam de nos roubar a alegria. Basta para tal que nós deixemos que essas mesmas circunstâncias fortaleçam a comunhão do Evangelho.

Vamos pôr este ensino em prática!

Durante esta semana, deixemos que as circunstâncias nos levem para mais perto dos nossos amigos cristãos. Se possuirmos uma mente integral — vivendo para Cristo e para o Evangelho — descobriremos então que as dificuldades e os problemas contribuirão para fortalecer a comunhão do Evangelho e que essa comunhão aumentará grandemente a nossa alegria. Em 1966, eu fui vítima de um grave acidente de viação. Um motorista bateu-me a uma velocidade de cerca de 150 km à hora. No entanto, a comunhão extraordinária que disso resultou valeu por todas as dores e dificuldades. As minhas circunstâncias só concorreram para me aproximar do povo de Deus!

«Porque para mim, o viver é Cristo e o morrer é ganho» (1:21). Ou, como diz um coro infantil:

«Jesus, os outros e tu!

Que bela forma de escrever ALEGRIA!»\*

\* Em inglês: «Jesus and Others and You! What a wonderful way to spell JOY!»

## PIONEIROS, PRECISAM-SE

(Filipenses 1:12-26)

Mais que qualquer outra coisa, o desejo de Paulo como missionário era pregar o Evangelho em Roma. Centro do grande império, Roma era a cidade chave do seu tempo. Se Paulo conseguisse ganhá-la para Cristo, isso significaria alcançar milhões com a mensagem da salvação. O fato era realmente importante na agenda de Paulo, pois ele afirmava: «Depois que houver estado ali (Jerusalém), importa-me ver também Roma» (Rom. 1:15).

Paulo queria ir a Roma como pregador, mas em vez disso foi como prisioneiro! Podia ter escrito uma longa carta só a respeito dessa experiência, mas afinal resume tudo nestas palavras: «As coisas que me aconteceram» (Fil. 1:12). O relato dessas coisas aparece em Atos 21:17-28:31 e começa com a prisão ilegal de Paulo no templo de Jerusalém. Os judeus pensavam que ele havia profanado o seu templo ao entrar lá com Gentios, e os Romanos consideravam que se tratava de um egípcio renegado que fazia parte da sua lista de «mais procurados». Paulo tornou-se assim o ponto fulcral das conspirações política e religiosa e permaneceu como prisioneiro em Cesaréia durante dois anos. Quando finalmente apelou para César (que era um privilégio de todo o cidadão Romano), foi enviado para Roma. Durante a viagem, o barco sofreu um naufrágio! O relato dessa tempestade e da coragem e fé de Paulo é um dos mais dramáticos da Bíblia (Atos 27). Após três meses de espera na ilha de Malta, o apóstolo embarcou finalmente para Roma e para o julgamento que havia requerido na presença de César.

Para muitos, tudo isto teria parecido um fracasso, mas não para este homem que possuía uma «mente integral», preocupado com a comunicação de Cristo e do Evangelho. Paulo não baseava a sua alegria em circunstâncias ideais; encontrava-a, sim, em ganhar outros para Cristo. E, se as suas circunstâncias promoviam o avanço do Evangelho, era quanto bastava! A palavra proveito (usada em 1:12) significa «avanço pioneiro». Trata-se de um termo militar no Grego e refere-se aos engenheiros do exército que vão à frente das tropas abrir caminho para novos territórios. Em vez de se considerar limitado na sua condição de prisioneiro, Paulo descobriu que as circunstâncias que estava a atravessar lhe abriam, na realidade, novas áreas no ministério. (Toda a gente tem ouvido falar de Carlos Haddon Spurgeon, o famoso pregador britânico, mas poucos conhecem a história da sua esposa Susana, Logo no princípio da sua vida de casada, a senhora Spurgeon ficou inválida. Parecia que dali em diante o seu, único ministério seria o de animar o marido e orar pelo seu trabalho. Mas Deus deu-lhe a responsabilidade de partilhar os livros do seu marido com pastores que não tinham possibilidade de os comprar. Esse senso de missão levou em breve à organização do «Fundo do Livro». Sendo uma obra de fé, o «Fundo do Livro» equipou milhares de pastores com os instrumentos necessários para o seu trabalho. Tudo isso era feito sob a orientação da senhora Spurgeon, na sua casa. Tratava-se de um ministério pioneiro.

Deus continua a desejar que os Seus filhos levem o Evangelho para novas áreas. Ele quer que nos tornemos pioneiros e por vezes arranja circunstâncias tais que nós não podemos ser outra coisa senão pioneiros. De fato, foi assim que o Evangelho chegou pela primeira vez a Filipos! Paulo havia tentado entrar noutra território, mas Deus fechou-lhe repetidamente a porta (Atos 16:6-10). O apóstolo queria levar a mensagem na direção do leste, para a Ásia, mas Deus dirigiu-o no sentido do ocidente, para a Europa. Quão diferente seria a história da humanidade se Paulo tivesse podido prosseguir o seu plano!

Deus usa por vezes instrumentos estranhos para nos ajudar como pioneiros do Evangelho. No caso de Paulo, houve três instrumentos que o ajudaram a levar o Evangelho mesmo para a guarda pretoriana, as tropas particulares de César: as suas prisões (vs. 12-14), os seus críticos (vs. 15-19), e a sua crise (vs. 20-26).

#### I. As Prisões de Paulo (1:12-14)

O mesmo Deus que usou a vara de Moisés, os cântaros de Gideão e a funda de David, usou também as prisões de Paulo. Mal supunham os Romanos que as algemas que colocaram nos seus pulsos iriam libertar Paulo em vez de o prender. Assim escreveu ele posteriormente durante outro período de prisão: «Pelo que sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor; mas a palavra de Deus não está presa» (II Tim. 2:9). Ele não se lamentava das suas prisões; pelo contrário, consagrava-as a Deus e pedia-Lhe que as usasse para o avanço pioneiro do Evangelho. E Deus respondeu às suas orações.

Para começar, essas prisões deram a Paulo um contato com os perdidos. Ele encontrava-se agrilhado a um soldado romano durante 24 horas por dia. Os turnos mudavam de seis em seis horas, o que significava que Paulo podia dar testemunho, pelo menos, a quatro homens por dia. Imaginem-nos um daqueles soldados, ligados por correntes a um homem que orava «sem cessar», que falava constantemente com pessoas a respeito da sua condição espiritual e que escrevia freqüentes cartas aos Cristãos e igrejas espalhados por todo o Império! Não demorou muito que alguns destes soldados colocassem a sua fé em Cristo. Paulo pôde assim levar o Evangelho até à classe da guarda pretoriana, algo que não teria podido fazer se continuasse sendo um homem livre.

Mas as cadeias possibilitaram a Paulo o contato com um outro grupo de pessoas: os oficiais da corte de César. O apóstolo estava em Roma como um preso oficial e o seu caso era importante. O governo romano ia determinar a situação oficial desta nova seita «cristã». Seria ela simplesmente mais uma seita dos judeus? Ou era de fato algo de novo e possivelmente perigoso? Imaginem como Paulo teria ficado contente ao ver que os oficiais da corte eram obrigados a estudar as doutrinas da fé cristã!

Por vezes, Deus tem de por «algemas» no Seu povo para o levar a realizar um «avanço pioneiro» que doutro modo jamais poderia ocorrer. As jovens mães poderão sentir-se presas ao lar enquanto cuidam dos filhos, mas Deus pode usar essas «algemas» para alcançar pessoas com a mensagem da salvação. Susana Wesley foi

mãe de 19 filhos, numa época em que não havia eletrodomésticos nem fraldas à venda! Dessa numerosa família saíram João e Carlos Wesley, cujos ministérios combinados abalaram as Ilhas Britânicas. Com seis semanas de idade, Fanny Crosby ficou cega, mas mesmo quando era ainda adolescente ela decidiu não ficar confinada às algemas da escuridão. A seu tempo, ela tornou-se uma força poderosa nas mãos de Deus através dos seus hinos e cânticos evangelísticos.

O segredo é este: quando possuímos uma mente integral, olhamos para as circunstâncias como se elas fossem oportunidades concedidas por Deus para o avanço do Evangelho e regozijamo-nos no que Ele vai fazer, em vez de nos queixarmos acerca do que Deus não fez.

As prisões de Paulo não só lhe deram contato com os perdidos, mas deram também coragem aos salvos. Muitos dos crentes de Roma sentiram ânimo renovado quando viram a fé e determinação de Paulo (v. 14). Tornaram-se ousados em «falar a palavra mais confiadamente, sem temor». Esta palavra falar não quer dizer «pregar». Significa sim, «conversa diária». Sem dúvida que muitos dos romanos discutiam o caso de Paulo, pois assuntos legais desse gênero eram de primordial interesse para aquela nação de legistas. E os cristãos de Roma que apoiavam Paulo aproveitavam-se dessas conversas para dizer algo de bom a respeito de Jesus Cristo. O desânimo pode-se espalhar, mas sucede o mesmo com o ânimo! Por causa da atitude jubilosa de Paulo, os crentes de Roma experimentaram novo entusiasmo e testemunharam ousadamente de Cristo.

Enquanto me encontrava em convalescença no hospital, depois do grave acidente de viação de que fui vítima, recebi uma carta de uma pessoa que me era totalmente desconhecida e que parecia saber exatamente o que dizer para tornar o meu dia mais brilhante. De fato, recebi várias cartas desse irmão e cada uma era melhor que a anterior. Quando eu já conseguia movimentar-me um pouco, tive oportunidade de o conhecer pessoalmente. Fiquei pasmado ao descobrir que ele era cego, diabético e encontrava-se inválido devido à amputação de uma perna (e desde então já lhe amputaram a outra perna) e que vivia com a sua velha mãe que tinha aos seus cuidados! Se algum homem usou alguma vez algemas, aquele era um deles! Mas se algum homem esteve alguma vez livre para ser pioneiro do Evangelho, aquele que foi um deles! Ele pôde falar de Cristo em reuniões levadas a cabo em liceus, centros bíblicos para soldados, em Associações Cristas da Mocidade e perante profissionais, em reuniões a que não teria acesso qualquer ministro ordenado. O meu amigo possuía uma mente integral; vivia para Cristo e para o Evangelho. Conseqüentemente, partilhava a alegria de expandir o Evangelho.

As nossas algemas poderão não ser tão dramáticas ou difíceis, mas não há qualquer razão para Deus não nos usar do mesmo modo.

## 2. Os Críticos de Paulo (1:15-19)

Custa a crer que alguém se opusesse a Paulo, mas havia crentes em Roma que procediam exatamente assim. As igrejas ali encontravam-se divididas. Alguns pregavam a Cristo com sinceridade, desejando ver pessoas salvas. Outros pregavam a Cristo com fingimento, pretendendo tornar ainda mais difícil para o apóstolo a situação em que se encontrava. Este último grupo estava a servir-se do Evangelho para atingir os seus próprios objetivos egoístas. Talvez pertencessem à ala «legalista» da igreja que se opunha ao ministério de Paulo aos gentios e à sua ênfase sobre a graça de Deus como oposta à obediência à lei judaica. A inveja e a contenda andam juntas, como juntas andam o amor e a unidade.

Paulo usa uma palavra interessante no versículo 17 — contenção, que significa «fazer um pedido para determinado cargo, levar as pessoas a darem o seu apoio». O alvo de Paulo era glorificar a Cristo e convencer as pessoas a segui-Lo; o alvo dos que o criticavam era a auto-promoção e o aumento de adeptos. Em vez de perguntarem: «Tens a tua confiança em Cristo?», perguntavam: «De que lado estás? "Do nosso ou do de Paulo?» Infelizmente, este tipo de «política religiosa» ainda se vê nos nossos dias. As pessoas que a praticam precisam de reconhecer que só se prejudicam a si próprias.

Quando se possui uma mente integral, consideram-se os críticos como constituindo uma outra oportunidade para o progresso do Evangelho. Como um soldado fiel, o apóstolo foi «posto (designado) para defesa do Evangelho» (v. 16). Ele conseguia regozijar-se, não no egoísmo dos seus oponentes, mas no fato de que Cristo estava a ser pregado! Não existia qualquer inveja no coração de Paulo. Não interessava que alguns fossem por ele e outros contra ele. O que realmente importava era a pregação do Evangelho de Jesus Cristo!

É um fato da história que os dois evangelistas ingleses João Wesley e George Whitefield discordavam em assuntos doutrinários. Ambos foram muito bem sucedidos, pregando a milhares de pessoas e vendo multidões a aceitar a Cristo. Conta-se que alguém perguntou a Wesley se ele esperava ver Whitefield no céu e que o evangelista respondeu:

«Não, não espero.»

«Então não acredita que Whitefield seja um crente?»

«É claro que ele é um crente!» — disse Wesley — «Mas eu não espero vê-lo no céu — "porque ele estará tão perto do trono de Deus e eu tão longe que não conseguirei avistá-lo!» Embora diferisse do seu irmão em alguns pontos, Wesley não sentia inveja dele, nem tentava opor-se ao ministério de Whitefield.

Em geral, a crítica é muito difícil se suportar, particularmente quando nos encontramos em circunstâncias difíceis, como no caso de Paulo. Como é que o apóstolo conseguia ter alegria mesmo sendo alvo de tantas críticas? Ele possuía uma mente integral! O versículo 19 indica que Paulo esperava que o seu caso se encerrasse vitoriosamente («disto me resultará salvação») por causa das orações dos amigos e do socorro do Espírito Santo de Deus. Da palavra socorro (no grego) vem a nossa palavra coro. Sempre que uma cidade grega se resolvia a efetuar um festival importante,

alguém tinha de pagar as despesas com os cantores e bailarinos. O donativo requerido tinha de ser avultado e, assim, esta palavra veio a significar «prover generosa e abundantemente». Paulo não dependia dos seus próprios e diminutos recursos; dependia, sim, dos recursos generosos de Deus, ministrados pelo Espírito Santo.

Paulo partilhava do avanço pioneiro do Evangelho em Roma, através das suas prisões e dos seus oponentes; mas ele tinha um terceiro instrumento de que fazia uso:

### 3. A Crise de Paulo (1:20-26)

Por causa das suas prisões, Cristo tornava-se conhecido (v. 13), e por causa dos seus críticos, Cristo era pregado (v. 18). Mas por causa da crise de Paulo, Cristo era engrandecido (v. 20)! Era possível que Paulo fosse considerado como traidor a Roma e depois executado. O seu julgamento preliminar havia-lhe sido, aparentemente, favorável, todavia o veredicto final ainda estava para vir. Mas o corpo de Paulo não lhe pertencia e o seu único desejo (porque ele possuía uma mente integral) era engrandecer Cristo no seu corpo.

Será que Cristo precisa de ser engrandecido? Afinal de contas, como é que um mero ser humano poderá engrandecer o Filho de Deus? Bem, as estrelas são muito maiores do que o telescópio e, contudo, este torna-as grandes e trazê-las para mais perto. O corpo do crente deve ser um telescópio que traz Jesus Cristo para junto das pessoas. Para o indivíduo em geral, Cristo é uma figura confusa na história e que viveu há séculos. Mas quando um não-salvo observa a maneira como um crente atravessa um período de crise, ele pode ver Jesus engrandecido e trazido para mais perto dele. Para o cristão que possui uma mente simples, Cristo está conosco aqui e agora.

O telescópio traz para perto de nós as coisas distantes, e o microscópio faz com que as coisas pequenas pareçam grandes. Para o não-crente, Jesus não é muito grande. Outras pessoas e outras coisas são muito mais importantes. Mas quando o incrédulo observa a maneira como o cristão atravessa uma experiência de crise, ele deve poder ver como Jesus é, de fato, enorme. O corpo do crente é uma «lente» que faz com que um «Cristo pequeno» pareça muito grande, e um «Cristo distante» se veja muito mais perto.

"Paulo não temia a vida nem a morte! De qualquer modo, o seu desejo era engrandecer Cristo com o seu corpo. Não admira que ele sentisse alegria!

Paulo confessa que está perante uma decisão difícil. Precisava de permanecer vivo para benefício dos crentes de Filipos, mas partir e estar com Cristo seria muito melhor. E o apóstolo chegou à conclusão de que Cristo queria que ele ficasse, não só para «maior proveito do Evangelho» (v. 12), mas também para proveito «vosso e gozo da fé» (v. 25). Ele queria vê-los a contribuir para o «avanço pioneiro» para novas áreas de crescimento espiritual. (A propósito, Paulo admoestou Timóteo, o jovem pastor, para que se certificasse se estava realmente a avançar para novos territórios espirituais na sua própria vida e ministério. Ver I Timóteo 4:15, onde a palavra «aproveitamento» expressa a idéia de «avanço pioneiro»).

Que homem formidável é Paulo! Está pronto a adiar a sua ida para o céu a fim de ajudar os cristãos a crescer, e está pronto a ir para o inferno para poder ganhar os perdidos para Cristo! (Rom. 9:1-3).

É claro que a morte não o amedrontava de modo nenhum. Ela significava simplesmente «partir». Esta palavra era usada pelos soldados; queria dizer «desmontar a tenda e seguir.» Que quadro extraordinário da morte do cristão! A «tenda» em que vivemos é desmontada na morte e o espírito vai estar com Cristo no céu. (Ler II Cor. 5:1-8). Os marinheiros usavam também este termo; para eles tinha o sentido de «desprender o barco e começar a viagem.» Lord Tennyson usou esta figura da morte no seu famoso poema «Atravessando a Barreira».

Mas partida era também um termo político; descrevia a libertação de um prisioneiro.—O povo de Deus está em cadeias por causa das limitações do corpo e das tentações da carne, mas a morte irá libertá-lo. Ou então, a libertação verificar-se-á na ocasião da segunda vinda de Cristo (Rom. 8:18-23), se esta tiver lugar antes. Finalmente, partida era um termo usado pelos agricultores; queria dizer «por o jugo aos bois». Paulo tinha tomado sobre si o jugo de Cristo, que é fácil de carregar (Mat. 11:28-30), mas quantos fardos ele não carregou no seu ministério! (Se precisar de refrescar a memória, leia em II Cor. 11:22-12:10). Partir e estar com Cristo significaria pôr de lado os fardos, ver completada a sua obra terrena.

Seja como for, nada poderá roubar a alegria de uma pessoa que possui uma mente integral! «Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é ganho» (v. 21). Maltbie Babcock, que escreveu «This is My Father's World» (Este é o Mundo do Meu Pai) disse: «Vida é aquilo para que vivemos.» Quando vou com minha esposa às compras, tenho sempre medo de entrar na secção de tecidos, mas muitas vezes vejo-me obrigado a ir lá porque ela gosta de apreciar os diversos padrões. Se ao dirigir-me para essa secção deparo com o sector dos livros, fico logo entusiasmado. Aquilo que nos excita e «desperta» é o que constitui realmente «vida» para nós. No caso de Paulo, Cristo entusiasmava-o e tornava a sua vida digna de ser vivida.

O versículo 21 torna-se um texto valioso para as nossas vidas. «Porque para mim o viver é ..... e o morrer é .....» Preencha o leitor mesmo os espaços em branco.

«Para mim o viver é o dinheiro e o morrer é deixá-lo todo para trás».

«Para mim o viver é a fama e o morrer é ser esquecido».

«Para mim o viver é o poder e o morrer é perdê-lo todo».

Não, temos de fazer eco das convicções de Paulo se realmente queremos ter alegria apesar das circunstâncias, e se queremos participar no avanço do Evangelho. «Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é ganho!»

## POSTOS DE COMBATE

(Filipenses 1:27-30)

A vida cristã não é um campo de recreio; é um campo de batalha. Nós somos filhos da família, gozando, portanto, da comunhão do Evangelho (1:1-11); somos servos que

participam no avanço do Evangelho (1:12-26); mas somos igualmente soldados que defendem a fé do Evangelho. E o crente com uma mente íntegra pode ter a alegria do Espírito Santo, mesmo no meio da batalha.

«A fé do Evangelho» é esse corpo de verdade divina dado à igreja. Judas chama-lhe «a fé que uma vez foi dada aos santos» (v. 3). Paulo alerta-nos em I Timóteo 4:1 para o fato de que «nos últimos tempos apostatarão alguns da fé». Deus entregou este tesouro espiritual a Paulo (I Tim. 1:11), e ele por sua vez entregou-o a outros, como Timóteo (I Tim. 6:20), cuja responsabilidade consistia em transmitir esse depósito a outros (II Tim. 2:2). É por isso que a igreja se deve envolver num ministério de ensino de modo que cada nova geração de crentes conheça, aprecie e use a grande herança da fé.

Mas existe um inimigo que está em campo para roubar o tesouro do povo de Deus. Paulo tinha-se encontrado com esse adversário em Filipos e enfrentava-o de novo em Roma. Se Satanás conseguir simplesmente roubar aos crentes a fé cristã, as doutrinas que a distinguem de qualquer outra, então ele poderá perturbar e destruir o ministério do Evangelho. É triste ouvir pessoas dizer: «Não me interessa o que tu crês, contanto que vivas de maneira correta.» O que cremos determina a maneira como procedemos, e uma crença errada significa em última análise uma vida errada. Cada igreja local não está senão a uma geração de uma extinção potencial. Não admira que Satanás ataque particularmente a nossa juventude, tentando afastá-la «da fé».

Como é que um grupo de cristãos pode lutar contra este inimigo? «Porque as armas do nosso combate não são da carne» (II Cor. 10:4, NBPA). Pedro pegou numa espada, no jardim, e Jesus repreendeu-o (João 18:10-11). Nós usamos armas espirituais — a Palavra de Deus e a oração (Heb. 4:12; Ef. 6:11-18); temos de depender do Espírito Santo para nos conceder o poder de que carecemos. Contudo, um exército tem de lutar em união e é por isso que Paulo envia estas admoestações aos seus amigos em Filipos. Ele explica neste parágrafo que existem três elementos essenciais para se conseguir a vitória na batalha para defender «a fé».

### 1. Coerência (1:27)

A palavra portar relaciona-se diretamente com andar. «Somente deveis conduzir-vos de modo digno do evangelho de Cristo» (NBPA). A arma mais importante contra o inimigo não é um sermão empolgante ou um livro poderoso; é a vida coerente dos crentes.

O verbo que Paulo usa está relacionado com a nossa palavra política. Ele está a afirmar: «Procedei da maneira como os cidadãos devem proceder». A minha esposa e eu estávamos de visita a Londres e um dia decidimos ir ao jardim zoológico. Entrámos no autocarro e sentámo-nos ao fundo para desfrutarmos a viagem. Mas era realmente impossível apreciá-la, devido a uma conversa em voz alta e rude travada pêlos passageiros que iam nos assentos da frente. Infelizmente, eles eram americanos;

podíamos ver os ingleses que estavam em volta carregando o sobrolho e abanando a cabeça, como que a dizer: «Oh, sim, são da América!» Nós sentimo-nos envergonhados porque sabíamos que aquelas pessoas não estavam de fato a representar o melhor dos cidadãos americanos.

Paulo dá aqui a idéia de que nós, cristãos, somos cidadãos do céu e enquanto estamos na terra temos de nos comportar como cidadãos dos céus. Ele apresenta de novo este conceito no capítulo 3:20. Essa expressão era rica em significado para os filipenses, porque essa cidade era uma colônia romana e os seus cidadãos eram de fato cidadãos romanos, protegidos pela lei de Roma. A igreja de Jesus Cristo é uma colônia do céu na terra! E nós devemos portar-nos como cidadãos do céu.

«Estarei eu a comportar-me de modo digno do Evangelho?» é uma boa pergunta para fazermos regularmente a nós próprios. Devemos «andar... como é digno da vocação» que temos em Cristo (Ef. 4:1, NBPA), que significa andar «dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo» (Col. 1:10). Nós não fazemos isso com vista a ir para o céu, como se pudéssemos ser salvos pelas nossas boas obras; mas procedemos desse modo, porque os nossos nomes já estão escritos no céu e a nossa cidadania é no céu.

É bom lembrar que o mundo que nos rodeia conhece unicamente o Evangelho que vê nas nossas vidas.

«Um Evangelho escreves,  
Cada dia uma secção,  
Com as obras que realizas  
E qualquer exclamação.  
Os homens lêem esse livro  
Em todo o seu pormenor:  
Como é, pois, o Evangelho  
De que tu és o autor?»  
(autor desconhecido)

«O Evangelho» é a boa nova de que Cristo morreu pelos nossos pecados, foi sepultado e ressuscitou (I Cor. 15:1-8). Só há uma «boa nova» de salvação; qualquer outra mensagem é falsa (Gál. 6:10). A mensagem do Evangelho é a boa nova de que os pecadores podem tornar-se filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus (João 3:16). Acrescentar alguma coisa ao Evangelho é despi-lo do seu poder. Nós não somos salvos dos nossos pecados pela fé em Cristo mais alguma coisa; somos salvos pela fé em Cristo somente.

«Nós temos alguns vizinhos que acreditam num falso evangelho» — disse um membro de uma igreja ao seu pastor. «Tem alguma literatura que eu lhes possa dar?»

O pastor abriu a sua Bíblia em II Coríntios 3:2 e leu: «Vós sois a nossa carta, escrita nos nossos corações, conhecida e lida por todos os homens». Disse-lhe então: «A melhor literatura deste mundo não pode substituir a sua própria vida. Deixe-os ver Cristo na sua conduta e isso abrirá oportunidades de partilhar com eles o evangelho de Cristo.»

A maior arma contra o diabo é uma vida verdadeiramente piedosa. A igreja local que pratica a verdade, que «vive o que crê», irá destruir o inimigo. Este é o primeiro elemento essencial para se conseguir a vitória nesta batalha.

## 2. Cooperação (1:27b)

Paulo passa agora a usar a ilustração do atletismo. A palavra traduzida por «combatendo juntamente» dá-nos o termo «atletismo». Paulo vê a igreja como uma equipe e recorda aos crentes que é o trabalho em equipe que ganha vitórias. Não nos esqueçamos de que havia divisão na igreja de Filipos. Um dos motivos era que havia duas mulheres que não estavam a dar-se bem (4:2). Aparentemente, os membros da comunidade tomavam partido, como acontece muitas vezes, e a divisão daí resultante estava a prejudicar o trabalho da igreja. O inimigo fica sempre feliz ao ver divisões internas no ministério local. «Dividir para conquistar» é o seu lema, e muitas vezes consegue-o. É só combatendo juntos que os crentes podem vencer o inimigo.

Ao longo desta carta, Paulo usa um interessante esquema para salientar a importância da unidade. Na língua grega, o prefixo *sun* significa «com, juntamente», e quando usado com diferentes palavras reforça a ideia de unidade. (É, de certo modo, semelhante ao nosso prefixo *co*. Paulo usa-o) pelo menos 16 vezes na epístola aos Filipenses e os seus leitores não podiam deixar de reparar nessa mensagem. Em 1:27, o termo grego é *sunathleo* — «combatendo juntos como atletas».

Jerry estava aborrecido e resolveu falar com o treinador sobre o que sentia. «Não faz sentido continuar com os treinos» — queixou-se ele. «Mike é a equipe — o senhor não precisa de mais nenhum de nós.»

O treinador Gardner conhecia o problema. «Olha, Jerry, só pelo fato de Mike lançar a bola muitas vezes isso não significa que vocês não sejam necessários. Alguém tem de preparar as coisas antes, e é aí que os outros jogadores são precisos.»

Por vezes, há numa equipe um elemento interessado em colher os louros da vitória, que tem de estar sempre em evidência e que recebe todo o louvor. Com isso, ele dificulta a posição dos restantes elementos do grupo. Eles não estão a trabalhar ao mesmo nível, juntos, mas sim a concorrer para que um dos jogadores brilhe. É essa atitude que favorece a derrota. Infelizmente, temos também nas igrejas tais «caçadores de louros». João teve de lidar com um indivíduo chamado Diótrefes, porque ele queria «ter entre eles o primado» (III João 9). Mesmo os apóstolos Tiago e João pediram que lhes fossem atribuídos tronos especiais (Mat. 20:20-28). A palavra importante é juntos: permanecer firmemente juntos no Espírito, combatendo juntos contra o inimigo e fazendo isso com uma só mente e um só coração.

Não seria difícil propagar este conceito de igreja local como uma equipe de atletas. Cada pessoa tem o seu lugar e trabalho designado e se cada uma cumpre a sua tarefa, está a ajudar todos os outros. Nem todos podem ser capitão de equipe ou outro elemento chave! A equipe tem de seguir as regras e a Palavra de Deus é o nosso «Livro de regulamento». Há um alvo — honrar Cristo e a Sua vontade. Se todos trabalharmos juntos, podemos atingir esse alvo, ganhar o prêmio e glorificar o Senhor. Mas no momento em que um de nós começa a desobedecer às regras, interrompendo o treino (a vida cristã requer disciplina), ou buscando glória pessoal, o trabalho de equipe desaparece e passam a imperar a divisão e a competição.

Por outras palavras. Paulo recorda-nos de novo a necessidade de uma mente integral. Há alegria nas nossas vidas, mesmo quando lutamos contra o inimigo, se vivemos para Cristo e para o Evangelho e praticamos «trabalho cristão em equipe». É certo que existem pessoas com as quais não podemos cooperar (II Cor. 6:14-18; Ef. 5:11); mas há muitas outras com quem o podemos fazer — e devemos fazê-lo!

Somos cidadãos do céu e, portanto, devemos andar de modo coerente. Somos membros da mesma «equipe» e devemos trabalhar em cooperação. Mas existe um terceiro elemento essencial para termos êxito no nosso embate com o inimigo, e esse é a confiança.

## 2. Cooperação (1:27b)

Paulo passa agora a usar a ilustração do atletismo. A palavra traduzida por «combatendo juntamente» dá-nos o termo «atletismo». Paulo vê a igreja como uma equipe e recorda aos crentes que é o trabalho em equipe que ganha vitórias. Não nos esqueçamos de que havia divisão na igreja de Filipos. Um dos motivos era que havia duas mulheres que não estavam a dar-se bem (4:2). Aparentemente, os membros da comunidade tomavam partido, como acontece muitas vezes, e a divisão daí resultante estava a prejudicar o trabalho da igreja. O inimigo fica sempre feliz ao ver divisões internas no ministério local. «Dividir para conquistar» é o seu lema, e muitas vezes consegue-o. É só combatendo juntos que os crentes podem vencer o inimigo.

Ao longo desta carta, Paulo usa um interessante esquema para salientar a importância da unidade. Na língua grega, o prefixo *sun* significa «com, juntamente», e quando usado com diferentes palavras reforça a idéia de unidade. (É, de certo modo, semelhante ao nosso prefixo *co*. Paulo usa-o) pelo menos 16 vezes na epístola aos Filipenses e os seus leitores não podiam deixar de reparar nessa mensagem. Em 1:27, o termo grego é *sunathleo* — «combatendo juntos como atletas».

Jerry estava aborrecido e resolveu falar com o treinador sobre o que sentia. «Não faz sentido continuar com os treinos» — queixou-se ele. «Mike é a equipe — o senhor não precisa de mais nenhum de nós.»

O treinador Gardner conhecia o problema. «Olha, Jerry, só pelo fato de Mike lançar a bola muitas vezes isso não significa que vocês não sejam necessários. Alguém tem de preparar as coisas antes, e é aí que os outros jogadores são precisos.»

Por vezes, há numa equipe um elemento interessado em colher os louros da vitória, que tem de estar sempre em evidência e que recebe todo o louvor. Com isso, ele dificulta a posição dos restantes elementos do grupo. Eles não estão a trabalhar ao mesmo nível, juntos, mas sim a concorrer para que um dos jogadores brilhe. É essa atitude que favorece a derrota. Infelizmente, temos também nas igrejas tais «caçadores de louros». João teve de lidar com um indivíduo chamado Diótrefes, porque ele queria «ter entre eles o primado» (III João 9). Mesmo os apóstolos Tiago e João pediram que lhes fossem atribuídos tronos especiais (Mat. 20:20-28). A palavra importante é juntos: permanecer firmemente juntos no Espírito, combatendo juntos contra o inimigo e fazendo isso com uma só mente e um só coração.

Não seria difícil propagar este conceito de igreja local como uma equipe de atletas. Cada pessoa tem o seu lugar e trabalho designado e se cada uma cumpre a sua tarefa, está a ajudar todos os outros. Nem todos podem ser capitão de equipe ou outro elemento chave! A equipe tem de seguir as regras e a Palavra de Deus é o nosso «Livro de regulamento». Há um alvo — honrar Cristo e a Sua vontade. Se todos trabalharmos juntos, podemos atingir esse alvo, ganhar o prêmio e glorificar o Senhor. Mas no momento em que um de nós começa a desobedecer às regras, interrompendo o treino (a vida cristã requer disciplina), ou buscando glória pessoal, o trabalho de equipe desaparece e passam a imperar a divisão e a competição.

Por outras palavras. Paulo recorda-nos de novo a necessidade de uma mente integral. Há alegria nas nossas vidas, mesmo quando lutamos contra o inimigo, se vivemos para Cristo e para o Evangelho e praticamos «trabalho cristão em equipe». É certo que existem pessoas com as quais não podemos cooperar (II Cor. 6:14-18; Ef. 5:11); mas há muitas outras com quem o podemos fazer — e devemos fazê-lo!

Somos cidadãos do céu e, portanto, devemos andar de modo coerente. Somos membros da mesma «equipe» e devemos trabalhar em cooperação. Mas existe um terceiro elemento essencial para termos êxito no nosso embate com o inimigo, e esse é a confiança.

#### I. Ele pensa nos outros, não em Si próprio (2:5-6)

A «mente» de Cristo significa a «atitude» que Cristo mostrou. «A vossa atitude deve ser igual à de Cristo Jesus» (v. 5, NVI). Afinal de contas, a perspectiva determina o resultado. Se essa perspectiva é egoísta, as ações serão tendentes a dividir e destruir. Tiago faz idêntica afirmação (ver Tiago 4:1-10).

Estes versículos em Filipenses levam-nos à eternidade no passado. «Forma de Deus» não tem nada a ver com contorno ou formato. Deus é Espírito (João 4:24) e como tal não pode ser concebido em termos humanos. Quando a Bíblia se refere a «os olhos do Senhor» ou a «a mão do Senhor» não pretende dizer que Deus tenha uma forma humana. Simplesmente, aplica termos humanos para descrever atributos divinos (as características de Deus) e atividades divinas. A palavra «forma» significa «a expressão externa da natureza interna». Isso quer dizer que no passado da eternidade

Jesus Cristo era Deus. De fato Paulo afirma que Ele era «igual a Deus». Outros versículos tais como João 1:1-4, Col. 1:15 e Heb. 1:1-3 afirmam igualmente que Jesus Cristo é Deus.

Certamente, como Deus, Jesus Cristo não precisava de nada. Possuía toda a glória e louvor do céu. Com o Pai e o Espírito, Ele reinava sobre o universo. Mas o versículo 6 afirma um fato extraordinário: Ele não considerou a Sua igualdade com Deus como «algo que deveria reter egoisticamente». Jesus não pensou em Si mesmo, pensou nos outros. A Sua perspectiva (ou atitude) era de um interesse genuíno e altruísta pelos outros. E esta «a mente de Cristo», uma atitude que afirma: «Eu não posso manter os meus privilégios para mim próprio, tenho de os usar para os outros; e para fazer isso, ponho-os alegremente de lado e pago o preço que for necessário.»

Um repórter estava a entrevistar um próspero orientador profissional que tinha já colocado centenas de trabalhadores nas suas respectivas vocações, com bastante êxito. Quando lhe perguntaram o segredo do seu sucesso, o senhor respondeu: «Se quiser descobrir o que vale realmente um trabalhador, não lhe dê responsabilidades. Dê-lhe privilégios. Muitas pessoas são capazes de cumprir responsabilidades se lhes pagarem o suficiente, mas é preciso ser um verdadeiro líder para lidar com privilégios. O líder irá usar os seus privilégios para ajudar os outros a formar a organização; um homem inferior servir-se-á dos privilégios para auto-promoção.» Jesus usou os Seus privilégios celestes para bem dos outros — para nosso bem.

Valeria a pena contrastar a atitude de Cristo com a de Lúcifer (Isa. 14:12-15) e com a de Adão (Gen. 3:1-7). Muitos estudantes da Bíblia acreditam que a queda de Lúcifer é uma descrição da queda de Satanás. Ele fora em tempos o mais elevado dos seres angélicos, junto ao trono de Deus (Eze. 28:11-19), mas desejou sentar-se sobre o trono de Deus! Lúcifer declarou: «Eu farei!», mas Jesus disse: «A tua vontade...» Lúcifer não se contentava em ser uma criatura; queria ser o Criador! Jesus era o Criador e, voluntariamente, se fez homem. A humildade de Cristo constitui uma repreensão ao orgulho de Satanás.

Lúcifer não ficou satisfeito com, o fato de ele próprio ser um rebelde; invadiu o Éden e tentou o homem à rebelião. Adão tinha tudo de que necessitava; ele era de fato «rei» da criação de Deus («dominem», lemos em Gén. 1:26), mas Satanás afirmou: «Vós sereis como Deus!» O homem tentou deliberadamente agarrar algo que estava para além do seu alcance e como resultado precipitou toda a raça humana no pecado e na morte. Adão e Eva pensaram unicamente em si mesmos; Jesus Cristo pensou nos outros.

Nós achamos natural que os incrédulos sejam egoístas e ambiciosos, mas não esperamos o mesmo de cristãos que têm experimentado o amor de Cristo e a comunhão do Espírito (Fil. 2:1-2). No Novo Testamento, encontramos mais de 20 instruções de Deus sobre a maneira como devemos viver «uns com os outros». Devemos preferir-nos em honra uns aos outros (Rom. 12:10), edificar-nos uns aos

outros (I Tess. 5:11) e levar as cargas uns dos outros (Gál. 6:2). Não nos devemos julgar uns aos outros (Rom. 14:13), mas antes admoestar-nos uns aos outros (Rom. 15:14). Outros é a palavra-chave no vocabulário do cristão que exercita uma mente submissa.

## 2. Ele serve (2:7)

Pensar nos «outros» apenas de modo abstrato não basta; temos de descer aos fundamentos do verdadeiro serviço. Um famoso filósofo escreveu palavras muito bonitas a respeito da educação dos filhos, mas abandonou os seus. Para ele era fácil amar as crianças em termos abstratos, mas quando se entrava no campo da prática o assunto mudava de figura. Jesus pensou nos outros e tomou-Se servo! Paulo traça os degraus na humilhação de Cristo: (1) Ele aniquilou-Se a Si mesmo, pondo de lado o uso independente dos Seus próprios atributos como Deus; (2) Ele tornou-Se permanentemente humano, num corpo físico sem pecado; (3) Ele serviu-Se desse corpo para ser servo; (4) Ele levou esse corpo à cruz e morreu voluntariamente.

Que graça maravilhosa! Do céu à terra, da glória à vergonha, de Senhor a servo, da vida à morte, «e morte de cruz!» Na época do Velho Testamento, Cristo havia visitado a terra em certas ocasiões para realizar missões especiais (Gén. 18 é um destes casos), mas essas visitas eram temporárias. Quando Cristo nasceu em Belém, entrou numa união permanente com a humanidade, da qual não haveria escape possível. Ele voluntariamente Se humilhou a fim de nos poder erguer! Notemos que Paulo usa a palavra «forma», de novo, no versículo 7, «a expressão externa da natureza interna». Jesus não fingiu ser um servo; não foi um ator no desempenho de um papel. Ele foi de fato servo! Foi esta a expressão autêntica da Sua natureza mais íntima. Ele era o Deus-Homem, a divindade e a humanidade unidas num só, e tornou-Se servo.

Já notaram porventura ao ler os quatro Evangelhos que é Jesus que serve os outros, e não ao contrário? Ele está à disposição de todo o tipo de pessoas — de pescadores, de meretrizes, de cobradores de impostos, de doentes, dos tristes. «Bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos» (Mat. 20:28). No cenáculo, quando os Seus discípulos aparentemente se recusaram a servir, Jesus levantou-Se, pôs de lado a roupa exterior, pegou na grande toalha de linho e lavou-lhes os pés (João 13)! Ele assumiu o lugar de um escravo insignificante! Tratava-se da mente submissa em ação — e não admira que Jesus experimentasse tanta alegria!

Durante a Guerra Civil americana, o Gen. George B. McClellan assumiu a direção do grande Exército de Potomac, principalmente devido ao fato de ter a seu favor a opinião pública. Ele imaginava-se um grande líder militar e gostava de ouvir as pessoas a chamar-lhe «um jovem Napoleão». Contudo, o desempenho das suas funções não foi nada sensacional. O Presidente Lincoln nomeou-o General-em-Chefe, esperando que isso o despertasse, mas ele continuou a descuidar-se. Certa noite, Lincoln e dois dos membros do seu gabinete foram visitar McClellan, vindo a descobrir que ele se encontrava numa festa de casamento. Os três homens sentaram-se e esperaram. Uma

hora mais tarde, o general chegou a casa. Sem prestar a menor atenção ao Presidente, McClellan subiu as escadas e não voltou a aparecer. Meia hora mais tarde, Lincoln mandou o criado dizer a McClellan que eles continuavam à sua espera. O criado voltou com a informação de que o general se tinha deitado!

Perante a fúria dos seus colegas de trabalho, Lincoln simplesmente se levantou e seguiu para casa. «Não é ocasião para salientar pontos de etiqueta ou dignidade pessoal» — explicou o Presidente — «Eu seguraria o cavalo de McClellan se tão-somente ele nos conseguisse a vitória.» Foi essa a atitude de humildade que ajudou a fazer de Lincoln um grande homem e um grande presidente. Ele não pensava em si mesmo; pensava em servir os outros. O serviço é a segunda característica de uma mente submissa.

### 3. Ele sacrifica-Se (2:8)

Muitas pessoas estão prontas a servir os outros se isso não lhes custar nada. Mas se há um preço a pagar, então perdem rapidamente o interesse. Jesus «foi obediente até à morte, e morte de cruz» (v. 8). A Sua morte não foi a de um mártir, mas a de um Salvador. Ele voluntariamente deu a Sua vida pelos pecados do mundo.

O Dr. J. H. Jowett disse: «O ministério que não custa nada, não realiza nada.» Para haver alguma bênção, tem de se fazer algum sacrifício. Numa certa festa religiosa no Brasil, um missionário ia passando de barraca para barraca, examinando os artigos à venda. Por cima de uma dessas barracas viu um anúncio; «Cruzes baratas». Ele pensou consigo mesmo: «É isso que muitos cristãos procuram nos dias que correm — cruzes baratas. A cruz do meu Senhor não foi barata. Por que é que a minha havia de o ser?»

A pessoa que possui uma mente submissa não evita o sacrifício. Vive para a glória de Deus e para o bem dos outros; e, se pagando o preço vai honrar a Cristo e ajudar os outros, ele está pronto a fazê-lo. Foi essa a atitude de Paulo (v. 17), de Timóteo (v. 20), e também de Epafrodito (v. 30). Sacrifício e serviço vão juntos quando o serviço é de fato um ministério cristão autêntico.

No seu livro “Dedicação e Liderança”, Douglas Hyde explica como os comunistas conseguem ter êxito no seu programa. Tendo ele próprio sido membro do Partido Comunista durante 20 anos, Hyde compreende bem a sua filosofia. Ele salienta que os comunistas nunca pedem à pessoa para fazer um «trabalho pequeno e insignificante». Sempre requerem com toda a ousadia que ela faça algo de difícil. Fazem grandes exigências e recebem resposta pronta. O sr. Hyde considera «a prontidão para o sacrifício» um dos fatores mais importantes para o sucesso do programa comunista. Mesmo dos jovens integrados no movimento se espera que estudem, sirvam, dêem e obedeçam. E é isso exatamente que os atrai e segura.

O conselho de uma igreja estava a planear o programa do «Domingo da Juventude» anual e um dos membros sugeriu que os jovens fossem usados como porteiros, orassem em público e apresentassem números especiais de música. Um dos jovens levantou-se e disse: «Muito francamente, nós estamos cansados de sermos

requisitados apenas para coisas pequenas. Gostaríamos de fazer alguma coisa difícil este ano, e talvez isso pudesse continuar durante todo o ano. Já temos falado e orado sobre o assunto e gostaríamos de trabalhar com os responsáveis da igreja na remodelação daquela sala na cave, de modo a poder torná-la funcional para uma sala de aula. Gostaríamos também de começar a visitar semanalmente os nossos membros idosos e a levar-lhes cassetes com cultos gravados. E, se concordarem, gostaríamos de realizar um culto semanal de testemunho, aos domingos à tarde, no parque. Esperamos que concordem com estas idéias.»

O jovem sentou-se e o novo pastor da juventude sorriu intimamente. Em particular, ele havia desafiado a juventude a fazer algo que realmente custasse — e os jovens tinham respondido com entusiasmo a esse desafio. O pastor sabia que é necessário sacrifício para haver verdadeiro crescimento e ministério. O teste de uma mente submissa não está propriamente em quanto estamos prontos a assumir em termos de sofrimento, mas quanto estamos dispostos a dar em termos de sacrifício. Um pastor queixou-se de que os seus homens estavam a mudar as palavras do hino: «Toma a minha vida e torna-a...» para «Toma a minha esposa e deixa-me...» [No inglês só há diferença de três letras entre estas duas frases (N.T.)] Eles estavam prontos a que os outros fizessem sacrifícios, mas não se dispunham a sacrificarem-se eles próprios pelos outros.

Um dos paradoxos da vida cristã é que quanto mais damos, mais recebemos, quanto mais sacrificamos, mais Deus nos abençoa. É por isso que a mente submissa conduz à alegria; e torna-nos mais semelhantes a Cristo. Isso significa partilhar a sua alegria, como partilhamos também das Suas aflições. E claro que quando o amor constitui a motivação (2.1), o sacrifício nunca é medido nem mencionado. A pessoa que fala constantemente sobre os seus sacrifícios não tem uma mente submissa.

Será que te está a custar alguma coisa ser um cristão?

#### 4. Ele glorifica a Deus (2:9-11)

Este é sem dúvida o grande objetivo de tudo o que fazemos — glorificar a Deus. Paulo adverte-nos contra a «vanglória» no versículo 3. O tipo de rivalidade que opõe um cristão a outro cristão, um ministério a outro ministério, não é espiritual, nem pode satisfazer. É vazio, vazio. Jesus humilhou-Se a Si mesmo pelos outros e Deus exaltou-O soberanamente; o resultado dessa exaltação é a glória para Deus.

A exaltação do nosso Senhor começou com a Sua ressurreição. Quando os homens enterraram o corpo de Jesus, isso constituiu a última coisa que mãos humanas tiveram a ver com Ele. Dali em diante, foi Deus Quem operou. Os homens tinham feito o pior ao Salvador, mas Deus exaltou-O e honrou-O. Os homens aplicaram-Lhe nomes ridículos e insultuosos, mas o Pai deu-Lhe um nome glorioso! Da mesma maneira que na Sua humilhação Ele recebeu o nome de «Jesus» (Mat. 1:21), assim na Sua exaltação

Lhe foi dado o nome de «Senhor» (v. 11, ver Atos 2:32-36). Ele levantou-Se de entre os mortos e regressou vitorioso para o céu, ascendendo ao trono do Pai.

A Sua exaltação incluiu autoridade soberana sobre todas as criaturas no céu, na terra e debaixo da terra. Todos se prostrarão perante Ele (ver Isa. 45:23). É possível que «debaixo da terra» se refira aos perdidos, pois a família de Deus ou se encontra no céu ou na terra (Ef. 3:14-15). Um dia, todos se prostrarão diante d'Ele e confessarão que Ele é Senhor. Claro que é possível fazer isso hoje e receber o Seu dom de salvação (Rom. 10:9-10). Prostrarmo-nos diante d'Ele agora, significa salvação; fazê-lo no Dia do Juízo significa condenação.

O propósito da humilhação e exaltação de Cristo é a glória de Deus (v. 11). Quando Jesus enfrentou a cruz, a glória do Pai era de suprema importância na Sua mente: «Pai, é chegada a hora; glorifica a Teu Filho, para que também o Teu filho Te glorifique a Ti» (João 17:1). De fato, Ele deu-nos esta glória a nós (João 17:22) e um dia partilhá-la-emos com Ele no céu (João 17:24; ver Romanos 8:28-30). A obra de salvação é muito maior e grandiosa que simplesmente a salvação de uma alma perdida, ainda que esta seja tão maravilhosa. A nossa salvação tem como objetivo supremo a glória de Deus (Ef. 1:6,12,14).

A pessoa que tem uma mente submissa deve esperar sacrifício e serviço enquanto vai vivendo para os outros, mas no final isso conduzirá à glória. «Humilhai-vos debaixo da potente mão de Deus para que a seu tempo vos exalte» (I Ped. 5:16). José sofreu e serviu durante 13 anos; mas depois, Deus o exaltou e o tornou o segundo homem do Egito. David foi ungido rei quando era ainda rapaz. Experimentou anos de dificuldades e sofrimento, mas a seu tempo Deus o exaltou como rei de Israel.

A alegria de uma mente submissa vem, não só do fato de ajudar os outros e partilhar da comunhão das aflições de Cristo (Fil. 3:10), mas acima de tudo do conhecimento de que estamos glorificando a Deus. Nós permitimos que a luz resplandeça através das nossas boas obras e isso glorifica o Pai que está nos céus (Mat. 5:16). Poderá ser que não vejamos essa glória no presente, mas vê-la-emos quando Jesus voltar e recompensar os Seus servos fiéis.

#### FATORES INTERNOS E EXTERNOS DA VIDA CRISTÃ (Filipenses 2:12-18)

«Poucas coisas são mais difíceis de suportar» — escreveu Mark Twain — «do que o incômodo causado por um bom exemplo.» Talvez o que nos incomode mais num bom exemplo seja exatamente a incapacidade de realizar nas nossas próprias vidas idênticas proezas. A admiração por uma pessoa importante pode inspirar-nos, mas não nos transmite capacidade. A menos que a pessoa entre nas nossas próprias vidas e partilhe conosco os seus dons, não chegaremos a atingir os seus níveis elevados de realização. É preciso mais do que um simples exemplo externo; é preciso poder interno.

Paulo apresentou exatamente Jesus Cristo como nosso grande exemplo no exercício de uma mente submissa. Lemos as suas palavras e concordamos com elas, mas que faremos para as pôr em prática?

Como é que qualquer homem mortal pode alguma vez esperar conseguir o que Jesus Cristo conseguiu? Parece quase presunção da nossa parte tentá-lo! Aqui estamos nós, procurando desenvolver a humildade na nossa vida, e, afinal, estamos a revelar orgulho ao ousarmos imitar o Senhor Jesus Cristo!

O problema não é de fato assim tão difícil. Paulo não nos pede para «chegarmos às estrelas», embora quanto mais alto estiver o alvo, mais devamos atingir. Em vez disso, ele põe diante de nós o padrão divino para a mente submissa e o poder divino para realizar o que Deus tem ordenado. «É Deus quem opera em vós» (2:13). Não é por imitação, mas por encarnação — «Cristo vive em mim» (Gál. 2:20). A vida cristã não consiste numa série de altos e baixos. É antes um processo de «fatores internos e externos.» Deus trabalha dentro e nós trabalhamos fora. Cultivamos a mente submissa respondendo à provisão divina que Deus põe à nossa disposição.

#### 1. Há um propósito a atingir (2:12,14-16)

«Operai a vossa salvação» (v. 12) não quer dizer «Trabalhai pela vossa própria salvação.» Para já, Paulo está a escrever a pessoas que já são «santos» (1:1), o que quer dizer que já confiam em Cristo e foram separadas para Ele. O verbo «operar» contém o sentido de «trabalhar até completar totalmente», como no caso da solução de um problema de matemática. Na época de Paulo, usava-se também no sentido de «explorar uma mina», ou seja, tirar da mina o mais possível de valioso minério; ou «trabalhar um campo» de modo a conseguir a colheita mais abundante possível. O propósito que Deus quer que atinjamos é a semelhança de Cristo, «para sermos conformes à imagem de seu Filho» (Rom. 8:29). Há problemas na vida, mas Deus ajudar-nos-á a «vencê-los». As nossas vidas têm um tremendo potencial, como acontece com uma mina ou com um campo, e Ele quer ajudar-nos a aplicar esse potencial.

Cindy não parecia muito feliz quando chegou a casa, vinda da universidade, para passar as férias com a família. Os pais notaram nela um comportamento estranho, mas foram suficientemente sábios para esperar que ela se dispusesse a partilhar o seu problema com eles. Isso aconteceu após o jantar.

«Paizinhos, tenho algo a dizer-lhes e receio que isso os vá ferir.»

«Diz francamente o que sentes» — disse-lhe o pai com simpatia — «que nós compreenderemos. Queremos orar contigo a respeito do assunto — qualquer que ele seja.»

«Bem, sabem que durante o tempo em que andei no liceu falei em me tornar enfermeira, principalmente porque a mãezinha é enfermeira e creio que gostavam que eu seguisse os seus passos. Mas agora não posso continuar com tal plano. O Senhor simplesmente não quer que eu seja enfermeira!»

A mãe sorriu e pegou-lhe na mão. «Querida, tanto o teu pai como eu desejamos que se faça a vontade de Deus na tua vida. Se fizeres qualquer outra coisa, todos nós seremos infelizes!»

Cindy fora corajosa com aquela atitude; enfrentara a vontade de Deus e decidira operar a sua própria salvação — a sua própria vida cristã — e não a que qualquer outra pessoa pretendesse para ela. Um dos aspectos mais maravilhosos de se ser cristão é o sabermos que Deus tem um plano para as nossas vidas (Ef. 2:10) e que nos ajudará a realizá-lo para Sua glória. O nosso Deus é um Deus de variedade infinita! Não há duas flores iguais, não há dois flocos de neve iguais; porque é que dois cristãos haviam de ser iguais? Todos nós devemos ser como Cristo, mas temos de ser ao mesmo tempo nós próprios.

A expressão «operai a vossa salvação» refere-se provavelmente, e de um modo particular, aos problemas específicos da igreja de Filipos; mas a frase aplica-se também ao cristão individual. Nós não devemos ser «imitações baratas» doutras pessoas, principalmente de «grandes cristãos». Devemos seguir unicamente o que vemos de Cristo nas suas vidas. «Sede meus imitadores, como também eu de Cristo» (I Cor. 11:1). Cada «grande santo» tem pés de barro e acabará por nos desapontar, mas Jesus Cristo nunca nos decepciona.

Nos versículos 14 e 15, Paulo contrasta a vida do crente com as vidas daqueles que vivem no mundo. As pessoas incrédulas queixam-se e estão constantemente a encontrar faltas, mas os cristãos alegram-se. A sociedade que nos rodeia está «torcida e deformada», mas o cristão ergue-se firme porque mede a sua vida pela Palavra de Deus, o padrão perfeito. O mundo é escuro, mas os cristãos brilham como lâmpadas resplandecentes. O mundo não tem nada para oferecer, mas o cristão apresenta a Palavra da vida, a mensagem da salvação pela fé em Cristo. Por outras palavras, quando deixamos que Deus realize este propósito nas nossas vidas, tornamo-nos melhores testemunhas num mundo que precisa desesperadamente de Cristo. Apliquemos estas características a Jesus e veremos que Ele viveu uma vida perfeita num mundo imperfeito.

É importante notar que este propósito se atinge «no meio de uma geração corrompida e perversa» (v. 15). Paulo não nos aconselha a fugirmos do mundo e a irmos para qualquer recinto de isolamento espiritual. É só quando nos defrontarmos com as necessidades e problemas da vida real que podemos começar a ser mais semelhantes a Cristo. Os fariseus estavam tão isolados e separados da realidade que desenvolveram um tipo artificial de justiça própria que era radicalmente diferente da justiça que Deus queria ver neles. Por conseguinte, os fariseus impunham uma religião de temor e escravidão sobre as pessoas (Ier Mateus 23) e crucificaram Cristo por ter ousado opor-se a esse tipo de religião. Não é fugindo do mundo, mas servindo-o, que nós veremos o propósito de Deus cumprido nas nossas vidas.

## 2. Há um poder a receber (2-13)

O princípio que Paulo apresenta é este: Deus tem de trabalhar em nós, antes de poder trabalhar através de nós. Este princípio pode ver-se aplicado em toda a Bíblia, nas vidas de homens como Moisés, David, os apóstolos e outros. Deus tinha um propósito especial para ser realizado por cada ser humano, e cada um deles era único e não uma imitação de qualquer outro. Por exemplo. Deus levou 40 anos a conduzir Moisés até ao lugar onde poderia usá-lo como líder do povo de Israel. Enquanto Moisés ia apascentando o rebanho durante esses 40 anos. Deus ia operando nele de modo que um dia pudesse trabalhar através dele. Deus está mais interessado no trabalhador do que no trabalho. Se o trabalhador for aquilo que deve ser, também o trabalho será aquilo que deve ser.

São muitos os cristãos que obedecem a Deus só por causa da pressão externa e não pelo poder interno. Paulo advertiu os Filipenses de que o que realmente importava não era a sua presença com eles, mas o desejo deles próprios de obedecerem e agradarem a Deus (1:27;2:12). Aqueles crentes não podiam construir as suas vidas sobre Paulo, porque talvez ele não estivesse por muito tempo com eles. É triste ver como alguns trabalhos da igreja enfraquecem e ficam de lado por qualquer alteração na liderança. Temos a tendência para agradarmos aos homens e obedecermos a Deus só quando as pessoas nos estão a observar. Mas quando nos rendemos ao poder de Deus em nós, então a obediência torna-se um prazer e não uma luta.

O poder que opera em nós é o poder do Santo Espírito de Deus (João 14:16-17,26; At. 1:8; I Cor. 6:19-20). A nossa palavra energia vem da palavra traduzida por «opera», no versículo 13. É a divina energia de Deus a trabalhar em nós e através de nós! O mesmo Espírito Santo que revestiu Cristo de poder durante o Seu ministério terreno pode revestir-nos também a nós. Contudo, temos de reconhecer o fato de que a energia da carne (Rom. 7:5) e do diabo (Ef. 2:2; 2 Tes. 2:7) também estão a trabalhar. Por causa da morte, ressurreição e ascensão de Cristo, a energia divina de Deus está à nossa disposição (Ef. 1:18-23). O poder está aqui, mas como é que iremos usá-lo? Que «instrumentos» usa Deus, pelo Seu Espírito, para operar nas nossas vidas? Há três «instrumentos»: a Palavra de Deus, a oração e o sofrimento.

A Palavra de Deus — «Pelo que também damos sem cessar graças a Deus, pois havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas segundo é na verdade, como palavra de Deus, a qual também opera em vós os que crestes.» (I Tes. 2:13). A divina energia de Deus liberta-se nas nossas vidas através da Sua Palavra inspirada. A mesma Palavra que deu origem ao universo pode libertar poder divino nas nossas vidas! Mas é nossa a responsabilidade de apreciar a Palavra e não a tratar do mesmo modo que tratamos as palavras dos homens. A Palavra de Deus é única: é inspirada, autorizada e infalível. Se não dermos verdadeiro valor à Palavra, então o poder de Deus não poderá transmitir energia às nossas vidas.

Temos também de apropriar a Palavra — «recebê-la». Isso significa muito mais do que escutá-la, ou mesmo lê-la e estudá-la. «Receber» a Palavra de Deus significa aceitá-la com prazer e torná-la parte do íntimo do nosso ser. A verdade de Deus é para o homem espiritual o que o alimento é para o homem físico.

Finalmente, temos de aplicar a Palavra; ela só opera naqueles «que crêem». Quando confiamos na Palavra de Deus e agimos apoiados nela, então o poder de Deus é libertado nas nossas vidas. A promessa do anjo a Maria, em Lucas 1:37 — «Porque para Deus nada é impossível» — é traduzida na Versão Padrão Americana por: «Porque nenhuma palavra de Deus será vazia de poder» (1901). A Palavra de Deus tem em si mesma o poder de realizar, e a fé liberta esse poder.

Vemos esta verdade em ação na vida de Jesus. Ele ordenou ao aleijado que estendesse a mão e essa mesma ordem transmitiu-lhe o poder para obedecer e ficar curado (Mat. 12:13). Ele ordenou a Pedro que fosse ter com Ele sobre a água e essa ordem habilitou Pedro a fazê-lo, enquanto ele exerceu fé (Mat. 14:22-33). É a fé nas promessas de Deus que liberta o poder de Deus. Os Seus mandamentos levam em si mesmos o poder de realizar. O Espírito Santo escreveu as promessas para nós na Palavra e Ele dá-nos a fé para nos firmarmos nessas mesmas promessas. «Pois independentemente de quantas promessas Deus nos fez, elas são «Sim» em Cristo. Desse modo, por Ele o «Amen» é proferido por nós para glória de Deus» (II Cor. 1:20, NVI).

Oração — Assim, se queremos que o poder de Deus opere em nós, temos de dedicar diariamente tempo à Palavra de Deus. Mas temos igualmente de orar, pois a oração é o segundo «instrumento» que Deus usa para operar nas vidas dos Seus filhos. «Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera» (Ef. 3:20). O Espírito Santo está intimamente ligado à prática da oração nas nossas vidas (Rom. 8:26-27 ; Zac. 12:10). O livro de Atos deixa claro que a oração é uma fonte de poder espiritual divinamente ordenada (1:14; 4:23-31; 12:5,12), e a Palavra de Deus e a oração andam juntas (At. 6:4). A não ser que o cristão dê tempo à oração, Deus não poderá operar nele e através dele. Tanto na Bíblia como na história da igreja, as pessoas que Deus usou eram pessoas de oração.

Sufrimento — O terceiro «instrumento» de Deus é o sofrimento. O Espírito de Deus opera de um modo especial nas vidas daqueles que sofrem para glória de Cristo (I Ped. 4:12-19). A «ardente prova» tem uma maneira de queimar as impurezas e revestir o crente de poder para servir a Cristo. O próprio Paulo tinha experimentado o poder de Deus nessa prisão de Filipos quando foi espancado e lançado no tronco no cárcere interior; ele conseguiu cantar e louvar a Deus a despeito do seu sofrimento (At. 16:19-33). A sua «ardente prova» também o habilitou a perdoar ao carcereiro. Não foi o terremoto que levou aquele homem à convicção do pecado; o terremoto quase o levou ao suicídio! Foi a palavra encorajadora de Paulo: «Não te faças nenhum mal!

Estamos todos aqui» (BV). Aquele tipo de amor quebrantou o coração do homem e ele prostrou-se diante de Paulo, perguntando como é que podia ser salvo.

A Palavra de Deus, a oração e o sofrimento são os três «instrumentos» que Deus aplica nas nossas vidas. Do mesmo modo que a eletricidade tem de correr através de um condutor, assim o Espírito Santo tem de operar através dos meios que Deus providenciou. Quando o cristão lê a Palavra e ora, torna-se mais semelhante a Cristo; e quanto mais semelhante a Cristo ele se torna, mais o mundo incrédulo lhe oferece resistência. Esta «comunicação das suas aflições» (Fil. 3:10), diária, leva o crente de volta à Palavra e à oração, de modo que os três «instrumentos» operam juntamente para prover o poder espiritual de que ele necessita para glorificar a Cristo.

Se desejamos ter uma mente submissa e a alegria que a acompanha, temos de reconhecer que há um propósito a atingir (o plano de Deus para as nossas vidas), um poder a receber (o Espírito Santo) e uma promessa a aceitar pela fé.

3. Há uma promessa a aceitar pela fé (2:16-18).

Qual é essa promessa? — Que a alegria vem da submissão. A filosofia deste mundo é que a alegria vem pela agressão: luta contra toda a gente para conseguires o que queres, pois assim o obterás e serás feliz. O exemplo de Jesus é prova suficiente de que a filosofia do mundo está errada. Ele nunca se serviu de uma espada ou de qualquer outra arma; contudo, Ele ganhou a maior batalha da história — a batalha contra o pecado, a morte e o inferno. Ele derrotou o ódio manifestando o amor; venceu a mentira com a verdade. Porque Se submeteu, saiu vitorioso! E nós temos de ousar acreditar na Sua promessa: «Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado» (Lucas 14:11). «Quão felizes são os que têm uma mente humilde, porque deles é o reino dos céus» (Mat. 5:3, Ph.).

Há uma alegria dupla que penetra na pessoa que possui e pratica uma mentalidade submissa: uma alegria futura (v. 16) e uma alegria aqui e agora (vs. 17-18). No Dia de Cristo (ver 1:6,10), Deus vai recompensar aqueles que Lhe foram fiéis. «O gozo do teu Senhor» será parte dessa recompensa (Mat. 25:21). O cristão fiel descobrirá que os seus sofrimentos na terra foram transformados em glória no céu! Verá que o seu trabalho não foi em vão (I Cor. 15:58). Foi esse mesmo tipo de promessa de alegria futura que ajudou o nosso Salvador nos Seus sofrimentos sobre a cruz (Heb. 12:1-2).

Todavia, nós não precisamos de esperar até à segunda vinda de Cristo para começar a experimentar o gozo da mente submissa. Esse gozo é uma realidade presente (vs. 17-18), e vem pelo sacrifício e serviço. É significativo que nos dois versículos que falam de sacrifício Paulo use as palavras alegria e regozijo — e repete-as! A maior parte das pessoas iria associar tristeza com sofrimento, mas Paulo vê o sofrimento e sacrifício como passagens para uma alegria mais profunda em Cristo.

No versículo 17, Paulo compara a sua experiência de sacrifício à do sacerdote ao derramar a oferta de libação (Num. 15:1-10). Era muito possível que o julgamento de Paulo terminasse na sua condenação e execução. Mas isso não lhe roubava a alegria. A

sua morte seria um sacrifício voluntário, um ministério sacerdotal, por Cristo e pela Sua igreja; isso dar-lhe-ia alegria. «Sacrifício e serviço» são marcas de uma mente submissa (2:7-8,21-22,30) e a mente submissa experimenta alegria mesmo no meio do sofrimento.

É preciso fé para exercer a mente submissa. Temos de crer que as promessas de Deus são verdadeiras e que vão operar nas nossas vidas, do mesmo modo que operaram na vida de Paulo. Deus opera em nós através da Palavra, da oração e do sofrimento; e nós trabalhamos fora, na vida diária e no serviço. Deus cumpre os Seus propósitos em nós quando recebemos e cremos na Sua Palavra. A vida não consiste numa série de «altos e baixos» decepcionantes. Consiste antes numa seqüência de «fatores internos e externos» agradáveis. Deus trabalha dentro — nós trabalhamos fora! O exemplo vem de Cristo, a energia vem do Espírito Santo e o resultado é —  
**ALEGRIA!**

#### UM PAR DE VALOR INESTIMÁVEL

Um repórter de San Bernardino, Califórnia, conseguiu que um homem se deitasse na sarjeta de uma rua bastante movimentada. Centenas de pessoas passaram por esse homem, mas nem uma só parou para o ajudar ou mesmo lhe manifestar alguma simpatia!

Há alguns anos atrás, os jornais\* de todo o país noticiaram como 38 pessoas presenciaram as tentativas de um homem para apanhar uma jovem, e atacá-la por fim, sem que nenhum dos espectadores tivesse ao menos pegado num telefone para chamar a polícia!

Um grupo de adolescentes de Detroit descobriu numa cabine telefônica uma senhora que sofrera um ataque de coração. Os jovens conduziram-na para uma casa próxima e tocaram a campainha, em busca de auxílio. A única resposta que tiveram, foi: «Saíam da minha entrada e levem-na daqui!»

Um médico de Kentucky seguia por uma auto-estrada para ver um doente, quando presenciou um acidente. Parou e ajudou os feridos, seguindo depois o seu caminho até à casa do doente. Um dos condutores, que ele ajudou, processou-o!

Será possível ser um «bom samaritano» hoje em dia? Será que toda a gente tem de endurecer o coração a fim de se proteger? Talvez «sacrifício e serviço» sejam virtudes fora de moda que de algum modo não se ajustam à, assim chamada, civilização moderna. Vale a pena notar que mesmo no tempo de Paulo um interesse autêntico e recíproco entre as pessoas não era uma virtude popular. Os cristãos em Roma não estavam muito interessados nos problemas de Filipos; Paulo não conseguiu encontrar uma única pessoa entre eles que estivesse disposta a ir a Filipos (2:19-21). Os tempos não mudaram muito.

Neste parágrafo, Paulo fala ainda da mente submissa. Ele fez-nos uma descrição da mente submissa no exemplo de Jesus Cristo (2:1-11). Explicou a dinâmica da mente submissa na sua própria experiência (2:12-18). Agora, apresenta-nos a dois dos seus

colaboradores no ministério, Timóteo e Epafrodito, e fá-lo por uma razão. Paulo sabe que os seus leitores serão inclinados a dizer: «Para nós é impossível seguir exemplos como os de Cristo e do apóstolo Paulo! Afinal de contas, Jesus é o próprio Filho de Deus, e Paulo é um apóstolo escolhido que teve grandes experiências espirituais!»! Por essa razão, Paulo apresenta-nos a dois «santos comuns», homens que não eram apóstolos nem operadores de milagres espetaculares. Ele quer que saibamos que a mente submissa não é um luxo desfrutado por uns poucos escolhidos; é uma necessidade se realmente queremos ter alegria cristã, e uma oportunidade para todos os crentes.

I. Timóteo (2:19-24) Paulo encontrou provavelmente Timóteo na sua primeira viagem missionária (At. 14:6 e seg.), altura em que, talvez, o jovem se tivesse convertido (I Cor. 4:17). Aparentemente, a mãe e a avó de Timóteo já se haviam convertido (2 Tim. 1:3-5). Ele era filho de mãe judia e de pai gentio, mas o apóstolo sempre considerou esse jovem como seu próprio «amado filho» na fé (II Tim. 1:2). Quando Paulo voltou a Derbe e Listra quando da sua segunda viagem, alistou o jovem Timóteo como um os seus colaboradores (At. 16:1-4). Em certo sentido, Timóteo substituiu João Marcos a quem Paulo não quisera levar consigo naquela viagem por ele ter anteriormente abandonado a causa (At. 13:13 ; 15:36-41).

Na experiência de Timóteo aprendemos que a mente submissa não é algo que apareça súbita e automaticamente na vida do crente. Timóteo teve de desenvolver e cultivar a «mente de Cristo». Não era natural para ele ser servo; mas à medida que ia andando com o Senhor e trabalhando com Paulo, foi-se tornando o tipo de servo em que Paulo podia confiar e que Deus podia abençoar. Notemos as características deste jovem.

Ele tinha a mente de um servo (2:19-21).

Para começar, Timóteo cuidava naturalmente das pessoas e preocupava-se com as suas necessidades. Não estava interessado em «ganhar amigos e influenciar pessoas»; ele estava genuinamente interessado no bem-estar físico e espiritual dos outros. Paulo estava preocupado com a igreja de Filipos e queria enviar alguém que lhes manifestasse esse seu interesse e examinasse a situação. Havia certamente centenas de cristãos em Roma (Paulo saúda 26 por nome em Romanos 16); contudo, nenhum deles se pôs à sua disposição para fazer aquela viagem! «Porque todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus» (Fil. 2:21). Num sentido muito real, todos nós vivemos ou em Filipenses 1:21, ou em Filipenses 2:21!

Todavia, Timóteo tinha uma preocupação natural pelo bem-estar dos outros; tinha uma mente de servo. E deveras lamentável que os crentes de Roma estivessem tão concentrados em si mesmos e nas suas próprias contendas internas (1:15-16) que não dispusessem de tempo para a importante obra do Senhor. Esta é uma das tragédias dos problemas nas igrejas; desviam o tempo, a energia e a atenção das coisas que têm mais valor. Timóteo não estava interessado em promover qualquer partido, ou em

apoiar qualquer causa de divisão. Interessava-se apenas pela condição espiritual do povo de Deus e esse interesse genuíno era natural nele. Como é que esse tipo de cuidado se desenvolveu? A resposta está na próxima característica deste jovem notável.

Ele tinha a preparação de um servo (2:22).

Paulo não acrescentou Timóteo à sua «equipe» no próprio dia em que o jovem foi salvo. O apóstolo era suficientemente prudente para não cometer tal erro. Deixou-o no seu lugar para se integrar na comunhão da igreja em Derbe e Listra, e foi nessa comunhão que Timóteo cresceu na vida espiritual e aprendeu a servir ao Senhor. Quando Paulo voltou a essa região alguns anos mais tarde, sentiu-se feliz ao descobrir que do jovem Timóteo «davam bom testemunho os irmãos» (At. 16:2). Anos mais tarde, Paulo escreveria a Timóteo a respeito da importância de permitir que os novos crentes cresçam antes de lhes serem confiados lugares importantes no ministério (I Tim. 3:6-7).

Um popular artista de um clube noturno local visitou um pastor e informou-o de que havia sido salvo e queria servir ao Senhor. «Que deverei fazer agora?» — perguntou ele.

«Bem, eu iria sugerir que se unisse a uma boa igreja e começasse a crescer.» — respondeu o pastor. «A sua esposa é crente?»

«Não, não é» — replicou o músico — «Espero ganhá-la, mas será preciso esperar? Bem, não sei se me compreende, eu gostaria de fazer alguma coisa para Deus, agora mesmo.»

«Não, o senhor não precisa esperar para dar testemunho de Jesus» — explicou o pastor — «Trabalhe numa igreja e use os seus talentos para Cristo.»

«Mas o senhor não sabe quem eu sou!» — protestou o homem — «Eu sou um grande músico — toda a gente me conhece. Quero começar eu próprio uma organização, fazer discos e realizar grandes encontros!»

«Se andar depressa demais» — advertiu o pastor — «pode prejudicar-se a si e ao seu testemunho. O lugar para começar a ganhar almas é exatamente no seu lar. Deus irá abrindo lugares de serviço para si, à medida que o vai preparando. Entretanto, estude a Bíblia e proporcione a si próprio oportunidades de crescer.»

O artista não seguiu o conselho do pastor. Em vez disso, montou uma grande organização e começou a trabalhar sozinho. O seu «sucesso» durou menos de um ano. Não só se perdeu o seu testemunho por não estar suficientemente forte para suportar fardos pesados, mas também as suas constantes viagens o afastaram da esposa e da família. Deixou--se arrastar para um grupo extremista e desapareceu do ministério público como um homem destruído e arruinado.

«Estendeu mais os braços do que aprofundou as raízes» — disse o pastor — «Quando isso acontece, a pessoa acaba por cair.»

Paulo não cometeu tal erro com Timóteo. Deu-lhe tempo para ganhar raízes profundas e depois alistou-o então para trabalhar com ele nas suas viagens missionárias. Ensinou-lhe a Palavra e permitiu-lhe observar o desempenho do seu ministério (II Tim. 3:10-17). Foi assim que Jesus treinou os Seus discípulos. Deu-lhes pessoalmente instrução equilibrada pela experiência no trabalho. Experiência sem ensino pode conduzir ao desânimo, e ensino sem experiência pode conduzir à morte espiritual. As duas coisas são importantes.

Ele teve a recompensa de um servo (2:23).

Timóteo conhecia o significado de «sacrifício e serviço» (2:17), mas Deus recompensou-o pela sua fidelidade. Para começar, Timóteo teve a alegria de ajudar outros. Sem dúvida que houve tribulações e dificuldades, mas essas foram ao mesmo tempo vitórias e bênçãos. Porque Timóteo foi um «servo bom e fiel», fiel sobre o pouco, Deus recompensou-o com «o muito» e ele entrou no gozo da mente submissa (Mat. 25:21). Ele teve a alegria de servir juntamente com o grande apóstolo Paulo e de o ajudar em algumas das responsabilidades mais difíceis (I Cor. 4:17 e seg.; Timóteo é mencionado pelo menos 24 vezes nas cartas de Paulo). Mas talvez que a maior recompensa que Deus deu a Timóteo tenha sido a de o escolher para ser o substituto de Paulo, quando o grande apóstolo foi chamado ao lar celestial (ver II Tim. 4:1-11). O próprio Paulo queria ir a Filipos, mas tivera de enviar Timóteo em seu lugar. Mas que honra! Timóteo não era apenas filho e servo de Paulo, mas tornou-se seu substituto! O seu nome é altamente considerado pelos cristãos de hoje, coisa com que o jovem Timóteo jamais sonhou enquanto estava ocupado em servir a Cristo.

A mente submissa não é o produto de um sermão de uma hora, ou de um seminário de uma semana, ou mesmo de um ano de serviço. A mente submissa cresce em nós quando, como Timóteo, nos entregamos ao Senhor e procuramos servir os outros.

## 2. Epafrodito (2:25-30)

Paulo era «hebreu de hebreus» ; Timóteo era em parte judeu e em parte gentio (At. 16:1); Epafrodito, tanto quanto nos é dado saber, era totalmente gentio. Foi o membro da igreja de Filipos que arriscou a saúde e a vida para levar a sua oferta missionária ao apóstolo que se encontrava em Roma (4:18). O seu nome significa «encantador» e ele é realmente um cristão encantador!

Ele era um cristão equilibrado (2:25).

Paulo nem tinha palavras para definir este homem — «Meu irmão e cooperador, e companheiro nos combates.» Estas três descrições formam um paralelismo com que o apóstolo escreveu a respeito do Evangelho no primeiro capítulo desta epístola:

«meu irmão» — a «comunhão do Evangelho» (1:5)

«meu cooperador» — o «avanço do Evangelho» (1:12)

«meu companheiro nos combates» — a «fé do Evangelho» (1:27)

Epafrodito era um cristão equilibrado!

O equilíbrio é importante na vida cristã. Algumas pessoas dão ênfase à «comunhão» de tal maneira que se esquecem do avanço do Evangelho. Outros estão tão envolvidos na defesa da «fé do Evangelho» que negligenciam a comunhão com outros crentes. Epafrodito não caiu em nenhuma dessas armadilhas. Ele era como Neemias, um homem que reconstruiu os muros de Jerusalém com a espada numa das mãos e com a colher de pedreiro na outra (Nee. 4:17). Não se pode construir com uma espada, nem combater com uma colher de pedreiro! São necessárias as duas para se conseguir fazer o trabalho do Senhor.

O Dr. H. A. Ironside costumava contar a história de um grupo de crentes que só pensavam na «comunhão». Manifestavam pouco interesse em evangelizar os perdidos ou em defender a fé contra os inimigos. Em frente do seu local de reuniões tinham um dístico: JESUS SOMENTE. Contudo, o vento fez cair algumas das letras, de modo que a frase passou a ser assim: NÓS SOMENTE (N. T. — Em inglês, nós escreve-se US, o que corresponde às duas últimas letras da palavra Jesus que permaneceram no dístico). Isso constituía uma descrição perfeita de um grupo de pessoas que não eram cristãos equilibrados.

Ele era um cristão sobrecarregado (2:16-27,30).

Como Timóteo, Epafrodito estava profundamente interessado pelos outros. Para começar, preocupava-se acerca de Paulo. Quando soube em Filipos que o apóstolo se encontrava prisioneiro em Roma, ofereceu-se para fazer aquela viagem longa e perigosa a Roma, para ficar ao seu lado e o ajudar. Levou consigo a oferta de amor levantada pela igreja, protegendo-a com a sua própria vida.

As nossas igrejas de hoje precisam de homens e mulheres que sintam o peso pelas missões e por aqueles que se encontram em lugares difíceis no serviço cristão. «O problema das nossas igrejas» — afirma um líder missionário — «é que nós temos demasiados espectadores e poucos participantes.» Epafrodito não se contentou simplesmente em contribuir para a oferta. Ele deu-se a si mesmo para ajudar a levar a oferta!

Mas este homem sentia também o peso da sua própria igreja. Quando já se encontrava em Roma, adoeceu gravemente. Na verdade, esteve mesmo à morte. Isso atrasou o seu regresso a Filipos e os crentes lá ficaram preocupados com ele. Epafrodito não estava em cuidado por causa de si próprio; sentia o peso pelos crentes de Filipos por estes terem ficado preocupados por sua causa! Este homem vivia em Filipenses 1:21, não em Filipenses 2:21. Como Timóteo, ele sentia naturalmente interesse pelos outros. A expressão «muito angustiado», em 2:26, é idêntica à que foi usada a respeito de Cristo, no Getesêmane (Mat. 26:37). Como Cristo, Epafrodito conheceu o significado do sacrifício e serviço (2:30), que são duas das marcas da mente submissa.

Ele foi um cristão abençoado (2:28-30).

Que tragédia seria a de atravessar a vida sem representar uma bênção para ninguém. Epafrodito foi uma bênção para Paulo. Ficou com ele na sua experiência de prisão e não permitiu que mesmo a sua própria doença o impedisse de o servir. Que tempo maravilhoso devem ter passado juntos! Mas ele foi também uma bênção para a sua própria igreja. Paulo admoesta a igreja a honrá-lo por causa do seu sacrifício e serviço. (Cristo recebe a glória, mas não há nada de errado no fato de o servo receber honra. Ler I Tess. 5:12-13). Não existe qualquer contradição entre 2:7 («considerou-se a si mesmo sem qualquer valor») e 2:29 («tende-o em honra»). Cristo «aniquilou-se a si mesmo» no Seu ato gracioso de humilhação e Deus exaltou-o. Epafrodito sacrificou-se sem pensar de modo nenhum em recompensa, e Paulo exortou a igreja a tê-lo em honra para a glória de Deus.

Epafrodito foi uma bênção para Paulo e para a sua própria igreja, e é igualmente uma bênção para nós, hoje em dia! Ele prova que a vida alegre é a vida de sacrifício e serviço, que a mente submissa opera de verdade. Ele e Timóteo, juntos, animam-nos a submetermo-nos ao Senhor e uns aos outros no Espírito de Cristo. Cristo é o padrão que devemos seguir. Paulo mostra-nos o poder (2:12-18); e Timóteo e Epafrodito são a prova de que esta mente funciona mesmo.

Estaremos nós dispostos a permitir que o Espírito reproduza em nós a «mente de Cristo»?

**APRENDENDO A AVALIAR** As circunstâncias e as pessoas podem roubar-nos a alegria, mas acontece o mesmo com as coisas; é desse «ladrão» que Paulo trata no capítulo 3. É importante ver a mensagem global deste capítulo antes de o analisarmos em pormenor. Por isso, talvez o esboço que se segue possa ajudar.

<b>Vs. 1-11</b>	<b>Vs. 12-16</b>	<b>Vs. 17-21</b>
Passado de Paulo	Presente de Paulo	Futuro de Paulo
o contabilista	o atleta	o estrangeiro
«eu considero»	«eu prossigo»	«eu espero»
novos valores	novo vigor	nova visão

O que Paulo está a descrever é a «mente espiritual». Nos versículos 18 e 19 ele descreve cristãos professos que «só pensam nas coisas terrenas», mas logo no versículo 20 ele apresenta o crente que possui uma mente espiritual, que «pensa nas coisas celestiais». Recordamo-nos certamente de que a cidade de Filipos era na realidade uma colônia romana — uma «Roma longe de Roma». No mesmo sentido, o povo de Deus constitui uma colônia do céu na terra. «A nossa cidadania é do céu» (v. 20a, NBPA), e nós olhamos para a terra do ponto de vista do céu. É esta a mente espiritual.

É muito fácil deixarmo-nos enredar por «coisas», não só pelas tangíveis que podemos ver, mas também pelas intangíveis como reputação, fama e empreendimentos. Paulo escreve a respeito do que «era ganho» para ele (3:7); menciona também «as coisas que atrás ficam» e «as que estão diante» (3:13). No caso

de Paulo, algumas destas «coisas» eram abstratas, como as realizações religiosas (Gál. 1:14), um senso de auto-satisfação, de moralidade. Hoje em dia, nós podemos ser enredados tanto por coisas tangíveis como intangíveis, e por causa disso perdemos a nossa alegria.

Mesmo as coisas tangíveis não são pecaminosas em si. Deus fez as coisas, e a Bíblia declara que são boas (Gén. 1:31). Deus sabe que precisamos de certas coisas para vivermos (Mat. 6:31-34). De fato, Ele «abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos» (I Tim. 6:17). Mas Jesus avisa-nos de que as nossas vidas não consistem na abundância do que possuímos (Luc. 12:15). Quantidade não é garantia de qualidade. Muitas pessoas que possuem as coisas que o dinheiro pode comprar, têm perdido aquelas que não se adquirem com dinheiro.

A palavra-chave em Filipenses 3:1-11 é: «considero» (avalio) (vs. 7-8,13). No grego, são usadas duas palavras diferentes, mas a idéia básica é a mesma: avaliar, calcular. «A vida que não é examinada não é digna de ser vivida» — disse Sócrates.

Contudo, poucas pessoas se sentam para avaliar seriamente os valores que controlam as suas decisões e direções. Muitos, hoje em dia, são escravos das «coisas» e daí resulta não experimentarem verdadeira alegria cristã. No caso de Paulo, as «coisas» para que ele vivia antes de conhecer a Cristo pareciam ser muito recomendáveis: uma vida reta, obediência à lei, a defesa da religião dos seus pais. Mas nenhuma dessas coisas o satisfazia ou o tornava aceitável diante de Deus.

Como muitas «pessoas religiosas» hoje em dia, Paulo tinha moralidade suficiente para evitar problemas a si próprio, mas não tinha justiça suficiente para conseguir o céu! Não eram coisas más que mantinham Paulo longe de Jesus — eram coisas boas! Ele tinha de perder a sua «religião» para encontrar a salvação.

Um dia, Saulo de Tarso, o rabi, encontrou Jesus Cristo, o Filho de Deus, e nesse dia o senso de valores de Paulo mudou (Ler At. 9:1-31). Quando Saulo abriu os seus livros para avaliar a sua riqueza, descobriu que fora de Jesus Cristo tudo aquilo para que tinha vivido não era senão lixo. Ele explica nesta secção que existem apenas dois tipos de justiça (riqueza espiritual) — a justiça das obras e a justiça da fé — e só a justiça da fé é aceite por Deus.

#### I. Justiça das obras (3:1-6)

A exortação (3:1-3).

«Resta», neste ponto, não significa que Paulo esteja para terminar a carta, porque ele continua a escrever. O termo quer dizer «Quanto ao resto» e introduz a nova secção. O «quanto ao mais» de Paulo em 4:8 é que significa realmente «Estou prestes a terminar». Paulo tinha avisado antes os crentes de Filipos, mas agora adverte-os de novo. «Guardai-vos dos cães! Guardai-vos dos maus obreiros! Guardai-vos da circuncisão (mutilação)!» A quem é que ele se estará a referir com este triplo alerta? A resposta leva-nos de volta à história primitiva da igreja.

Logo de início, o Evangelho veio «primeiramente aos judeus» (ver Atos 3:26; Rom. 1:16), de maneira que os primeiros sete capítulos de Atos tratam apenas dos crentes judeus ou dos gentios que eram prosélitos do judaísmo (At. 2:10). Em Atos 8:5-25, a mensagem chegou aos samaritanos, mas isso não causou grande distúrbio, uma vez que os samaritanos eram, pelo menos, parcialmente judeus. Mas quando Pedro foi aos gentios, em At. 10, isso provocou um grande alvoroço. Pedro foi chamado a explicar as suas atividades (At. 11). Afinal de contas, os gentios de At. 10 tinham-se tornado cristãos sem primeiro se tomarem judeus, e isso era uma coisa inteiramente nova para a igreja. Pedro explicou que foi Deus quem o dirigiu a pregar aos gentios, e o assunto pareceu ficar encerrado.

Mas não ficou assim por muito tempo. Paulo foi enviado pelo Espírito Santo a pregar particularmente aos gentios (At. 13:1-3; 22:21). Pedro tinha aberto a porta da fé aos gentios em Atos 10 e Paulo seguiu-lhe o exemplo na sua primeira viagem missionária (ver At. 14:26-28). Não demorou muito que os crentes judeus ferrenhos se opusessem ao ministério de Paulo e fossem até Antioquia ensinar que era necessário que os gentios se submetessem aos regulamentos judaicos, antes de poderem ser salvos (At. 15:1). Esse desacordo levou à realização de uma conferência em Jerusalém que aparece descrita em Atos 15. O resultado da conferência foi a aprovação do ministério de Paulo e uma vitória para o evangelho da graça de Deus. Os gentios não precisavam de se tornar prosélitos judeus para serem cristãos.

Mas os dissidentes não ficaram satisfeitos. Como tinham ficado a perder na sua oposição a Paulo em Antioquia e em Jerusalém, passaram a segui-lo por toda a parte, tentando roubar-lhe os convertidos e as igrejas. Os estudantes da Bíblia chamam a este grupo de falsos mestres que tentavam misturar a lei com a graça—os «Judaizantes». A epístola aos Gálatas foi escrita, particularmente para combater este ensino falso. E a este grupo de «Judaizantes» que Paulo se refere nos versículos 1 e 2. Ele usa três termos para os descrever:

(1) «Cães» — Os judeus ortodoxos chamariam com toda a naturalidade «cão» a um gentio, mas aqui, Paulo chama «cães» a judeus ortodoxos! O apóstolo não está simplesmente a empregar nomes; está a comparar estes falsos mestres com animais imundos que pareciam tão desprezíveis a pessoas decentes. Tal como esses cães, os Judaizantes agarravam-se aos calcanhares de Paulo e seguiam-no de lugar para lugar «ladrando» as sua falsas doutrinas. Eram perturbadores e transmissores de perigosa infecção.

(2) «Maus obreiros» — Estes homens ensinavam que o pecador era salvo pela fé mais boas obras, especialmente as obras da Lei. Paulo, todavia, afirma que as suas «boas obras» são de fato más, porque são feitas pela carne (a velha natureza) e não pelo Espírito, e glorificam os obreiros e não Jesus Cristo. Efésios 2:8-10 e Tifo 3:3-7 deixam bem claro que ninguém pode ser salvo pela prática de boas obras, mesmo

obras religiosas. As boas obras de um cristão são o resultado da sua fé, não a base para a sua salvação.

(3) «A mutilação» (circuncisão) — Aqui, Paulo serve-se de um jogo de palavras. O termo «cisão» significa literalmente «corte, mutilação». Os Judaizantes ensinavam que a circuncisão era essencial à salvação (At. 15:1; Gál. 6:12-18); mas Paulo ensina que a circuncisão só por si é unicamente uma mutilação! O verdadeiro cristão experimentou já uma circuncisão espiritual em Cristo (Col. 2:11) e não precisa de qualquer operação na carne. A circuncisão, o batismo, a Ceia do Senhor, o dízimo ou qualquer outra prática religiosa não pode salvar a pessoa dos seus pecados. Só a fé em Jesus Cristo pode fazê-lo.

Em contraste com os falsos cristãos, Paulo descreve os autênticos cristãos, a «verdadeira circuncisão» (ver Rom. 2:25-29 como texto paralelo):

(1) Ele adora a Deus em Espírito — Não despende das suas próprias boas obras que são apenas da carne (ver João 4:19-24).

(2) Ele gloria-se em Jesus Cristo — As pessoas que dependem da religião orgulham-se geralmente do que fazem. O verdadeiro cristão não tem nada de que se vangloriar (Ef. 2:8-10). A sua glória está só em Cristo! Em Lucas 18:9-14, Jesus apresenta uma parábola que descreve estas duas atitudes opostas.

(3) Não confia na carne — A filosofia religiosa popular dos nossos dias é esta: «O Senhor ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos». Ela já era popular no tempo de Paulo e é tão errada hoje como o era então. (Com «a carne» Paulo significa «a velha natureza» que recebemos com o nascimento). A Bíblia não tem nada de bom a dizer a respeito da «carne» e no entanto muitas pessoas hoje em dia dependem inteiramente do que elas próprias podem fazer para agradar a Deus. A carne apenas corrompe o caminho de Deus na terra (Gén. 6:12). De nada aproveita no que toca à vida espiritual (João 6:63). Não tem nada de bom em si (Rom. 7:18). Não admira que não devamos pôr a nossa confiança na carne!

Uma senhora estava a falar com o seu pastor a respeito deste assunto de fé e obras. «Eu penso que este problema de ir para o céu é como conduzir um barco a remos.» — disse ela — «Um dos remos é a fé, o outro são as obras. Se usarmos os dois, chegaremos lá. Se usarmos só um, ficaremos a andar em círculos.»

«Só há uma coisa, errada nessa ilustração.» — replicou o pastor — E que ninguém vai para o céu num barco a remos».

Só existe uma boa obra que leva o pecador ao céu: a obra completa de Cristo sobre a cruz (João 17:1-4; 19:30; Heb. 10:11-14).

O Exemplo (3:4-6).

Paulo não estava a falar de uma torre de marfim; ele conhecia pessoalmente a futilidade de tentar conseguir a salvação por meio de boas obras. Como estudante, tinha-se sentado aos pés de Gamaliel, o grande rabi (At. 22:3). A sua carreira como líder religioso judeu era prometedora (Gál. 1:13-14); todavia, Paulo abandonou tudo isso — para se tornar um detestado membro da «seita dos cristãos» e um pregador do evangelho! Na realidade, os Judaizantes estavam a comprometer-se para evitarem a perseguição (Gál. 6:12-13), enquanto que o apóstolo estava a ser fiel à mensagem da graça de Cristo e por consequência sofria perseguição.

Nesta secção intensamente autobiográfica, Paulo examina a sua própria vida. Torna-se um «perito de contas» que abre os livros para ver qual é a sua riqueza e descobre afinal que está arruinado!

(1) A relação de Paulo com a nação. Ele nasceu de uma pura família hebraica e entrou na relação do concerto ao ser circuncidado. Não era qualquer prosélito, nem descendia de Ismael (o outro filho de Abraão) ou de Esaú (o outro filho de Isaque). Os Judaizantes iriam entender a referência de Paulo à tribo de Benjamim, porque Benjamim e José eram os filhos preferidos de Jacob. Tinham nascido de Raquel, a esposa predileta de Jacob. O primeiro rei de Israel viera de Benjamim, e esta pequena tribo foi fiel a David durante a rebelião encabeçada por Absalão. A ascendência de Paulo era algo de que ele se podia orgulhar! Quando avaliado por este padrão, ficava aprovado com louvor.

(2) A relação de Paulo com a Lei. «Segundo a lei, um fariseu... segundo a justiça que há na lei, irrepreensível» (vs. 5-6). Para os judeus do seu tempo, um fariseu tinha atingido o clímax da experiência religiosa, o ideal mais elevado que qualquer judeu poderia alguma vez esperar conseguir. Se alguém podia ir para o céu, esse alguém seria um fariseu! Ele permanecia firme na doutrina (ver At. 23:6-9) e tentava cumprir fielmente os deveres religiosos (Luc. 18:10-14). Embora hoje em dia estejamos habituados a usar a palavra «fariseu» como sinónimo de «hipócrita», na época de Paulo não era esse o sentido que prevalecia. Avaliado pela justiça da lei, Paulo era irrepreensível. Guardava a lei e as tradições, perfeitamente.

(3) A relação de Paulo com os inimigos de Israel. Mas não basta acreditar na verdade; o homem tem igualmente de se opor à mentira. Paulo defendeu a sua fé ortodoxa, perseguindo os seguidores «daquele enganador», Jesus (Mat. 27:62-66). Ajudou no apedrejamento de Estêvão (At. 7:54-60) e depois disso dirigiu o ataque contra a igreja em geral (At. 8:1-3). Mesmo em anos posteriores, Paulo admitiu a sua

responsabilidade na perseguição à igreja (At. 22:1-5; 26:1-11; ver também I Tim. 1:12-16). Todo o judeu podia orgulhar-se da sua própria linhagem (embora não lhe coubesse a ele qualquer mérito por isso). Alguns judeus podiam orgulhar-se da sua fidelidade à religião judaica. Mas Paulo podia vangloriar-se dessas coisas, mais do seu zelo em perseguir a igreja.

Nesta altura, poderemos perguntar: «Como é que um homem sincero como Saulo de Tarso podia estar tão enganado?» A resposta é esta: Ele estava a usar o padrão errado de comparação! Tal como o jovem rico (Mar. 10:17-22) e o fariseu da parábola de Cristo (Luc. 18:10-14), Saulo de Tarso estava a ver o exterior, e não o interior. Comparava-se com os padrões estabelecidos pelos homens, não por Deus. No que se referia à obediência externa às exigências da lei, Paulo era formidável, mas ele não se detinha a pensar nos pecados internos que estava cometendo. No Sermão do Monte, Jesus deixa bem claro que há atitudes e apetites pecaminosos, exatamente como há ações pecaminosas (Mat. 5:21-48).

Quando olhava para si próprio ou para os outros, Saulo de Tarso considerava-se justo. Porém, um dia, viu-se comparado com Jesus Cristo! Foi então que ele mudou o seu sistema de avaliação e o seu senso de valores, e abandonou a «justiça das obras» pela justiça de Jesus Cristo. 2. A Justiça da Fé — (3:7-11).

Quando Paulo teve um encontro com Jesus Cristo na estrada de Damasco (At. 9), confiou n'Ele e tornou-se um filho de Deus. Foi um milagre instantâneo da graça de Deus, esse ripo de milagre que continua a verificar-se hoje em dia sempre que os pecadores admitem a sua necessidade e se voltam para o Salvador, pela fé. Quando Paulo se encontrou com Cristo, reconheceu a futilidade das suas boas obras, e quão pecaminosas eram as suas pretensões de justiça. Naquele momento teve lugar uma maravilhosa transação. Paulo perdeu algumas coisas, mas ganhou muito mais em troca!

#### As perdas de Paulo

Para começar, ele perdeu tudo o que era ganho para ele fora de Deus. Certamente, Paulo gozava de grande reputação como erudito (At. 26:24) e como líder religioso. Ele orgulhava-se da sua ascendência judaica e dos seus empreendimentos religiosos. Tudo isso era de grande valor para ele; podia tirar vantagens desses fatos. Possuía, sem dúvida, muitos amigos que admiravam o seu zelo. Mas ele avaliou esses «tesouros» face ao que Jesus Cristo tinha para lhe oferecer e verificou que tudo aquilo que tanto prezava não era senão «esterco» comparado com o que tinha em Cristo. Os seus próprios «tesouros» traziam-lhe glória pessoal, mas não glorificavam a Deus. Constituía «ganho» só para ele, e como tal eram egoístas.

Isso não significa que Paulo tenha repudiado a sua valiosa herança como judeu ortodoxo. Quando lemos as suas cartas e seguimos o seu ministério no livro de Atos, vemos como ele valorizava tanto a sua linhagem judaica como a sua cidadania romana. O fato de se tornar cristão não fez dele menos judeu. Na realidade, isso tornou-o um

judeu completo, um verdadeiro filho de Abraão, tanto espiritual como fisicamente (Gál. 3:6-9). Nem tão-pouco baixou os seus padrões morais por ver a superficialidade da religião farisaica. Ele aceitou o mais elevado padrão de vida — ser conforme a Jesus Cristo (Rom. 12:1-2). Quando alguém se torna cristão, Deus remove o que é mau, mas usa ao mesmo tempo o que é bom e torna-o melhor.

#### Os lucros de Paulo

Recordamos mais uma vez as palavras de Jim Elliot: «Não é tolo nenhum aquele que dá o que não pode conservar, para ganhar aquilo que não pode perder.» Foi isso o que Paulo experimentou: perdeu a sua religião e reputação, mas ganhou muito mais do que perdeu.

##### (1) O conhecimento de Cristo (v. 8)

Isso significa muito mais do que conhecimento a respeito de Cristo, porque Paulo possuía esse tipo de informação histórica antes de ser salvo. «Conhecer Cristo» significa ter uma relação pessoal com Ele pela fé. E esta experiência que Jesus menciona em João 17:3. Nós conhecemos coisas acerca de muitas pessoas, mesmo de pessoas que viveram há séculos, mas conhecemos pessoalmente muito poucas. «Cristianismo é Cristo». A salvação consiste em conhecê-IO de um modo pessoal.

##### (2) A justiça de Cristo (v. 9)

A justiça constituía o grande objetivo da vida de Paulo no tempo em que era fariseu, mas nessa altura ele buscava uma justiça própria, uma justiça de obras, que jamais poderia realmente conseguir. Todavia, quando Paulo pôs a sua confiança em Cristo, perdeu a sua própria justiça e ganhou a justiça de Cristo. A palavra técnica para definir essa transação é imputação (ler Rom. 4:1-8, cuidadosamente). Isto significa «pôr na conta da pessoa». Paulo examinou a sua própria escrita e descobriu que estava espiritualmente falido. Examinou a escrita de Cristo e viu que Ele era perfeito. Quando Paulo pôs a sua confiança em Cristo, viu que Deus punha a justiça de Cristo na sua própria conta! Mas além disso, Paulo descobriu que os pecados tinham sido colocados na conta de Cristo sobre a cruz (II Cor. 5:21). Deus prometeu a Paulo que jamais voltaria a escrever os seus pecados para os apresentar contra ele. Que experiência maravilhosa da graça de Deus!

Romanos 9:30-10:13 é um texto paralelo e devemos lê-lo cuidadosamente. O que Paulo diz a respeito da nação de Israel verificava-se também na sua própria vida antes de ser salvo e verifica-se também na vida de muitas pessoas religiosas, hoje em dia; elas recusam-se a abandonar a sua própria justiça para poderem receber o dom gratuito da justiça de Cristo. Muitas dessas pessoas nem mesmo querem admitir que precisam de qualquer justiça. Como Saulo de Tarso, estão a avaliar-se por si mesmas, ou pêlos padrões dos Dez Mandamentos, e não chegam a ver a natureza interna do

pecado. Paulo teve de abandonar a sua religião para receber justiça, mas não considerou isso um sacrifício.

### (3) A comunhão de Cristo (vs. 10-11)

O fato de se tornar cristão não constitui o fim para Paulo, mas o princípio. A sua experiência com Cristo foi tão extraordinária que transformou a sua vida. Essa experiência continuou nos anos que se seguiram. Tratava-se de uma experiência pessoal («Para conhecê-lo...») na medida em que o apóstolo andava com Cristo, orava, obedecia à Sua vontade e procurava glorificar o Seu nome. Enquanto viveu sob a lei, tudo o que Paulo tinha era uma série de regulamentos, mas agora tinha um Amigo, um Senhor, um Companheiro constante! Foi igualmente uma experiência poderosa («e ao poder da sua ressurreição...»), à medida que o poder da ressurreição de Cristo ia operando na vida de Paulo. «Cristo vive em mim!» (Gál. 2:20). Ler Efésios 1:15-23 e 3:13-21 para apreciarmos o valor que Paulo reconhece no poder da ressurreição de Cristo e o que ele pode fazer nas nossas vidas.

Foi também uma experiência dolorosa («e à comunicação das suas aflições...»). Paulo sabia que era um privilégio sofrer por Cristo (Fil. 1:29-30). De fato, o sofrimento tinha feito parte da sua experiência logo desde o início (At. 9:16). A medida que crescemos no nosso conhecimento de Cristo e na nossa experiência do Seu poder, tornamo-nos alvo dos ataques do inimigo. Paulo havia sido perseguidor em dado passo da sua vida, mas soube então o que significa ser perseguido. Contudo, valeu a pena! Andar com Cristo era também uma experiência prática («para ser conforme à sua morte...»). Paulo vivia para Cristo porque tinha morrido para si próprio (Romanos 6 explica isso); ele tomava diariamente a sua cruz e seguia-O. O resultado desta morte foi uma ressurreição espiritual (v. 11) que levou Paulo a andar «em novidade de vida» (Rom. 6:4). O apóstolo resume toda esta experiência em Gaiatas 2:20, por isso vamos dar algum tempo a essa leitura.

Sim, Paulo ganhou muito mais do que perdeu. Na verdade, os lucros eram tão emocionantes que Paulo considerou que todas as outras «coisas» não passavam de lixo quando comparadas com eles! Não admira que sentisse alegria — a sua vida não dependia de «coisas» baratas deste mundo, mas dos valores eternos encontrados em Cristo. Paulo tinha uma «mente espiritual» e olhava para as «coisas» da terra do ponto de vista do céu. As pessoas que vivem para as «coisas» nunca são realmente felizes, porque têm de proteger constantemente os seus tesouros e vivem preocupadas, com medo de que eles desvalorizem. Não acontece isso com o crente que possui uma mente espiritual; os seus tesouros em Cristo jamais poderão ser roubados e nunca desvalorizam.

Talvez seja agora uma boa ocasião para o leitor se tornar um contabilista e avaliar as «coisas» que contam mais para si.

## GANHEMOS A CORRIDA!

Muitas pessoas lêem biografias para satisfazerem a sua curiosidade acerca de pessoas importantes, esperando ao mesmo tempo conseguir descobrir o «segredo» do seu sucesso. Lembro-me de estar sentado numa reunião geral, na escola primária, há muitos anos, ouvindo um doutor idoso que prometia falar-nos do segredo da sua vida longa e saudável. (Em determinada altura chegara a ser médico do Presidente dos Estados Unidos. Não me lembro a qual deles se referia, mas naquela altura da minha vida parecia-me que devia ter sido Washington ou Jefferson). Ali estávamos todos numa grande expectativa, esperando descobrir o segredo de uma longa vida. No clímax do seu discurso, o médico disse: «Bebam oito copos de água por dia!»

Em Filipenses 3, Paulo apresenta-nos a sua biografia espiritual, o seu passado (vs. 1-11), o seu presente (vs. 12-16), e o seu futuro (vs. 17-21). Já contactamos com Paulo «o contabilista» que descobriu novos valores quando teve um encontro com Jesus Cristo. Nesta secção, vemos Paulo «o atleta» com o seu vigor espiritual, prosseguindo para a meta final da carreira cristã. Na última secção apreciaremos Paulo «o estrangeiro», que é cidadão do céu e que espera a vinda de Jesus Cristo. Em cada uma destas experiências, Paulo exerce a mente espiritual; olha para as coisas da terra do ponto de vista de Deus. Em consequência disso, não se sente perturbado pelas coisas que ficaram para trás, que o rodeiam ou que estão diante dele — as coisas não lhe roubam a alegria!

Nas suas cartas, Paulo usa muitas ilustrações do mundo para comunicar a verdade sobre a vida cristã. Quatro delas se destacam particularmente: a vida militar («Revestivos de toda a armadura de Deus»), a arquitetura («Vós sois o templo de Deus»), a agricultura («O que o homem semear isso também ceifará») e o atletismo. Neste parágrafo, vemos Paulo, o atleta. Os estudiosos da Bíblia não estão exatamente de acordo quanto ao desporto que Paulo tem em mente, se a corrida a pé ou de carro. Qualquer delas está em ordem, mas eu inclino-me para a corrida de carro. O carro grego, usado nos Jogos Olímpicos e noutros acontecimentos, era na realidade constituído apenas por uma plataforma com uma roda de cada lado. O condutor tinha muito pouco a que se segurar durante a corrida. Tinha de se inclinar para a frente e contrair todos os nervos e músculos para se manter em equilíbrio e controlar os cavalos. O verbo «avançar» no versículo 13 significa literalmente «estender-se como numa corrida».

É importante notar que Paulo não está a dizer--nos como podemos ser salvos. Se estivesse, teríamos aqui um quadro da salvação pelas obras ou pelo esforço próprio, e isso estaria em contradição com o que ele escreveu nos primeiros onze versículos deste capítulo. Para participar nos jogos gregos, o atleta tinha de ser um cidadão. Não entrava na corrida para ganhar a sua cidadania. No versículo 20, Paulo recorda-nos que «a nossa cidade está no céu.» Porque já somos filhos de Deus pela fé em Cristo, temos a responsabilidade de «entrar na corrida» e atingir os alvos que Deus tem posto diante de nós. Isso constitui um quadro gráfico de Filipenses 2:12-13 — «operai a vossa

salvação... pois é Deus que opera em vós...». Todo o crente se encontra na pista de corrida; cada um dispõe de uma faixa especial em que deve correr; e cada um tem um alvo a atingir. Se atingirmos o alvo de acordo com o plano de Deus então receberemos a recompensa. Se falharmos, perdemos a recompensa, mas não a nossa qualidade de cidadãos (ler I Cor. 3:11-15 para apreciar a mesma idéia, só que aí se usa a arquitetura como símbolo).

Todos queremos certamente ser «cristãos vencedores» e realizar os propósitos para que fomos salvos. Quais são os elementos essenciais para ganhar a corrida e receber um dia a recompensa prometida?

#### I. Insatisfação (3:12-13 a)

«Não que já o tenha alcançado!» Esta é a afirmação de um grande cristão que nunca se permitiu ficar satisfeito com as suas vitórias espirituais. É evidente que Paulo estava satisfeito com Jesus Cristo (3:10), mas não estava satisfeito com a sua vida cristã. Uma insatisfação santificada é o primeiro elemento essencial para avançar na corrida cristã.

O Henrique saiu do escritório do administrador com uma expressão tão sombria que era capaz de murchar as rosas que a sua secretária tinha em cima da mesa.

«Não foi despedido, pois não?»—perguntou ela.

«Não, não é assim tão mau, mas sem dúvida que me apertou bastante por causa do relatório das minhas vendas. Não compreendo porquê; durante este mês tenho trazido muitas encomendas. Pensei que ele me iria elogiar, e afinal diz-me que tenha muito cuidado.»

Nesse mesmo dia, mais tarde, a secretária falou com o patrão a respeito de Henrique. Ele riu-se e disse: «O Henrique é um dos nossos melhores vendedores e não gostaria de modo nenhum de o perder, mas tem uma tendência para descansar nos seus louros e ficar satisfeito com as suas realizações. Se eu não o irritasse assim uma vez por mês, ele nunca faria nada!»

Muitos cristãos estão satisfeitos com eles próprios, porque comparam a sua «corrida» com a de outros cristãos, geralmente com os que não estão a fazer grandes progressos. Se Paulo se tivesse comparado com outros, teria sido tentado a sentir-se orgulhoso e talvez a descuidar-se um pouco. Afinal de contas, não havia muitos crentes no seu tempo que tivessem experimentado tudo o que ele tinha! Mas Paulo não se comparava com os outros. Comparava-se consigo próprio e com Jesus Cristo! O duplo uso da palavra «perfeito» nos versículos 12 e 15 explica o seu pensamento. Ele ainda não chegou à perfeição (v. 12), mas é «perfeito» (amadurecido) (v. 15), e uma das marcas desta maturidade é o seu reconhecimento de que não é perfeito! O cristão amadurecido avalia-se honestamente e luta por fazer melhor.

A Bíblia adverte-nos muitas vezes contra o perigo de uma falsa avaliação da nossa condição espiritual. A igreja de Sardo tinha «nome de que vives e estás morta» (Apoc. 3:1). Eles tinham fama sem realidade. A igreja de Laodiceia orgulhava-se de ser rica, quando, afinal, aos olhos de Deus era «desgraçada e miserável e pobre e cega e nua»

(Apoc. 3:17). Em contraste com a igreja de Laodiceia, os crentes de Smirna consideravam-se pobres, quando afinal eram verdadeiramente ricos (Apoc. 2:9). Sansão pensou que ainda possuía o seu antigo poder, mas na realidade ele tinha-se apartado dele (Juizes 16:20).

A avaliação própria pode ser perigosa, porque somos passíveis de errar em duas direções: (1) Considerando-nos melhores do que somos, ou (2) considerando-nos piores do que realmente somos. Paulo não tinha ilusões a seu próprio respeito; ele tinha de «prosseguir em frente» para «alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus». Uma insatisfação divina é essencial para o progresso espiritual. «Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo» (Sal. 42:1-2).

## 2. Devoção (3:13 a— «uma coisa faço»)

«Uma coisa» é uma expressão importante na vida cristã. «Uma coisa te falta» — disse Jesus ao jovem rico que confiava na sua própria justiça (Mar. 10:21). «Uma coisa é necessária» — explicou Ele à afadigada Marta, quando ela criticou a irmã (Luc. 10:42). «Uma coisa sei!» — exclamou o homem que recebera a vista pelo poder de Cristo (João 9:25). «Uma coisa pedi ao Senhor e a buscarei!» — testemunhou o salmista (Sal. 27:4). Muitos cristãos estão demasiado envolvidos em «muitas coisas», quando o segredo do avanço está em nos concentrarmos em «uma coisa». Foi essa decisão que marcou uma mudança radical na vida de D. L. Moody. Antes da tragédia que foi o incêndio de Chicago em 1871, o sr. Moody estava envolvido na promoção da Escola Dominical, no trabalho das A.C.M., em reuniões evangelísticas e em muitas outras atividades. Porém, depois do incêndio resolveu dedicar-se exclusivamente ao evangelismo. «Uma coisa faço!» tornou-se uma realidade para ele. Em consequência disso, milhões de pessoas ouviram o evangelho.

O crente deve entregar-se totalmente à corrida cristã. Nenhum atleta terá êxito, se tentar fazer tudo, mas sim se tentar especializar-se num determinado ramo. Há alguns atletas que parecem bons em muitos desportos, mas são exceção. Os vencedores são os que se concentram, que fixam os olhos no alvo e não permitem que algo os distraia. Dedicam-se totalmente à sua vocação. Como Neemias, o governador que reconstruiu os muros, respondem às solicitações que tentam distraí-los: «Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer!» (Nee. 6:3). «O homem de coração dobre é inconstante em todos os seus caminhos» (Tiago 1:8). A concentração constitui o segredo do poder. Se um rio puder inundar as suas margens, a área à volta transforma-se num pântano. Todavia, se esse rio for segurado e controlado, torna-se uma fonte de energia. É simplesmente uma questão de valores e prioridades, em que se vive para o que é mais importante.

### 3. Direção (3:13 b)

O incrédulo é controlado pelo passado, mas o cristão que entra na corrida olha para o futuro. Imaginemos o que aconteceria na pista de corridas, se os condutores dos carros (ou os corredores) começassem a olhar para trás! Já é muito mau para um homem que guia o arado olhar para trás (Luc. 9:62), mas se for o condutor de um carro a fazer tal coisa, isso pode acarretar um choque e ferimentos graves.

Estamos habituados a dizer «passado, presente e futuro», mas devíamos considerar o tempo como se ele corresse do futuro para o presente e depois para o passado. Pelo menos, o crente deve ser orientado para o futuro, «esquecendo-se das coisas que atrás ficam». Não nos esqueçamos de que na terminologia bíblica «esquecer» não significa «deixar de lembrar». A não ser por senilidade e hipnose ou mau funcionamento do cérebro, nenhuma pessoa amadurecida pode esquecer o que aconteceu no passado. Talvez gostássemos de poder apagar certas recordações desagradáveis, mas não conseguimos. «Esquecer», na Bíblia, significa «não ser mais influenciado ou afetado por». Quando Deus promete: «Jamais me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades» (Hebr. 10:17), não está a dar a idéia de que por conveniência terá uma memória fraca. Isso não poderia acontecer com Deus. O que Deus diz é: «Eu nunca mais apresentarei os seus pecados contra eles. Os seus pecados já não poderão afetar a sua posição diante de mim, ou influenciar a minha atitude em relação a eles.»

Assim, «esquecendo as coisas que atrás ficam» não sugere uma proeza impossível de exercícios mentais e psicológicos através dos quais tentamos apagar os pecados e os erros do passado. Significa simplesmente que rompemos com o poder do passado, ao vivermos para o futuro. Não podemos alterar o passado, mas podemos alterar o significado do passado. Havia coisas no passado de Paulo que poderiam constituir pesos a puxá-lo para trás (I Tim. 1:12-17), mas elas transformaram-se num motivo de inspiração para aumentar a sua velocidade na corrida. Os acontecimentos não mudaram, mas a sua compreensão deles mudou.

Um bom exemplo deste princípio é José (Gén. 45:1-15). Quando se encontrou com os irmãos pela segunda vez e se deu a conhecer a eles, não guardou qualquer ressentimento contra eles. E verdade que eles haviam-no maltratado, mas José via o passado do ponto de vista de Deus. Em consequência disso, ele era incapaz de abrigar qualquer sentimento contra os irmãos. José sabia que Deus tinha um plano para a sua vida — uma corrida para ele realizar — e cumprindo esse plano e olhando em frente ele acabou com o poder do passado.

Muitos cristãos se sentem abalados pelas coisas que têm a lamentar no passado. Estão a tentar correr, olhando para trás! Não admira que tropecem e caiam e atrapalhem outros cristãos! Alguns corredores crentes deixam-se distrair pelos «sucessos» do passado, não pelos fracassos; isto é também um mal. «As coisas que atrás ficam» têm de ser postas de lado, e «as coisas que estão diante» têm de ocupar o

seu devido lugar. E possível experimentar insatisfação, devoção e direção e mesmo assim perder a corrida e a recompensa. Existe um quarto elemento essencial.

#### 4. Determinação (3:14)

«Eu prossigo!» Este mesmo verbo aparece no versículo 12 e contém a idéia de um esforço intenso. Os gregos usavam-no para descrever um caçador que perseguia ansiosamente a presa. Ninguém se torna num vencedor simplesmente por ouvir palestras, observar filmes, ler livros ou aclamar os jogos. Tornar-se-á um atleta vencedor, entrando na corrida e resolvendo-se a ganhar. O mesmo zelo que Paulo empregava quando perseguia a igreja (v. 6), revelava-o em seguir a Cristo. Pensando um pouco nisto, não seria maravilhoso se os cristãos pusessem tanta determinação na sua vida espiritual como põem no golfe, na pesca, ou no críquete?

Há aqui dois extremos a evitar: (1) «Tenho de fazer eu tudo» e (2) «Deus tem de fazer tudo.» O primeiro descreve o ativista, o segundo descreve o quietista, mas ambos estão condenados ao fracasso. «Deixa correr e Deus que faça!» é um slogan esperto, mas não descreve totalmente o processo da vida cristã. Que capitão de equipe iria dizer aos jogadores: «Bem, rapazes, deixem correr e o treinador que faça tudo!» Por outro lado, também nenhum diria: «Guiem-se por mim e não liguem ao que o treinador diz!» Ambas as posições estão erradas.

O corredor cristão com uma mente espiritual reconhece que Deus tem de operar nele para ele poder ganhar a corrida (Fil. 2:12-13). Sem mim, nada podeis fazer» (João 15:5). Deus opera em nós a fim de poder trabalhar através de nós. Enquanto nos aplicamos às coisas da vida espiritual. Deus pode dar-nos maturidade e fortalecer-nos para a corrida. «Exercita-te a ti mesmo na piedade!» (I Tim. 4:7-8). Alguns cristãos estão tão ocupados «morrendo para o eu» que nunca voltam à vida para tomar parte na corrida! Outros, estão tão seguros de que podem fazê-lo pêlos seus próprios meios, que nunca se detêm a ler a Palavra, a orar ou a pedir o poder do Senhor.

Para que alvo estará a prosseguir o corredor com tal determinação espiritual? — «O prêmio da soberana (de cima) vocação de Deus em Cristo Jesus» (3:14). Quando atingir o alvo, ele receberá a recompensa! Mais uma vez, Paulo não está a sugerir que conseguimos o céu pêlos nossos próprios esforços. Está simplesmente a dizer que do mesmo modo que o atleta é recompensado pela sua atuação, assim o crente fiel será coroado quando Jesus Cristo voltar.

(Ver I Cor. 9:24-27, como texto paralelo, e notar que enquanto que só um atleta pode receber o prêmio, todos os cristãos podem receber a recompensa. Além disso, a coroa de louros dos jogos olímpicos irá murchar, mas a coroa que Cristo dá nunca murchará.) O importante é que atinjamos o alvo que Ele estabeleceu para nós. Não interessa até que ponto conseguiremos êxito aos olhos dos homens, pois não poderemos ser recompensados, a não ser que «seguremos aquilo para o que Cristo Jesus (nos) segurou a nós» (v. 12, NVI).

## 5. Disciplina (3:15-16)

Não basta correr esforçadamente e ganhar a corrida. O corredor tem também de obedecer aos regulamentos. Nos jogos gregos, os membros do júri eram muito rigorosos a respeito disso. Qualquer infração às regras desqualificava o atleta. Ele não perdia a sua cidadania (embora a deixasse envergonhada), mas perdia o privilégio de participar e ganhar o prêmio. Nos versículos 15 e 16, Paulo salienta a importância de o cristão recordar as «regras espirituais» apresentadas na Palavra.

Um dos maiores atletas que alguma vez surgiu nos Estados Unidos foi Jim Thorpe. Nos Jogos Olímpicos de 1912, em Estocolmo, ele ganhou o pentatlo e o decatlo e foi sem dúvida o grande herói desses Jogos. Mas no ano seguinte, os dirigentes descobriram que Thorpe tinha jogado baseball semi-profissional e, portanto, não tinha direito à sua posição de amador. Isso significou que ele teve de devolver as medalhas de ouro e o seu troféu, e que as suas proezas olímpicas foram apagadas dos registros. Foi um preço elevado o que ele pagou por ter transgredido as regras.

E isso o que Paulo tem em mente em I Cor. 9:24-27 — «Qualquer homem que participa numa competição de atletismo exerce um rigoroso auto-domínio no treino» (v. 25, WMS). Se o atleta transgredir o treino é desqualificado; se transgredir as regras do jogo é igualmente desqualificado. «Nenhum participante nos jogos é coroado, a não ser que jogue de acordo com as regras» (II Tim. 2:5, WMS). A questão não consiste no que ele pensa, ou no que os espectadores pensam, mas no que o júri diz. Um dia, cada cristão comparecerá perante o tribunal de Cristo (Rom. 14:10-12). A palavra grega para «tribunal» é bem a, exatamente a mesma que é usada para descrever o lugar onde o júri dos Jogos Olímpicos entrega os prêmios! Se nos disciplinarmos para obedecer às regras, receberemos o prêmio.

A história bíblica está cheia de pessoas que começaram a corrida com muito êxito, mas que não chegaram ao fim por não terem em devida conta as regras de Deus. Não perderam a salvação, mas perderam a recompensa (I Cor. 3:15). Isso aconteceu com Lot (Gén. 19), Sansão (Juí. 16), Saul (I Sam. 28:31) e com Ananias e Safira (At. 5). A mesma coisa pode acontecer conosco! Constitui uma experiência emocionante participar diariamente na corrida «olhando para Jesus» (Hebr. 12:1-2). Será ainda mais emocionante quando experimentarmos essa «soberana vocação», e quando Jesus voltar para nos levar para o céu! Então compareceremos perante o bem a para recebermos o nosso galardão! Era esta perspectiva futura que motivava Paulo e que pode igualmente motivar-nos a nós.

## VIVENDO NO TEMPO DO FUTURO

E muito estranho que numa carta cheia de alegria encontremos Paulo a chorar! Talvez ele chore por si mesmo e por causa da situação difícil em que se encontra! Não, ele é um homem com uma mente integral e as suas circunstâncias não o deixam desanimado. Estará ele a chorar por causa do que alguns cristãos romanos lhe andam a fazer? Não, ele possui uma mente submissa e não deixará que as pessoas lhe roubem

a alegria. Estas lágrimas não são de modo nenhum vertidas por si mesmo; são derramadas pelos outros. É por ter a mente espiritual que Paulo sente o coração destroçado ao ver a maneira como alguns cristãos professos vivem, pessoas que «só pensam nas coisas terrenas».

Embora não possamos afirmá-lo, é muito provável que os versículos 18 e 19 descrevam os judaizantes e seus seguidores. Certamente, Paulo está a escrever a respeito de cristãos professos e não de pessoas estranhas à igreja. Os judaizantes eram os «inimigos da cruz de Cristo» pelo fato de acrescentarem a lei de Moisés à obra de redenção que Cristo realizou na cruz. A sua obediência às leis dietéticas iriam fazer um «deus» da barriga (ver Col. 2:20-23); e a sua ênfase na circuncisão contribuiria para se gloriarem daquilo de que deviam sentir-se envergonhados (ver Gál. 6:12-15). Estes homens não tinham uma mente espiritual; tinham uma mente terrena. Agarravam-se a ritos e crenças terrenas que Deus tinha dado a Israel e opunham-se às bênçãos celestiais que os cristãos tinham em Cristo (Ef. 1:3; 2:6; Col. 3:1-3).

A palavra «espiritual» tem sido alvo de tantos abusos como a palavra «comunhão». Muitas pessoas pensam que um «cristão espiritual» é místico, sonhador, pouco prático e distante. Quando ora, muda a voz para um tom sepulcral in tremolo e esforça-se ao máximo para comunicar a Deus aquilo que Ele já conhece. Infelizmente, este tipo de piedade untuosa é um pobre exemplo de verdadeira espiritualidade. Ter uma mente espiritual não requer que a pessoa seja pouco prática e mística. Muito pelo contrário, a mente espiritual ajuda o crente a pensar com mais clareza e a fazer as coisas com mais eficiência.

Possuir uma «mentalidade espiritual» significa simplesmente olhar para a terra do ponto de vista do céu. «Dai o vosso coração às coisas celestiais, não às coisas passageiras da terra» (Col. 3:2, Ph) «Experimentai ocupar as vossas mentes com as coisas de cima e não com as coisas da terra» (Col. 3:2, WMS). D. L. Moody costumava repreender os cristãos por terem «uma mentalidade tão celestial, que não tinham qualquer utilidade na terra» e essa exortação continua a ser válida. Os cristãos possuem uma dupla cidadania — na terra e no céu — e o fato de sermos cidadãos do céu deve tornar-nos melhores pessoas aqui na terra. O crente com mentalidade espiritual não se sente atraído pelas «coisas» deste mundo. Faz as suas decisões na base dos valores eternos e não das modas passageiras da sociedade. Lot escolheu a bem regada planície do Jordão porque os seus valores eram mundanos, e afinal acabou por perder tudo. Moisés recusou os prazeres e tesouros do Egito, porque tinha algo de infinitamente melhor a buscar na vida (Hebr. 11:24-26). «Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?» (Mar. 8:36).

«Porque a nossa cidade está no céu» (v. 20, NBPA). A palavra grega traduzida por «cidade» é a mesma donde vem «política». Tem a ver com o procedimento de alguém como cidadão de um país. Paulo exorta-nos a termos uma mente espiritual, e fá-lo salientando as características do cristão cuja cidade está no céu. Como Filipos era uma

colônia de Roma em solo estrangeiro, também a igreja é uma «colônia do céu» na terra.

#### I. Os nossos nomes estão no registro do céu

Os cidadãos de Filipos eram privilegiados por serem cidadãos romanos, longe de Roma. Quando nascia um bebê ali, era importante que o seu nome ficasse inscrito nos registros legais. Quando o pecador perdido põe a sua confiança em Cristo e se torna cidadão do céu, o seu nome é escrito no «Livro da Vida» (Fíl. 4:3).

O direito de cidadão é importante. Quando viajamos para outro país, é essencial possuir um passaporte que prove a nossa nacionalidade. Nenhum de nós deseja sofrer o destino de Philip Noian na lenda clássica de O Homem Sem Pátria. Por ter amaldiçoado o nome do seu país, Noian foi condenado a viver num barco e a não voltar a ver a sua terra natal, ou mesmo ouvir o seu nome ou notícias a respeito do seu progresso. Durante 56 anos, permaneceu numa viagem sem fim, de barco para barco e de mar para mar, sendo finalmente sepultado no mar. Noian era um «homem sem Pátria».

O nome do cristão está escrito no «Livro da Vida» e é isso que determina a sua entrada definitiva no país celestial (Apoc. 20:15). Quando confessamos Cristo na terra, Ele confessa o nosso nome no céu (Mat. 10:32-33). O nosso nome está escrito no céu (Luc. 10:20) e ali permanece para sempre. (A palavra grega «escrito» usada em Lucas 10:20 encontra-se no perfeito: «foi escrito uma vez por todas e permanece escrito».)

Um amigo meu de Washington, D. C., conseguiu arranjar para o meu filho mais velho e para mim uma visita à Casa Branca. Mandou-nos estar num determinado portão às 8 horas da manhã e preparados para nos identificarmos. David e eu chegámos ao portão e o guarda perguntou-nos delicadamente o nome. Apresentámo-nos e mostrámos-lhe as nossas credenciais. Ele disse então: «Muito bem! O sr. Warrem Wiersbe e o David! Podem entrar!» Nós entrámos na Casa Branca porque os nossos nomes estavam escritos na lista própria e tinham sido colocados ali pela intercessão de alguém. Acontece o mesmo com a nossa entrada no céu: porque confiamos em Cristo, os nossos nomes foram escritos lá e nós podemos entrar na glória unicamente pêlos seus méritos e intercessão.

#### 2. Nós falamos a linguagem do céu

Aqueles que «só pensam nas coisas terrenas» falam das coisas terrenas. Afinal de contas, o que vem à boca revela o que está no coração (Mat. 12:34-37). A pessoa não salva não compreende as coisas do Espírito de Deus (I Cor. 2:14-16), portanto, como é que pode falar a respeito delas com inteligência? Os cidadãos dos céus compreendem as coisas espirituais e gostam de falar delas e de as partilhar uns com os outros.

«Do mundo são, por isso falam do mundo, e o mundo os ouve. Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus ouve-nos; aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro» (I João 4:5-6).

Mas falar a linguagem do céu não envolve apenas o que dizemos, mas também a maneira como o dizemos. O cristão com mentalidade espiritual não anda por aí a citar versículos bíblicos durante todo o dia, mas tem o cuidado de falar de molde a glorificar a Deus. «A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder a cada um» (Col. 4:6). Nenhum crente deve jamais dizer: «Agora leva isto com um grão de sal!» Ponha o sal nas suas palavras! O sal evita a corrupção. «Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação para que dê graça aos que a ouvem» (Ef. 4:29).

### 3. Nós obedecemos às leis do céu

Os cidadãos de Filipos eram governados pela lei romana e não pela grega, apesar de estarem localizados a centenas de quilómetros de Roma. De fato, foi este princípio que pôs Paulo na cadeia quando visitou Filipos pela primeira vez (At. 16:16-24). O próprio Paulo se serviu da sua cidadania romana para garantir a sua proteção sob a lei romana (At. 16:35-40; 22:24-30).

Em 3:17, Paulo adverte os crentes de Filipos contra a tentação de imitarem o tipo errado de cidadãos. «Sede também meus imitadores». E claro que Paulo era um seguidor de Cristo e por isso a sua admoestação não é egoísta! (I Cor. 11:1). Paulo reconhecia-se como «estrangeiro» neste mundo, um «peregrino e forasteiro» (ver I Ped. 2:11). A sua vida era regida pelas leis do céu e era isso que o tornava diferente. Ele estava verdadeiramente interessado nos outros e não em si mesmo. Estava interessado em dar, não em receber. A sua motivação era o amor (II Cor. 5:14), não o ódio. Pela fé, Paulo obedeceu à Palavra de Deus, sabendo que um dia seria recompensado. Os homens poderiam fazer-lhe guerra e persegui-lo em vida, mas no dia da chamada final ele seria o vencedor.

É triste, mas há também hoje em dia aqueles que, como os judaizantes do tempo de Paulo, professam ser cidadãos do céu, mas cujas vidas estão em contradição com isso. Eles poderão ser zelosos nas suas atividades religiosas e mesmo austeros na sua disciplina, mas não há evidências do controlo do Espírito de Deus nas suas vidas. Tudo o que fazem é pela energia da carne, e toda a glória recai sobre eles. Já é muito lamentável que eles andem desviados, mas o pior é que induzem também outros a desviar-se. Não admira que Paulo chorasse por eles.

### 4. Nós somos leais à causa do céu

A cruz de Jesus Cristo é o tema da Bíblia, o coração do Evangelho e a principal fonte de louvor no céu (Apoc. 5:8-10). A cruz é a prova do amor de Deus pelos pecadores (Rom. 5:8) e do ódio de Deus pelo pecado. A cruz condena aquilo a que o mundo dá valor. Julga a humanidade e pronuncia o veredicto verdadeiro: Culpado!

Em que sentido é que os judaizantes eram os «inimigos da cruz de Cristo»? Por um lado, a cruz acabou com a religião do Velho Testamento. Quando o véu do templo se rasgou em dois. Deus estava a anunciar que o caminho para Deus estava aberto através de Cristo (Hebr. 10:19-25). Quando Jesus clamou: «Está consumado!». Ele fez um sacrifício pelos pecados e assim terminou com todo o sistema sacrificial (Hebr. 10:1-14). Pela sua morte e ressurreição, Jesus realizou uma «circuncisão espiritual» que tornou desnecessária a circuncisão ritual (Col. 2:10-13). Tudo o que os judaizantes defendiam tinha sido eliminado pela morte de Cristo na cruz!

Além disso, tudo aquilo para que eles viviam foi condenado pela cruz. Jesus tinha derrubado o muro que se erguia entre judeus e gentios (Ef. 2:14-16) e os judaizantes estavam a reconstruir esse muro! Estavam a obedecer às «justificações da carne» (Hebr. 9:10), regulamentos que apelavam à carne mas não eram dirigidos pelo Espírito. Em compensação, o verdadeiro crente crucifica a carne (Gál. 5:24). Crucifica também o mundo (Gál. 6:14). Entretanto, os judaizantes só pensavam nas «coisas terrenas». A cruz é central na vida do crente. Ele não se gloria nos homens, na religião ou nas suas próprias realizações; gloria-se na cruz (Gál. 6:14).

Paulo chora porque conhece o futuro destes homens: «cujo fim é a perdição» (v. 19). Esta palavra contém a idéia de desperdício e «perda». (Em Marcos 14:4 é traduzida por «desperdício»). Judas é chamado o «filho da perdição» e a palavra usada é a mesma (João 17:12). Uma vida desperdiçada e uma eternidade de desperdício! Em compensação, o verdadeiro filho de Deus, que é cidadão dos céus, tem um futuro brilhante.

##### 5. Nós esperamos o Senhor do céu

Os judaizantes viviam no tempo do passado, tentando levar os crentes de Filipos a retroceder para Moisés e para a lei. Mas os verdadeiros cristãos vivem no tempo do futuro, na antecipação da vinda do seu Salvador (vs. 20-21). Como contabilista, nos versículos 1-11, Paulo descobriu novos valores. Como atleta, nos versículos 12-16, ele revelou novo vigor. Agora, como estrangeiro, experimenta uma nova visão: «Esperamos o Salvador!» E esta antecipação da vinda de Cristo que motiva o crente com mente espiritual.

Há uma tremenda energia no poder presente de uma esperança futura. Foi por Abraão esperar uma cidade que se sentiu satisfeito em viver numa tenda (Hebr. 11:13-16). Foi por Moisés esperar as recompensas do céu que se dispôs a abandonar os tesouros da terra (Hebr. 11:24-26). Por causa do «gozo que lhe estava proposto» (Hebr. 12:2) é que Jesus se dispôs a suportar a cruz. O fato de que Jesus Cristo vai voltar constitui um motivo poderoso para uma vida dedicada e um serviço devotado, no presente. «E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro» (1er João 2:28-3:3).

O cidadão do céu, que vive na terra, nunca se sente desanimado porque sabe que o Senhor vai voltar um dia. Ele persevera fielmente no seu trabalho para que quando o Senhor voltar não o encontre em desobediência (Lucas 12:40-48). O crente de mentalidade espiritual não vive para as coisas deste mundo; antecipa as bênçãos do mundo futuro. Isto não quer dizer que ele ignore e negligencie as suas obrigações quotidianas. Significa, sim, que o que faz presentemente é regido pelo que Cristo fará no futuro.

Paulo menciona principalmente que o crente receberá um corpo glorioso, como o corpo de Cristo. Presentemente, vivemos num «corpo de humilhação» (que é o significado da palavra traduzida por «abatido» no ver. 21); mas quando nos encontrarmos com Cristo, receberemos um corpo de glória. Isso acontecerá num momento, num abrir e fechar de olhos (I Cor. 15:42-53)! Nesse momento, todas as coisas deste mundo nos serão inúteis — exatamente como, de um modo relativo, o devem ser já no presente! Se vivemos no tempo do futuro, então estamos a exercer a mente espiritual e a viver para as coisas que de fato importam.

Quando Jesus voltar, irá «sujeitar a si todas as coisas» (v. 21 b). Esta palavra «sujeitar» significa «colocar em categorias». Não será esse o nosso problema, hoje em dia? Nós não pomos as «coisas» na sua ordem própria. Os nossos valores estão torcidos, portanto o nosso vigor é desperdiçado em atividades inúteis e a nossa visão é ensombrada de modo que a segunda vinda de Cristo não constitui um autêntico poder motivador nas nossas vidas. Viver no tempo do futuro significa deixar que Cristo ordene as «coisas» na vida, de acordo com a categoria de cada uma. Significa também viver «com os valores da eternidade em vista» e ousar acreditar na promessa de Deus de que «aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre» (I João 2:17).

#### NÃO PRECISAMOS DE NOS PREOCUPAR

Se alguém tinha desculpa para se sentir preocupado, esse era o apóstolo Paulo. Os seus queridos irmãos cristãos de Filipos estavam em desacordo uns com os outros e ele não estava lá para os ajudar. Não podemos imaginar o desentendimento que existia entre Evódia e Síntique, mas qualquer que ele fosse, estava a concorrer para a divisão na igreja. Juntamente com essa divisão potencial em Filipos, Paulo tinha de enfrentar as discórdias entre os crentes de Roma (1:14-17). A acrescentar a estes cuidados estava a possibilidade da sua própria morte! Sim, Paulo tinha boas desculpas para ficar preocupado — mas não ficou! Em vez disso, resolve explicar-nos o segredo da vitória sobre a preocupação.

Em que consiste a preocupação? A palavra grega traduzida por «inquietos» (em cuidado), no versículo 6, significa «ser puxado em diferentes direções». As nossas esperanças puxam-nos numa direção; os nossos temores puxam-nos na direção oposta; assim, ficamos rasgados! A antiga raiz inglesa donde vem a palavra «preocupação» significa «estrangular». Se alguma vez o leitor já se sentiu realmente preocupado, sabe que isso estrangula mesmo uma pessoa! De fato, a preocupação

tem consequências físicas definidas: dores de cabeça, dores no pescoço, úlceras e mesmo dores nas costas. A preocupação afeta o pensamento, a digestão e mesmo os movimentos.

Do ponto de vista espiritual, a preocupação é um pensamento errado (a mente) e sentimento errado (o coração) a respeito das circunstâncias, das pessoas e das coisas. A preocupação é o maior ladrão da alegria. No entanto, não basta dizermos a nós próprios: «Deixa de te preocupar», porque isso nunca irá apanhar o ladrão. A preocupação é um «trabalho interno», e é preciso mais do que boas intenções para conseguir a vitória. O antídoto para a preocupação é uma mente segura: «E a paz de Deus... guardará (guardará com tropas, guardará como um soldado) os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus» (v. 7). Quando possuímos a mente segura, a paz de Deus guarda-nos (v. 7) e o Deus de paz guia-nos! (v. 9). Com este tipo de proteção — por que havemos de nos preocupar?

Se de fato queremos vencer a preocupação e experimentar uma mente segura, temos de satisfazer as condições que Deus estabeleceu. São três essas condições: orar corretamente (vs. 6-7), pensar corretamente (v. 8) e viver corretamente (v. 9).

#### 1. Orar corretamente (4:6-7)

Paulo não escreve: «Ora por esse assunto!» Ele é suficientemente sábio para não fazer isso. Emprega três palavras diferentes para descrever «orar corretamente»: oração, súplica e ação de graças. «Orar corretamente» envolve estes três aspectos. A palavra oração é o termo genérico para dar a conhecer os nossos pedidos ao Senhor. Contém a idéia de adoração, devoção e culto. Sempre que nos sentimos preocupados, a nossa primeira ação deve ser ficar a sós com Deus e adorá-LO. É isso que é necessário — adoração. Temos de ver a grandeza e a majestade de Deus! Temos de reconhecer que Ele é suficientemente grande para resolver os nossos problemas. Muitas vezes, corremos até à Sua presença e apresentamos-Lhe apressadamente as nossas necessidades, quando devíamos aproximar-nos do Seu trono com calma e profunda reverência. O primeiro passo para «orar corretamente» é adoração.

O segundo passo é súplica, um partilhar sincero das nossas necessidades e problemas. Não há lugar para oração superficial e sem sinceridade! Embora saibamos que não somos ouvidos pelo nosso «muito falar» (Mat. 6:7-8), mesmo assim reconhecemos que o nosso Pai quer que sejamos fervorosos na nossa súplica (Mat. 7:1-11). Foi assim que Jesus orou no Jardim (Hebr. 5:7), e enquanto os Seus discípulos mais íntimos dormiam, Jesus suava grandes gotas de sangue! Súplica não é uma questão de energia carnal, mas de intensidade espiritual (Rom. 15:40; Col. 4:12).

Depois da adoração e da súplica vem a gratidão, dar graças a Deus. (Ver Ef. 5:20; Col. 3:15-17). Certamente, o Pai gosta de ouvir os Seus filhos a dizer «Obrigado!». Quando Jesus curou dez leprosos, só um deles voltou para agradecer (Luc. 17:11-19), e

pergunto a mim mesmo se a porcentagem será porventura maior nos nossos dias. Somos prontos a pedir, mas lentos a agradecer.

Iremos notar que «orar corretamente» não é algo que todo o cristão possa fazer imediatamente, porque «orar corretamente» depende de um tipo correto de mente. E por isso que a fórmula de Paulo para a paz se encontra no fim de Filipenses e não no princípio. Se possuímos a mente integral do capítulo 1, então poderemos prestar adoração. (Como é que uma pessoa de coração dobre pode alguma vez louvar a Deus?) Se temos a mente submissa do capítulo 2, podemos apresentar-nos com súplica. (Como é que uma pessoa com uma mente orgulhosa iria pedir alguma coisa a Deus?) Se temos a mente espiritual do capítulo 3 podemos mostrar a nossa gratidão. (Uma pessoa de mentalidade mundana não iria reconhecer que tem alguma coisa a agradecer a Deus!) Por outras palavras, temos de praticar o capítulo 1, 2 e 3 se realmente desejamos experimentar a mente segura do capítulo 4.

Paulo aconselha-nos a levar «tudo a Deus em oração». «Não estejais inquietos por coisa alguma, mas orai por todas as coisas!» é a sua admoestação. Temos a tendência de orar a respeito das «coisas grandes» da vida e esquecemo-nos de orar acerca as chamadas «coisas pequenas» — até que elas aumentam e se tornam «coisas grandes»! Falar com Deus a respeito de todas as coisas que nos dão cuidado a nós e a Ele é o primeiro passo para a vitória sobre a preocupação.

O resultado é que a «paz de Deus» guarda o coração e a mente. Lembramo-nos que Paulo se encontrava preso a um soldado romano, guardado dia e noite. Da mesma maneira, a «paz de Deus» mantêm-se de guarda nas duas áreas que criam preocupação — o coração (sentimento errado) e a mente (pensamento errado). Quando damos os nossos corações a Cristo para a salvação, experimentamos «paz com Deus» (Rom. 5:1); mas a «paz de Deus» leva-nos um pouco mais perto das Suas bênçãos. Isso não significa ausência de lutas externas. Significa, sim, uma serena confiança interna, independentemente das circunstâncias, das pessoas ou das coisas.

Daniel dá-nos um maravilhoso exemplo de paz por meio da oração. Quando o rei anunciou que nenhum dos seus súbditos deveria orar a alguém, exceto ao rei, Daniel foi para o seu quarto, abriu as janelas e orou como de costume (Dan. 6:1-10). Notemos como Daniel orava. Ele «orava e dava graças diante do seu Deus» (v. 10) e suplicava (v. 11). Oração — súplica — ação de graças! O resultado era paz perfeita no meio da dificuldade! Daniel foi capaz de passar a noite com os leões em perfeita paz, enquanto que o rei, no seu palácio, não conseguiu dormir (v. 18)!

Iremos notar que «orar corretamente» não é algo que todo o cristão possa fazer imediatamente, porque «orar corretamente» depende de um tipo correto de mente. E por isso que a fórmula de Paulo para a paz se encontra no fim de Filipenses e não no princípio. Se possuímos a mente integral do capítulo 1, então poderemos prestar adoração. (Como é que uma pessoa de coração dobre pode alguma vez louvar a Deus?) Se temos a mente submissa do capítulo 2, podemos apresentar-nos com súplica. (Como é que uma pessoa com uma mente orgulhosa iria pedir alguma coisa a

Deus?) Se temos a mente espiritual do capítulo 3 podemos mostrar a nossa gratidão. (Uma pessoa de mentalidade mundana não iria reconhecer que tem alguma coisa a agradecer a Deus!) Por outras palavras, temos de praticar o capítulo 1, 2 e 3 se realmente desejamos experimentar a mente segura do capítulo 4.

Paulo aconselha-nos a levar «tudo a Deus em oração». «Não estejais inquietos por coisa alguma, mas orai por todas as coisas!» é a sua admoestação. Temos a tendência de orar a respeito das «coisas grandes» da vida e esquecemo-nos de orar acerca as chamadas «coisas pequenas» — até que elas aumentam e se tornam «coisas grandes»! Falar com Deus a respeito de todas as coisas que nos dão cuidado a nós e a Ele é o primeiro passo para a vitória sobre a preocupação.

O resultado é que a «paz de Deus» guarda o coração e a mente. Lembramo-nos que Paulo se encontrava preso a um soldado romano, guardado dia e noite. Da mesma maneira, a «paz de Deus» mantêm-se de guarda nas duas áreas que criam preocupação — o coração (sentimento errado) e a mente (pensamento errado). Quando damos os nossos corações a Cristo para a salvação, experimentamos «paz com Deus» (Rom. 5:1); mas a «paz de Deus» leva-nos um pouco mais perto das Suas bênçãos. Isso não significa ausência de lutas externas. Significa, sim, uma serena confiança interna, independentemente das circunstâncias, das pessoas ou das coisas.

Daniel dá-nos um maravilhoso exemplo de paz por meio da oração. Quando o rei anunciou que nenhum dos seus súbditos deveria orar a alguém, exceto ao rei, Daniel foi para o seu quarto, abriu as janelas e orou como de costume (Dan. 6:1-10). Notemos como Daniel orava. Ele «orava e dava graças diante do seu Deus» (v. 10) e suplicava (v. 11). Oração — súplica — ação de graças! O resultado era paz perfeita no meio da dificuldade! Daniel foi capaz de passar a noite com os leões em perfeita paz, enquanto que o rei, no seu palácio, não conseguiu dormir (v. 18)!

A primeira condição para uma mente segura e para a vitória sobre a preocupação é orar corretamente. A segunda é —

## 2. Pensar corretamente (4:8).

A paz envolve o coração e a mente. «Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti; porque ele confia em ti» (Isa. 26:3). Pensamento errado conduz a sentimento errado, e não demora muito que o coração e a mente sejam rasgados e nos sintamos estrangulados pela preocupação. Temos de reconhecer que os pensamentos são reais e poderosos, embora não possam ser vistos, pesados ou medidos. Temos de levar «cativo todo o entendimento à obediência de Cristo» (II Cor. 10:5).

«Semeia um pensamento, colherás uma ação.

Semeia uma ação, colherás um hábito.

Semeia um hábito, colherás um caráter.

Semeia um caráter, colherás um destino!»

Paulo indica em pormenor as coisas em que devemos pensar como cristãos.

Tudo o que é verdadeiro. O Dr. Walter Cavert referiu-se a um inquérito feito sobre a preocupação e que indicava que só 8 por cento das coisas com que as pessoas se preocupavam constituíam motivos legítimos de preocupação! Os outros 92 por cento ou eram imaginários, ou nunca tinham acontecido, ou envolviam assuntos que de qualquer maneira estavam fora do controlo das pessoas. Satanás é mentiroso (João 8:44) e quer corromper as nossas mentes com as suas mentiras (II Cor. 11:3). «Foi assim que Deus disse?» — é assim que ele se aproxima de nós, exatamente como se aproximou de Eva (Gén. 3:1 e seg.). O Espírito Santo controla as nossas mentes pela verdade (João 17:17; I João 5:6), mas o diabo tenta dominá-las pela mentira. Sempre que acreditamos numa mentira, Satanás ganha uma vitória!

Tudo o que é honesto e justo. Isto significa «digno de respeito e reto». Há muitas coisas que não são dignas de respeito, e os cristãos não devem pensar nelas. Isso não quer dizer que escondamos a cabeça na areia para evitar o que é desagradável e aborrecido, mas quer antes dizer que não focamos a nossa atenção sobre coisas indignas nem permitimos que elas controlem os nossos pensamentos.

Tudo o que é puro, amável e de boa fama. «Puro» refere-se provavelmente à pureza moral, uma vez que as pessoas daquele tempo, como agora, estavam constantemente a ser atacadas por tentações para a impureza sexual (Ef. 5:8-12; 4:17-24). «Amável» significa «belo, atraente». «De boa fama» significa «digno de que se fale sobre ele, simpático». O crente deve especializar-se em pensamentos elevados e nobres, não em pensamentos baixos deste mundo corrompido.

Tudo o que possui virtude e louvor. Se tem virtude, isso motivar-nos-á a agir melhor; e se tem louvor, é digno de que se recomende a outros. Nenhum cristão se pode dar ao luxo de desperdiçar «poder mental» em pensamentos que o arrastam para baixo e que arrastariam igualmente outros se fossem partilhados com eles.

Se compararmos esta lista com a descrição de David a respeito da Palavra de Deus no Salmo 19:7-9, veremos uma analogia. O cristão que enche o coração e a mente da Palavra de Deus terá um «radar interno» para detectar pensamentos errados.

«Muita paz têm os que amam a tua lei» (Sal. 119:165). O pensamento correto é o resultado de meditação diária na Palavra de Deus.

A terceira condição para uma mente segura é —

### 3. Viver corretamente (4:9)

E impossível separar a ação externa da atitude interna. O pecado resulta sempre em desassossego (a não ser que a consciência esteja endurecida) e a pureza deve resultar em paz. «E o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça repouso e segurança para sempre» (Isa. 32:17). «Mas a sabedoria que do alto vem é primeiramente pura, depois pacífica» (Tiago 3:17). Viver corretamente é uma condição necessária para se experimentar a paz de Deus.

Paulo põe em equilíbrio quatro atividades: «aprendestes e recebestes» e «ouvistes e vistes». Uma coisa é aprender a verdade, e outra completamente diferente é recebê-la intimamente e torná-la parte do nosso ser. (Ver I Tess. 2:13). Não basta termos fatos na cabeça; é preciso ter também as verdades no coração. No ministério de Paulo, ele não só ensinava a Palavra, mas também a vivia, de maneira que os seus ouvintes podiam ver a verdade na sua vida. A experiência de Paulo deve ser também a nossa. Temos de aprender a Palavra, recebê-la, ouvi-la e praticá-la. «Sede cumpridores da Palavra e não somente ouvintes» (Tiago 1:22).

«A paz de Deus» é um teste que mostra se estamos ou não na vontade de Deus. «Que a paz que Cristo pode dar continue a atuar como árbitro nos vossos corações» (Col. 3:15, WMS). Se andarmos com o Senhor, então a paz de Deus e o Deus de paz exercerão a sua influência nos nossos corações. Sempre que desobedecemos, perdemos essa paz e sentimos que fizemos algo de errado. A paz de Deus é o «árbitro» que nos chama a atenção.

Orar corretamente, pensar corretamente e viver corretamente: são estas as condições para termos uma mente segura e a vitória sobre a preocupação. Como Filipenses 4 é o «capítulo da paz» do Novo Testamento, Tiago 4 é o «capítulo da guerra». Começa com uma pergunta: «Donde vêm as guerras e pelejas entre vós?» Tiago explica as causas da guerra: oração errada («Pedis e não recebeis, porque pedis mal», v. 3), pensamento errado («Vós de duplo animo, purificai os corações», v. 8) e viver errado («Não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus?», v. 4). Não há meio termo. Ou rendemos o nosso coração e mente ao Espírito de Deus e oramos, pensamos e vivemos corretamente, ou nos entregamos à carne e acabamos dilacerados pela preocupação.

Não precisamos de nos preocupar! A preocupação é um pecado! (Leu porventura Mateus 6:24-34, ultimamente?) Com a paz de Deus para nos guardar e o Deus de paz para nos guiar — porque havemos de nos preocupar?

## O SEGREDO DO CONTENTAMENTO

«O problema com ele é que é um termômetro e não um termostato!»

Esta afirmação feita por um dos seus diáconos despertou a curiosidade do pastor. Estavam a falar sobre possíveis membros para a junta diretiva, quando surgiu o nome de Jim.

«O caso é este, Pastor» — explicou o diácono — «Um termômetro não muda nada à sua volta — limita-se a registrar a temperatura. Está sempre a subir e a descer. Mas o termostato regula a zona em que se encontra e muda-a sempre que precisa de ser mudada. Jim é um termômetro — não tem poder para mudar as coisas. Em vez disso, são elas que o mudam a ele!»

O apóstolo Paulo era um termostato. Em vez de ter altos e baixos espirituais conforme a situação ia mudando, continuava em frente, fazendo fielmente o seu trabalho e servindo a Cristo. As suas referências pessoais no fim desta carta mostram

que ele não era uma vítima das circunstâncias, mas um vencedor: «Eu posso aceitar tudo (v. 11); «Posso todas as coisas» (v. 13); «Tenho abundância» (v. 18). Paulo não precisava de estar empanturrado para se sentir contente; encontrava a sua satisfação nos recursos espirituais abundantemente providenciados por Cristo.

Contentamento não é complacência, nem tão pouco é uma falsa paz baseada na ignorância. O crente complacente não se mostra interessado pelos outros, enquanto que o cristão contente deseja partilhar as suas bênçãos. Contentamento não é uma fuga da batalha, mas antes uma paz e confiança permanentes no meio do combate. «Já aprendi a contentar-me com o que tenho» (v. 11). Duas palavras são de suma importância neste versículo — «aprendi» e «contentar-me».

O verbo «aprender» significa «aprender por experiência». O contentamento espiritual de Paulo não era algo que ele tivesse experimentado logo depois de ser salvo. Ele teve de passar por muitas experiências difíceis na vida, a fim de aprender a contentar-se. A palavra «contente» significa na verdade «contido». E a descrição do homem cujos recursos estão dentro dele, de modo que não precisa de depender de substitutos externos. O termo grego significa «auto-suficiente» e era muito querido dos filósofos estóicos. Contudo, o cristão não é suficiente em si mesmo; é suficiente em Cristo. E por Cristo viver em nós que podemos enfrentar as exigências da vida.

Neste capítulo, Paulo menciona três maravilhosos recursos espirituais que nos tornam aptos e nos dão contentamento.

#### A Soberana providência de Deus (4:10).

Nesta época de proezas científicas, ouvimos cada vez menos falar a respeito da providência de Deus. Por vezes ficamos com a idéia de que o mundo é uma grande máquina natural e que nem o próprio Deus pode interromper as suas rodas em movimento. Mas a Palavra de Deus ensina claramente as obras providenciais de Deus na natureza e nas vidas do Seu povo. O termo «providência» deriva de duas palavras latinas: pró, que significa «antes» e vídeo, que significa «ver». A providência de Deus significa simplesmente que Deus cuida das coisas com antecedência. Não quer dizer que Deus simplesmente sabe com antecedência porque a providência envolve muito mais que isso. E a obra de Deus antecipada para ordenar as circunstâncias e situações para o cumprimento dos Seus propósitos.

A conhecida história de José e seus irmãos ilustra o sentido de providência (Gén. 37-50). Os irmãos de José invejavam-no e venderam-no como escravo quando ele tinha apenas 17 anos de idade. Foi levado para o Egito, e ali Deus revelou que sete anos de fome se seguiriam a sete anos de abundância. Foi através da interpretação feita por José dos sonhos de Faraó que esse fato foi descoberto. Por esse motivo, José foi elevado à posição de governador do Egito. Após 20 anos de separação, os irmãos de José reconciliaram-se com ele e compreenderam o que o Senhor tinha feito.

«Para conservação da vida Deus me enviou diante da vossa face!» — disse José (Gén. 45:5). «Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem» (Gén. 50:20). A providência de Deus é isto: a Sua mão governando e dominando sobre os assuntos da vida. Paulo experimentou esta providência divina na sua vida e ministério e assim pôde escrever: «Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados pelo seu decreto» (Rom. 8:28). Na sua providência, Deus tinha levado a igreja de Filipos a interessar-se sinceramente pelas necessidades de Paulo e isso aconteceu exatamente quando o apóstolo mais necessitava do seu amor! Eles já tinham manifestado o desejo de o ajudar, mas não haviam tido oportunidade. Muitos cristãos dos nossos dias têm as oportunidades, mas falta-lhes um genuíno interesse!

A vida não consiste numa série de acidentes; é uma série de compromissos. «Guiar-te-ei com os meus olhos» (Sal. 32:8). Abraão chamou a Deus «Jeová Jire» querendo dizer «O Senhor proverá» (Gén. 22:14). «E quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas» (João 10:4). A providência de Deus é isto, uma fonte maravilhosa de contentamento.

## 2. O infalível poder de Deus (4:11-13)

Paulo tem pressa em mostrar aos seus amigos que não está a lamentar-se! A sua felicidade não depende de circunstâncias ou coisas; a sua alegria vem de algo mais profundo, algo que não depende nem da pobreza nem da prosperidade. Muitos de nós temos aprendido a «ficar abatidos», porque quando as dificuldades surgem corremos imediatamente para o Senhor! Mas são poucos os que têm aprendido a «ter abundância». A prosperidade tem causado mais dano aos crentes, do que a adversidade. «Rico sou e estou enriquecido, e de nada tenho falta» (Apõe. 3:17).

A palavra «instruído» no versículo 12 não é a mesma empregada para «aprendido», no versículo 11. «Instruído» significa «iniciado no segredo». Essa palavra era usada nas religiões pagãs com referência aos seus «segredos mais íntimos». Através das aflições e provas Paulo foi «iniciado» no maravilhoso segredo do contentamento, independentemente de pobreza ou prosperidade: «Posso todas as coisas naquele que me fortalece» (v. 13). Era o poder de Cristo nele que lhe dava contentamento espiritual.

O nevoeiro tinha coberto o campo de aviação de O'Hare, o aeroporto que serve Chicago, e a minha partida estava atrasada. Encontrava-me sentado no terminal, lendo um livro e pedindo intimamente ao Senhor que cumprisse os Seus planos em relação a minha viagem. Ao meu lado estava um senhor à espera do mesmo avião, mas ele andava para a frente e para trás, como um leão enjaulado, e a linguagem que usava para descrever o nevoeiro tornava a atmosfera ainda mais densa! Pensei comigo mesmo: «Aqui está um homem sem qualquer recurso interior.» Mais tarde, ele perguntou-me como é que eu podia estar tão calmo, quando os aviões estavam todos atrasados, e eu tive então oportunidade de partilhar o evangelho com ele.

Ao regressar de avião a Chicago, vindo do norte do Estado de Nova Iorque, via cidade de Nova Iorque, tivemos, como acontece muitas vezes, de sobrevoar o aeroporto Kennedy durante mais de uma hora. Quando a hospedeira de bordo anunciou que iríamos aterrar com uma hora de atraso, um passageiro que se encontrava do outro lado da coxia, gritou: «Traga-me um licor!» Era esse o seu único recurso quando as coisas lhe corriam mal.

Tudo na natureza depende de recursos escondidos. As grandes árvores enviam as suas raízes para o interior da terra para puxarem água e sais minerais. Os rios têm as suas fontes nas montanhas cobertas de neve. A parte mais importante de uma árvore é aquela que não se pode ver — o sistema das raízes; e a parte mais importante da vida de um cristão é aquela que só Deus vê. A não ser que puxemos os profundos recursos de Deus pela fé, fracassaremos perante as pressões da vida. Paulo dependia do poder de Cristo em ação na sua vida. (Ver 1-6,21; 2:12-13 ; 3:10). «Eu posso — por Cristo!» era o seu lema, e pode ser também o nosso.

«Eu estou pronto para tudo pela força daquele que vive em mim», é assim que J. B. Phillips traduz o versículo 13. A Bíblia Viva apresenta o mesmo versículo deste modo: «Eu posso fazer tudo o que Deus me pede, com a ajuda de Cristo que me dá a força e o poder.» Seja qual for a tradução que preferiremos, todas elas dizem a mesma coisa: o cristão tem dentro de si todo o poder de que necessita para estar apto a enfrentar as exigências da vida. Só precisamos de libertar esse poder pela fé.

Todo o cristão devia ler O Segredo Espiritual de Hudson Taylor escrito pelo Dr. e senhora Howard Taylor, pois ilustra este princípio de poder interior na vida de um grande missionário na China. Durante muitos anos, Hudson Taylor trabalhou esforçadamente e achava que estava a confiar em Cristo para a satisfação das suas necessidades, mas mesmo assim ele não tinha alegria nem liberdade no seu ministério. Foi então que uma carta de um amigo lhe abriu os olhos para a suficiência de Cristo. «Não é por confiar na minha própria fidelidade, mas por esperar no Fiel!» —disse ele. Isto marcou uma reviravolta na sua vida. Momento após momento, ele extraía o poder de Cristo para cada responsabilidade diária, e o poder de Cristo levava-o à vitória.

Jesus ensina esta mesma lição no sermão a respeito da videira e das varas, em João 15. Ele é a Videira; nós somos as varas. A vara só serve para produzir fruto. Doutra maneira, podemos perfeitamente queimá-la. A vara não dá fruto pelo seu próprio esforço, mas extraíndo vida da videira. «Sem mim, nada podeis fazer» (João 15:5). À medida que o crente mantém a sua comunhão com Cristo, o poder de Deus está presente para o ajudar a chegar ao fim. «Eu sou auto-suficiente na suficiência de Cristo» (Fíl. 4:13, BA).

A soberana providência de Deus e o infalível poder de Deus são dois recursos espirituais de que podemos extrair o poder de que necessitamos para sermos suficientes para as tarefas da vida. Existe, contudo, um terceiro recurso.

### 3. A imutável promessa de Deus (4:14-20)

Paulo agradece à igreja de Filipos a sua generosa oferta. Ele compara a dádiva dela a três coisas muito comuns:

(1) Uma árvore que desabrocha (v. 10). A palavra «reviver» (em inglês— «florescer de novo») contém a idéia de uma flor ou de uma árvore que desabrocha ou floresce. Muitas vezes atravessamos «estações de inverno» espirituais, mas logo surge a primavera e com ela nova vida e bênção. A árvore em si não é arrancada nem levada para outro lado; as circunstâncias não mudam. A diferença está nessa nova vida interior.

(2) Um investimento (vs. 14-17). Paulo considerava aquela oferta missionária como um investimento que compensaria os crentes de Filipos com ricos dividendos espirituais. A expressão «tomar parte» é no original a mesma palavra traduzida por «comunhão». A igreja entrou num sistema de «dar e receber»; a igreja deu materialmente a Paulo, e recebeu espiritualmente do Senhor. Deus mantém em ordem os Seus livros e nunca deixa de pagar a ninguém os dividendos espirituais. E pobre a igreja que não partilha materialmente com os outros.

(3) Um sacrifício (v. 18). Paulo considerava aquela oferta como um sacrifício espiritual colocado no altar para glória de Deus. Há coisas como «sacrifícios espirituais» na vida cristã (ver I Ped. 2:5). Nós temos de apresentar os nossos corpos como sacrifícios espirituais (Rom. 12:1-2), bem como o louvor dos nossos lábios (Hebr. 13:15). As boas obras são um sacrifício ao Senhor (Hebr. 13:16) e são-no igualmente as almas perdidas que temos o privilégio de ganhar para Cristo (Rom. 15:16). Aqui, Paulo vê os crentes de Filipos como sacerdotes, entregando a sua oferta como sacrifício ao Senhor. À luz de Malaquias 1:6-14 precisamos de apresentar o melhor que temos ao Senhor.

Todavia, Paulo não vê esta oferta como vindo simplesmente de Filipos. Considera-a como a provisão do céu para a sua necessidade. A confiança de Paulo estava no Senhor. Existe um contraste interessante entre o versículo 18 e o 19. Podíamos defini-lo deste modo, se quiséssemos parafrasear Paulo: «Vós satisfizestes a minha necessidade e Deus vai satisfazer a vossa necessidade. Vós satisfizestes uma necessidade que eu tenho, mas Deus satisfará todas as vossas necessidades. Vós repartistes da vossa pobreza, mas Deus suprirá as vossas necessidades das Suas riquezas em glória!».

Deus não prometeu suprir todas as nossas «ganâncias». Quando o filho de Deus está na vontade de Deus, servindo para a glória de Deus, então verá satisfeitas todas as suas necessidades. Hudson Taylor disse muitas vezes: «Quando o trabalho de Deus é feito à maneira de Deus e para a glória de Deus, não terá falta da ajuda de Deus.»

Um jovem pastor foi pastorear uma igreja que estava habituada a levantar o seu orçamento anual através de jantares, bazares e coisas do género. Ele disse aos dirigentes que não podia concordar com esse programa. «Vamos orar e pedir ao

Senhor que satisfaça todas as nossas necessidades» — sugeriu ele. «No fim do mês paguem todas as contas e deixem o meu salário para último lugar. Se não houver dinheiro suficiente para o meu salário, então serei eu a sofrer e não a igreja. Mas eu creio que ninguém vai sofrer! Os dirigentes tinham a certeza de que tanto o pastor como a igreja iriam morrer, mas não foi isso que aconteceu. Todos os meses as contas foram pagas e no fim do ano, pela primeira vez em muitos anos, havia saldo na tesouraria.

O contentamento vem de recursos adequados. Os nossos recursos são a providência de Deus, o poder de Deus e as promessas de Deus. Estes recursos tornaram Paulo suficiente para enfrentar todas as exigências da vida e podem tornar-nos também a nós.

### PONDO OS FILIPENSES EM AÇÃO

Agora que completou o escudo desta carta emocionante e prática, não perca o que aprendeu! A melhor coisa no que toca a um estudo bíblico não é aprender, mas viver. Assim, eis algumas sugestões para manter a alegria na sua vida.

1. Entregue a sua mente ao Senhor no principio de cada dia. Isto faz parte da dedicação: «Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo... E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento (mente), para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus» (Rom. 12:1-2). Dê a Deus o seu corpo, a sua mente e a sua vontade — pela fé — ao iniciar o dia.

2. Deixe que o Espírito Santo renove a sua mente através da Palavra. A leitura diária e sistemática da Bíblia é uma necessidade se realmente deseja ter vitória e alegria.

3. Ao orar, peça a Deus que lhe dê nesse dia uma mente integral, uma mente submissa, uma mente espiritual e uma mente segura. Ao apreciar a ordem de trabalhos para o dia, certifique-se de que nada do que planejou irá roubar-lhe a alegria que Deus quer que experimente. Talvez tenha de se encontrar com alguém que não lhe é particularmente simpático. Peça a Deus que lhe dê a mente submissa de que irá necessitar. Ou, quem sabe, poderá ter de atravessar uma experiência difícil. Nesse caso, certifique-se de que tem a mente integral, verdadeiramente interessada em Cristo e no evangelho, e não simplesmente nos seus próprios gostos pessoais.

4. Durante o dia, «cuide da sua mente!» Se verificar que está a perder a sua paz e alegria interiores, pare imediatamente e faça a sua avaliação. Terei eu a mente integral? Terei eu perdido uma oportunidade de glorificar a Cristo? Teria eu sido um pouco impulsivo a ponto de perder a mente submissa? Se descobrir que pecou, então confesse o fato imediatamente ao Senhor (I João 1:9). Se possível, vá remediar o seu

erro. Se não puder fazer isso, peça a Deus que lhe dê uma outra oportunidade de testemunho.

5. Guarde os portões da sua mente. Lembre-se da admoestação de Paulo em Filipenses 4:8 — «Tudo o que é verdadeiro... honesto... justo... puro... amável... de boa fama... nisso pensai.» Quando um pensamento desagradável ou impuro entrar na sua mente, abandone-o imediatamente. Se o abrigar, ele irá ganhar raízes e crescer — e roubar-lhe a alegria. Em certas ocasiões, Satanás lançará os seus «dardos inflamados» contra si; outras vezes, servir-se-á de pessoas para o fazerem por ele. Uma das melhores maneiras de derrotar os maus pensamentos é encher a mente de textos bíblicos; assim, dê tempo à memorização da Palavra de Deus.

6. Lembre-se de que a sua alegria não deve ser guardada egoisticamente: ela constitui o meio de Deus glorificar a Cristo e ajudar os outros através de si. Cristo primeiro, os outros a seguir e por fim nós próprios; o resultado é — ALEGRIA.